ROSALDO BONNET

AS CRUZADAS, OS TEMPLÁRIOS E A MAÇONARIA

UMA SAGA HISTÓRICA DE RIQUEZA, PODER, TRAIÇÃO E FÉ.

1° EDIÇÃO
REVISADA

AS CRUZADAS, OS TEMPLÁRIOS E A MAÇONARIA.

Rosaldo Bonnet

Direitos Autorais © 2021 ***Rosaldo Bonnet*** Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fatos históricos. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

ISBN: 9798521961726

Selo Editorial : Independently published.

Design da Capa por: Rosaldo Bonnet

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2018675309

Impresso no Brasil

Oração do Peregrino

Se ao longo do caminho eu tropeçar em pedras de tropeço. Que eu tenha força e uma mão amiga para me levantar.

Se ao longo do caminho eu sentir fome, que o alimento físico não me falte, assim como o espiritual.

Se ao longo do caminho eu tiver frio, que o calor me seja me dado por um cobertor ou pela presença do calor de D'us.

Que eu possa caminhar, pela bondade, pela paz, pelo amor e pela caridade! Mas, permita que meu caminho se desvie, da inveja, do ódio, da ganância e maldade.

Que ao longo da caminhada, as pedras de tropeço transformem-se em pedras de calçamento, para proteger meus pés, dos percalços do caminho.

Que ao longo desta caminhada, a esperança seja meu norte, o amor ao próximo, a minha bússola e a luz da sabedoria meu mapa.

Mas principalmente, que ao longo do caminho seja-me ofertado não só um caminho, mas vários. Para que, mesmo de maneiras distintas, esses vários caminhos me levem à Luz.

E evitando assim os atalhos maliciosos, que prejudicam a caminhada por suas armadilhas e por estarem permeados de pedras de tropeço. E por isso fazem com que a busca da luz torne-se mais difícil.

Mas que meu caminho, permita que mesmo descalço eu consiga ir longe, pois saberei que estarei calçado por D'us.

Sumário

AS CRUZADAS, OS TEMPLÁRIOS E A MAÇONARIA.
Oração do Peregrino
PREFÁCIO
CAPÍTULO I
AS CRUZADAS
Início - Clermont, novembro de 1095 d.C.
A Primeira Cruzada e seus Desdobramentos
O Pós 1° Cruzada e As Demais Cruzadas.
CAPÍTULO II ORDEM DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO E DO TEMPLO DE SALOMÃO
Hugo de Payens, e os precedentes históricos dos Templários
Os "Nove Cavaleiros" e as Lendas da Origem.
A Evolução dos Templários
A Origem da Riqueza e do Poder
O início do fim.
O Fim
CAPÍTULO III
OS FRANCO MAÇONS
As Catedrais.
As Guildas, Corporações de Ofício e "Compagnonnages"
Templários, os Maçons Operativos e os Maçons Aceitos.
A Maçonaria dos Aceitos.
Ponderações Finais.
APÊNDICES
Cronologia Histórica
Cidades e Geografia
Mapas
Personagens
Relação dos Grão Mestres Templários
NOTAS

PREFÁCIO

“ Os homens sentem uma grande atração pela esperança e pelo receio, e uma religião sem inferno nem paraíso não poderia agradar-lhes de modo algum."

Barão de Montesquieu

Quando iniciei o projeto do livro, desejava como pesquisador entender a relação que havia entre as Cruzadas, os Templários e os Maçons, o que de fato foi o objeto e escopo principal da obra. Contudo, ao longo do desenvolvimento literário muitas questões que eu considerava secundárias ganharam destaque e o que mais me chamou a atenção, e ainda chama, é a visão que os árabes tinham em relação aos Cruzados, na realidade eles e os próprios bizantinos. Para ambos, os "*Franj*" (denominação que se era dada aos cristãos) não passavam de bárbaros, incultos e cruéis, o que de fato ao longo dos capítulos percebe-se. Com base nisso é Interessante, destacar um trecho do livro *As Cruzadas vistas pelos árabes*, do escritor Amin Maalouf, onde se relata a queda de Jerusalém:

Foi numa sexta-feira (...) que os “franj” se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de quarenta dias. Os exilados ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espalham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas. Dois dias depois de cessada a chacina não havia mais um só muçulmano do lado de dentro das cidades. Alguns aproveitaram-se da confusão para fugir, pelas portas que os invasores haviam arrombado. Outros jaziam em poças de sangue (...). Os últimos sobreviventes forçados a cumprir a pior das tarefas: transportar os cadáveres dos seus, amontoando-os, sem sepultura, nos terrenos baldios para depois queimá-los.”

Na literatura ocidental e no imaginário popular nos colocado pelos livros de História, esse período onde Cruzadas, Ordens Militares e a Nobreza lutavam para reconquistar a "Terra Santa", onde as grandes catedrais foram erigidas por Maçons Operativos e onde a Europa se recuperava estruturalmente do período negro pós queda de Roma, houve a distorção de muitos fatos. Sempre ficou subentendido que os hereges, infiéis e bárbaros eram o muçulmanos, porém, episódios muitas vezes pouco explorados nos mostram que mesmo personagens históricos como Ricardo, o Coração de Leão tiveram sua biografia maculada por ações pouco cristãs! Vale mensurar que Ricardo, mesmo tendo o respeito do Sultão Saladino, não teve a nobreza e a compaixão do Sultão e uma passagem histórica mostra bem isso, foi quando Saladino ao tomar a cidade de Aleppo, que estava dominada pelos Cruzados, permitiu que os derrotados saíssem, levando inclusive suas riquezas. Porém, Aleppo, ao ser reconquistada pelo monarca inglês, em vez do comportamento humanista do sultão árabe, Ricardo ordenou e promoveu uma matança geral, de homens, mulheres e crianças. E isso se repetiria não só em Jerusalém, a “Cidade Santa”, mas em outros lugares, inclusive como veremos ao longo do livro na própria Europa.

Talvez o que mais marcou esse período, foi não só o barbarismo de ambos os lados, mas também as intrigas palacianas, as traições e a ambição por riquezas e poder, tudo disfarçado sobre o alicerce da fé. Não só no lado Cruzado, mas igualmente entre os sultões muçulmanos, o que trazia desunião e enfraquecimento de ambos os lados, e sábio era o que conseguia explorar essas fraquezas para proveito próprio. Não só entre os nobres, mas nas próprias Ordens Militares (Templários, Hospitalários e Cavaleiros

Teutônicos) havia querelas e rixas, o que ocasionou derrotas e fracassos em muitas campanhas bélicas. Essa visão passada pelo livro, ao longo de todos os seus capítulos, talvez tire um pouco do misticismo histórico desse período, mas clarifica o leitor mesmo que de forma mínima, dando um panorama mais próximo da realidade.

Mesmo nos capítulos como onde é narrado a evolução de Templários e Maçons, houve uma incessante busca pela racionalidade, sem se deixar cair nas armadilhas das lendas e estórias que margeiam o período. Desmistificar essas "auras místicas" é importante, pois na falta de muitos documentos comprobatórios a subjetividade impera, e ao imperar incentiva teorias que rondam ao absurdo. Numa época onde a fé sempre foi um instrumento de expiação, submissão e escravidão, qualquer ato era interpretado ou como pecado ou como sinal de Deus. E como exposto na obra, a Igreja soube usar a fé como ópio para entorpecer os servos e a própria nobreza, objetivando não virar alvo destas duas classes, ao mesmo tempo que buscava alicerçar seu poder no continente europeu. E essa seara, foi muito bem explorada no decorrer da obra, de forma a permitir ao leitor desenvolver um senso crítico não só em relação à Igreja, mas igualmente aos Templários e Maçons.

Evidente que esse racionalismo e pragmatismo, não só dos envolvidos ocidentais, mas também dos bizantinos e árabes foi o que teceu e estruturou as outras eras da humanidade e seu desenvolvimento, talvez sem as Cruzadas ou na falha destas, o mundo fosse totalmente diferente do até então conhecido. Claro, assim como nos proporcionou o atual estágio, igualmente propagou o ódio vigente até hoje entre religiões, raças e visões políticas. Seria diferente se tivesse dado errado ? Temerário dizer ou até mesmo improvável tentar analisar, por ser algo que não ocorreu. A

conjunção de fatores oportunizou as situações narradas, assim como o oportunismo de muitos dos personagens do livro, que souberam explorar e gerar rendimentos sob as brechas abertas, quer seja para uso pessoal, quer seja para estimular as massas pela fé. Ao analisar esse período, pode-se com certeza presumir que o racionalismo e o pragmatismo foram os instrumentos geradores da fé, pois sem ela, seria quase impossível agregar os nobres e servos para aderir não só às Cruzadas, mas igualmente aos Templários e aos Maçons.

Um bom resumo, do livro pode ser expressado por Napoleão Bonaparte que dizia "A religião é aquilo que impede os pobres de matarem os ricos." e cabe com isso uma reflexão do leitor após a conclusão da leitura, se a frase do Imperador Francês faz sentido ou não. É fato que nesse período histórico a religião foi essencial para apaziguar as massas e a ambição dos nobres. Por fim antes do início da leitura propriamente dita, assertivamente Bakunin explicitou sua opinião em relação a Religião e Fé, no texto abaixo:

Estamos convencidos de que o pior mal, tanto para a humanidade quanto para a verdade e o progresso, é a Igreja. Poderia ser de outra forma? Pois não cabe à Igreja a tarefa de perverter as gerações mais novas e especialmente as mulheres? Não é ela que, através de seus dogmas, suas mentiras, sua estupidez e sua ignomínia tenta destruir o pensamento lógico e a ciência? Não é ela que ameaça a dignidade do homem, pervertendo suas idéias sobre o que é bom e o que é justo? Não é ela que transforma os vivos em cadáveres, despreza a liberdade e prega a eterna escravidão das massas em benefício dos tiranos e dos exploradores? Não é essa mesma Igreja implacável que procura perpetuar o reino das sombras, da

ignorância, da pobreza e do crime? Se não quisermos que o progresso seja, em nosso século, um sonho mentiroso, devemos acabar com a Igreja.

Do Autor

CAPÍTULO I

AS CRUZADAS

Início - Clermont, novembro de 1095 d.C.

Sob o domínio árabe desde 638 d.C. Jerusalém, a cidade sagrada, sempre foi considerada para cristãos, judeus e muçulmanos um lugar sacro de adoração e peregrinação. E a cristandade, sempre ressentiu que um dos lugares mais importantes para o cristianismo, estivesse sob julgo muçulmano. Os árabes eram considerados infiéis, hereges e uma ameaça ao poder da Igreja Católica Romana e suas pretensões expansionistas. Além de Roma, o Império Bizantino, também via seus domínios e territórios em risco. A Igreja se expandia pela Europa e por já haver problemas demais na consolidação de seu poder, o poderio muçulmano tinha força suficiente para atrasar e até impedir a expansão Católica no continente europeu. Se não bastasse o lado político e estratégico da questão, um outro precedente mexia muito com os brios cristãos, a Cúpula da Rocha, um santuário islâmico erigido onde teria sido o altar de sacrifícios usado por Abrão, Jacó e outros profetas bíblicos. Esse altar, era usado para realização de rituais judaicos e possuía grande valor religioso para judeus e cristãos. Há quem acredite, que a rocha foi o local do Santo dos Santos, uma parte do templo judaico, onde o sumo sacerdote entrava anualmente, para expiar os pecados de Israel. Os muçulmanos, igualmente, o consideravam sagrado, por ser o lugar de partida da Al Miraaj (viagem aos céus realizada por Maomé), o que tornava a questão delicada para as três religiões monoteístas. Foi sob esse contexto histórico, que viveu Oto de Chatillon, nome de batismo de Urbano II antes de se tornar Papa. Sua vida monástica iniciou-se como monge beneditino na Abadia de Cluny, foi eleito papa em 1088 d.C. no Concílio em Terracina, próximo de Roma, onde adotou o nome pontifício de Urbano II. Como papa, suas principais realizações além do desencadeamento da Primeira

Cruzada, foi a estruturação administrativa da Cúria Romana, que a partir de então passou a ter a estrutura atual. Foi sob esse contexto histórico, que viveu Oto de Chatillon, nome de batismo de Urbano II antes de se tornar Papa. Sua vida monástica iniciou-se como monge beneditino na Abadia de Cluny, foi eleito papa em 1088 d.C. no Concílio em Terracina, próximo de Roma, onde adotou o nome pontifício de Urbano II. Como papa, suas principais realizações além do desencadeamento da Primeira Cruzada, foi a estruturação administrativa da Cúria Romana, que a partir de então passou a ter sua forma atual. Morreu em 1099 d.C., alguns meses antes de poder ver e comemorar a tão sonhada conquista de Jerusalém, bem como a concretização dos objetivos planejados.

O mês era novembro, e após quase sete anos de sua eleição, Urbano II estava ali diante de muitos nobres e clérigos na cidade de Clermont, um importante chamado seria feito, em nome da cristandade e de Deus. Os cristãos e a Terra Santa, que clamavam por esse momento há anos, mais do que nunca precisavam dele e dos homens de coragem que se prontificaram a atender o clamor, o "chamado". Jerusalém, a cidade sagrada, tinha sido conquistada por infiéis, e os cristãos não podiam deixar os hereges profanarem seus templos e seus lugares sagrados. O Papa, mais do que ninguém sabia que não se tratava apenas de uma questão religiosa, outras questões o incomodavam também. Para isso ele precisaria unir todos os nobres e cavaleiros europeus diante de um objetivo comum, uma "causa santa". O início dessa história foi marcado por essa convocação e pela força das palavras, que deveria conclamar todos os homens de fazê-los atender a esse desígnio de Deus. Uma guerra santa, uma Cruzada, em nome de um objetivo sagrado, Jerusalém, e em discurso, o Papa, conclamou a nobreza com as seguintes dizeres:

"Francos!!! Vós que sois os mais habilidosos dentre todos os cavaleiros, gostaria de um passo à frente. Sobre a palavra do Santíssimo haverão de seguir e combater!! Não se esmerem em morrer em combate, para varrer a Sagrada Jerusalém da raça amaldiçoada que a profana, avilta-a. Pois, sois conhecedores da palavra e diante do Estandarte de Nosso Senhor e Salvador reconquistem o que é nosso de direito!!!

Quantas igrejas esses inimigos de Deus conspurcaram e destruíram? Ouvimos de altares e relíquias sendo profanados por sujeira produzida por corpos turcos. Ouvimos sobre verdadeiros crentes sendo circuncidados e o sangue desse ato sendo vertido em pias batismais. O que podemos vos dizer? Turcos transformam solo sagrado em estábulo e chiqueiro, expelem o conteúdo de seus fétidos e putrefatos corpos em vestimentas dos emissários do Evangelho de Nosso Senhor. Os descrentes forçam Cristãos a ajoelhar sobre essas roupas imundas, curvar as cabeças e esperar o golpe da espada. Essas vestes, que através da imundície e sangue são Testemunhas das aberrações fruto da falta da verdadeira fé, são exibidas junto com corpos dos mártires. O que mais devemos lhes dizer, ó fiéis? Os turcos abusam de mulheres cristãs. Turcos abusam de crianças cristãs.

Pensai nos peregrinos da fé que cruzam o mar, obrigados a pagar passagem em todos os portões e igrejas de todas as cidades. Quão frequentemente esses irmãos no sangue de Cristo passam por humilhações e falsas acusações?

Aqueles que viajam na pobreza, como são recebidos nesses lugares de nenhuma fé? São vasculhados em busca de moedas escondidas. As calosidades em seus joelhos, causadas pelo ato de fé ao Nosso Senhor, são abertas por lâminas. Aos fiéis são dadas bebidas vomitórias para que sejam vasculhadas suas emissões estomacais. Após isso são ainda obrigados a sorver excremento liquefeito de bodes e cabras de forma a esvaziar suas entranhas. Se nada for encontrado que satisfaça esses filhos

do inferno, ó fiéis, escutai. Turcos abrem com lâmina da espada as barrigas dos verdadeiros seguidores, de Jesus Cristo em busca de peças de ouro ingeridas e assim escondidas.

Espalham e retalham entranhas mostrando assim o que a natureza manteria secreto. Tudo à procura de riquezas ou por prazer insano. Turcos perfuram os umbigos dos fiéis, amarram suas tripas a estacas e afastam os cristãos, prendendo-os com cordas a outro poste, de forma a que vejam suas próprias entranhas endurecendo ao sol, apodrecendo e sendo consumidas por corvos e vermes. Os Turcos perfuram irmãos na fé com setas, fazem dos mais velhos alvos móveis para seus malditos arcos. Queimam os braços e pernas dos mártires até carboniza-los e soltam cães famintos para os devorar ainda vivos.

Ó Francos, o que dizer? O que mais deve ser dito?

A quem, pois, deve ser dirigida a tarefa de vingança tão santa quanto a espada de São Miguel? A quem Nosso Senhor poderia confiar tal tarefa senão aos seus mais abençoados e fiéis filhos? Ó Francos, vós não sedes habilidosas cavaleiros? Poderosos guerreiros ao serviço da palavra de Deus? Próximos a São Miguel na habilidade de expurgar o mal pela espada? Deem um passo à frente! Não mais levantarão as espadas entre si, ceifando vidas e pecando contra o Evangelho. Aproximem-se guerreiros abençoados.

Os que dentre vocês roubaram tornem-se agora soldados, pois a causa é suprema. Aqueles que cultivam mágoas juntem-se aos seus causadores, pois a irmandade é essencial ao objetivo. Aproximem-se os que desejam vida eterna, aproximem-se os que desejam absolvição no sagrado.

Sabei que Nosso Senhor espera seus filhos em lugar abençoado. Na palavra do Santíssimo seguirão e combaterão, não deixem que obstáculos os parem, creiam na palavra de Deus e nada os deterá. Deixai todas as

controvérsias para trás! Uni-vos e acreditai! Não permitais que posses ou família vos detenham.

Lembrai-vos das palavras de Nosso Salvador, "Aquele que abandonar sua morada, família, riqueza, títulos, pai ou mãe pelo meu nome, receberá mil vezes mais e herdará a vida eterna".

Se os Macabeus dos tempos de outrora conquistaram glória pela sua luta de fé, da mesma forma a chance é ofertada a vós. Resgatai a Cruz, o Sangue e a Tumba de Nosso Senhor. Resgatai o Gólgota e santifiquei o local. No passado vós não vos lutastes pondo em risco de perdição? Não levantastes aço contra iguais? Orgulho, avareza e ganância não foram vossas diretivas? Por isso vós merecestes a danação, o fogo e a morte perpétua. Nosso Senhor em sua infinita sabedoria e bondade oferece aos seus bravos, porém desvirtuados filhos, a chance de redenção. A recompensa do sagrado martírio. Ó Francos, ouvi! Deixai a chama sagrada arder nos vossos corações! Sede instrumentos da justiça em nome do Supremo! Francos! A Palestina é lugar de leite e mel fluindo, território precioso aos olhos de Deus. Um lugar a ser conquistado e mantido apenas pela fé. Nós apelamos às vossas espadas!

Lutai contra a amaldiçoada raça que avilta a terra sagrada, Jerusalém, fértil acima de todas outras. Glorificai as peregrinações para o centro do mundo, consagrai-vos à Paixão de Jesus Cristo! Tornai-vos dignos da Redenção pela Sua morte! Glorificai seu túmulo! O caminho será longo, a fé no Onipotente torná-lo-á possível e frutífero. Não temais francos! Não temais a tortura, pois nela reside a glória do martírio! Não temais a morte, pois nela reside a vida eterna! Não temais dor, pois a recebereis com resignação! Os anjos apresentarão vossas almas a Deus. O Santíssimo será glorificado pelos atos de seus filhos! Vede a vossa frente aquela que é a voz de Nosso Senhor! Segui seu exemplo e palavras eternas!

Marchem certos da expiação de vossos pecados, na certeza da glória imortal.

Deixai as legiões de Cristo Rei se atracar com o inimigo! Os anjos cantarão vossas vitórias!

Que os servidores do Evangelho entrem em Jerusalém portando o estandarte de Nosso Senhor e Salvador! Que o símbolo da fé seja mostrado em vermelho sobre o imaculado branco, pureza e sofrimento expressados!

E que sua palavra seja ouvida como retumbante trovão, trazendo medo e luz para os infiéis! Que agora o exército do Deus único brade em glória sobre os Seus inimigos!!!"

Mas, uma série de motivos, não tão nobres, levou Urbano II e a Igreja Católica a conclamar a Cruzada. O principal contexto e mais preocupante era o crescimento demográfico da Europa, decorrente de abundantes recursos naturais, clima propício e a evolução tecnológica das técnicas e ferramentas agrícolas.

Figura 1 - - Papa Urbano II, pregando a I Cruzada. (Obra de Francesco Hevez -1835)

O que pode parecer bom para nós hoje, na época era um problema, e isso decorria da necessidade constante da nobreza por novas terras. O principal impulsionador era gerado pelos filhos não primogênitos que não herdavam o latifúndio principal e desta maneira, necessitavam de mais títulos de nobreza e terras para consolidar o poder dos novos nobres e de seus senhores. Estes dois fatores, corroboravam para que as propriedades (terras), fossem um bem extremamente precioso na época. A nobreza, diante disto, entrava em constantes conflitos internos, o que não era bom para ninguém, em virtude do risco de convulsões sociais. Uma vez que, o crescimento demográfico também se mostrava nocivo para os servos e camponeses, igualmente prejudicados pela escassez de terras para subsistir e para prover sua alimentação. E onde entrava a Igreja nisso? Justamente no bem mais precioso da época, as terras da própria igreja, havia um receio, um medo de que os senhores feudais em suas ambições, desejassem às propriedades do clero, diante da limitação em disporem de novas glebas e domínios.

Outro aspecto não menos importante, era a expansão turca (leia-se muçulmanos), um problema de longa data, pois desde o fim do reinado de Justiniano, o antigo Império Romano do Oriente (Bizantino), sofreu uma decadência gradual e progressiva. De tempos em tempos revoltas, conspirações e traições ocorriam dentro dos palácios, com o objetivo de coroar imperadores, apadrinhados ou pelo clero ou pelo exército. Só para dar um panorama da situação, entre 1025 d.C. a 1118 d.C. o Império Bizantino teve 15 imperadores diferentes. Essas disputas internas enfraqueceram os bizantinos, que perderam a hegemonia do Mar Mediterrâneo para Veneza e outras cidades estados da Itália, e, para os navegadores normandos. Com tantos desmandos e com soberanos enfraquecidos, o caminho começou a ser aberto para que os muçulmanos conquistassem os domínios bizantinos no Oriente. E, os primeiros passos se deram na conquista da parte asiática do império. Foi uma grande derrota dos bizantinos, onde o Sultão Alp Arslan na Batalha de Manzikert, usando arqueiros montados das estepes, aniquilou o exército de Bizâncio.

Figura 2 - Batalha de Manzikert.

Os turcos seljúcidas **[01]** culminaram a conquista do lado asiático em 1071d.C., com a

queda de Nicéia para os muçulmanos. O avanço era incontrolável, e isso aterrorizou igualmente a Cúria Romana e os reinos europeus, caindo Constantinopla, quem poderia garantir que a Europa não seria varrida pelo rolo compressor turco muçulmano?

O que fazer? Aleixo Comneno I, entronizado em 1081 d.C, como imperador bizantino, não via outra opção senão pedir ajuda a Urbano II. Nicéia, situava-se a uma marcha militar de apenas 03 dias de Constantinopla, ou 160 km em distâncias atuais, uma proximidade extremamente perigosa, pois era praticamente a porta de entrada da Europa. Em seu pedido de socorro, Aleixo I, desejava mercenários, mas foi convencido por Urbano II que os cavaleiros francos eram mais recomendados e preparados. E aqui cabem dois parênteses interessantes, um por ter na dependência de mercenários o principal fator do declínio militar bizantino e o outro, era pela origem familiar do Papa, proveniente de família de cavaleiros francos. E Urbano II, possuía especial interesse em sugerir os francos, pois além de resolver conflitos internos entre as famílias, extensível a sua, também amenizava a belicosidade no qual viviam, fruto de intermináveis querelas por terras, poder e riquezas. O pedido foi acatado, e junto com ele veio o desejo de libertação da Terra Santa e do Santo Sepulcro, das mãos infiéis dos muçulmanos que desde 638 d.C. dominavam a região.Um problema antigo no qual os peregrinos e a cristandade em geral solicitavam resolução a Roma e aos Papas. Se não bastasse, esses dois grandes problemas, um terceiro, igualmente preocupante não só para a Igreja, mas para toda sociedade feudal da época, foi a questão do Mediterrâneo. Desde os primórdios da humanidade, era considerado um local privilegiado e estratégico. Em suas margens, ocorriam contatos culturais, um intenso relacionamento comercial e junto com isto ambições políticas e militares. Muitas civilizações ascenderam, desenvolveram-se e

desapareceram ao longo de suas margens e terras. Povos como os cartagineses, fenícios, gregos, persas, egípcios e romanos surgiram, evoluíram e sucumbiram ao longo do Mediterrâneo. Em suas águas, se escoou riquezas, travaram-se batalhas e intensificou-se a expansão de impérios e nações. Dado tudo isso, o valor estratégico de conquistar suas rotas marítimas, não se restringia somente às ambições comerciais e aos lucros auferidos, mas também, proporcionava a expansão da própria Igreja, do mesmo modo que os islamitas fizeram. E nessa toada, garantia-se novas possessões para a Igreja Romana e para uma elite feudal sedenta por terras, poder e riquezas.

E por último, e nem por isso a menos importante das motivações, a forte religiosidade que transpassa a sociedade da época. A Europa Ocidental, e em específico o camponês exercia uma fé, que não procedia de uma autoridade exterior (Papa ou Senhor Feudal), era antes de tudo um sentimento, um remédio e um um alento. Era pelos valores da fé e através da convicção nela confessada, que os camponeses conseguiam juntar forças e vontade para viver. A vida para os servos e para as pessoas sem estirpe, não significava muito, eram vistos como instrumentos e propriedades de senhores feudais. E, a estes homens e mulheres, a servidão e a falta de perspectivas enquanto vivos estivessem, era o que lhes restava. Não gozavam de direitos e ou de prerrogativas, apenas deveres e estes nada mais eram do que uma rotina vinculada à terra, à lavoura, ao trabalho incessante e aos desejos de seus senhores.

Porém, a religião e a fé eram um alento, uma válvula de escape que era ritmada e impactava na vida cotidiana, uma distração numa sociedade onde o pecado era visto em tudo. E o medo de pecar ou não, significava a salvação ou o fogo eterno do inferno, não havia meio termo. Esse controle das massas era importante e vital, para acalmar e tornar subserviente os servos, sem risco de contestações ou revoltas. Contudo, havia um hábito

que nem mesmo o senhor feudal ousava contestar ou impedir seu cumprimento, o ato de peregrinar. Estava arraigado na sociedade medieval, e com isso tornou-se uma das expressões de fé mais valorizadas da cristandade. Por ser uma prática ancestral ao catolicismo, ancorada na Bíblia e na tradição judaica, peregrinar para Jerusalém ou a qualquer outro lugar santo de redenção era uma prova incontestável de fé e de amor a Deus. E foi principalmente após o século IV, que os movimentos peregrinos ganharam força, principalmente em direção a Terra Santa, Roma e Santiago de Compostela. Mas, em especial a peregrinação a Jerusalém era a oportunidade de estar, pisar, sentir e vivenciar os lugares sagrados onde Jesus e seus apóstolos estiveram, além da chance de redimir os pecados terrenos, redenção concedida pela própria figura papal. E, um sentimento que mexia não só com o Papado ou com os Nobres, era a restrição ao exercício da fé cristã e o livre acesso aos seus lugares sagrados, e o principal expoente dessa limitação ficava na Terra Santa. Era uma afronta ao cristão que a posse dessas regiões estivesse em mãos infiéis, além é claro, de problemas locais em relação a distinção de tratamento dispensada aos peregrinos, pelos adeptos do islã. Também havia preocupação quanto à profanação dos lugares sagrados, como a Igreja do Santo Sepulcro, que havia sido parcialmente destruída na primeira metade do século XI. O que foi visto como, um ato ultrajante e provocativo contra o cristianismo e seus adeptos.

A consequência de tudo isso, foi que em 27 de novembro de 1095 d.C., no Concílio de Clermont, Urbano II, prometeu remissão de pecados e salvação para quem fosse peregrinar ou para quem “tomasse a cruz”, e nesses casos estavam inclusos os que morreriam ao longo da jornada até a Terra Santa. Numa sociedade arraigada na fé, isso mexeu muito com o imaginário do homem medieval, até porque, a fé estava alicerçada no receio e no medo da danação eterna e de queimar eternamente no fogo do inferno.

Com isso, a convocação era a chance que muitos aguardavam para obterem bênçãos, remissão de pecados e principalmente a salvação de suas almas. Entretanto, havia um problema que afligia os homens da época, matar era biblicamente um pecado e uma expedição militar em nada ou pouco combinaria com os preceitos cristãos e os mandamentos de Deus, que abominavam o ato de matar. Como todos sabemos, as cruzadas não tinham o intuito de reconquistar Jerusalém, pela paz e a oração, e sim, pelo poder das armas e dos exércitos. E nesse tipo de expedição há muitas matanças, genocídios, estupros, saques e outros crimes hediondos, atos demoníacos e nada santos. Mas para tudo há solução, e os teóricos da fé logo acharam uma viável, justificável e plausível para o mandamento bíblico de "não matarás". No entendimento dos teólogos e para persuadir as pessoas, alegaram que matar em nome da fé seria válido, pois aqueles que morreriam seriam infiéis e pagãos. E desta maneira, não se configuraria como crime e nem pecado matar os oponentes da "cruz", era sim antes de mais nada uma virtude, em nome de Deus.

Diante de todo esse retrospecto, criou-se o cenário ideal para resolver muitos problemas que afligiam a Igreja e a sociedade medieval da época. E isso ficou evidenciado ao se nomear um inimigo comum, canalizando toda a agressividade e poder bélico em prol de uma causa nobre, a retomada da Terra Santa e dos lugares sagrados. Ao direcionar o foco para um agente externo, todas as contrariedades e percalços que a Igreja poderia enfrentar seriam redirecionadas para Jerusalém e para o Oriente. E com isso, evitar-se-ia o descontentamento dos nobres, barrando temporariamente suas ambições por mais riquezas, glebas de terra e poder. O que evitaria o direcionamento para os domínios e possessões da Igreja. Desta forma, Urbano II afastaria de seu quintal, potenciais inimigos e oportunizar aos nobres e seus filhos novos territórios, riquezas e poder, e o melhor, glebas

também para a própria Cúria Romana. Medida estrategicamente pensada, para como já dito, reduzir a violência que cercava os domínios da Fé e em decorrência direta, profanação de templos, roubos, saques e ameaças a clérigos e religiosos. Além, é claro, de fortalecer e expandir o poder da Igreja Católica Romana em regiões dominadas por outras religiões de fé cristã, ao longo do Mediterrâneo Oriental e Ocidental.

A flecha tinha sido atirada e como diria Júlio César**[02]** "*Alea Jacta Est*" ou em bom português: "A sorte está lançada". Como exímio estrategista Urbano II, sabia que a salvação da Igreja e de seus domínios na Europa dependeria exclusivamente da concepção de uma Cruzada, uma guerra santa. A retomada e a recuperação dos lugares sacros das mãos infiéis, apaziguaria a cristandade e seus peregrinos, bem como, direcionar toda a ambição da nobiliarquia para aquele canto do planeta. E agora ali diante dos Francos, era seu dever induzi-los a "comprar" a briga, o que de fato conseguiu, e se deu pelo discurso inflamado, referenciado na fé e no orgulho guerreiro de quem lá estava. Foi aclamado não só pelos nobres, mas por uma multidão que esperavam por essa conclamação há séculos. A cidade de Clermont (França) foi a partir de 27 de novembro de 1095 d.C. o epicentro de uma nova fase na história e a partir desse momento uma nova jornada iniciava-se.

Figura 3 - Papa Urbano II.

A Primeira Cruzada e seus Desdobramentos

O Concílio de Clermont surtiu efeito, pois o ambiente da época era extremamente propício, o que motivou a sociedade a abraçar a causa de uma Guerra Santa, para recuperar os lugares sagrados da cristandade. Nos livros históricos conceitua-se que as cruzadas eram expedições de caráter religioso, econômico e militar. Porém, na realidade foram bem mais que isso, usaram é claro o espírito religioso como a válvula de ignição para diversas expedições que ocorreram ao longo dos séculos XI e XIII. E tudo em nome da convicção religiosa, pois nesse período histórico a fé supera a razão, e a Igreja ciente deste fato, conseguia manipular o cotidiano de todos. Vivia-se preso a ideia do pecado, da condenação eterna, da chama e do fogo do inferno, diante disto naturalmente o homem medieval temente a Deus buscava a luz, a salvação de sua alma e a expiação de seus pecados, por meios de atos de fé e penitência. Nesse contexto, histórico, foram nove cruzadas e na realidade como veremos, não foram fatos isolados, e sim continuação da primeira, a mais importante.

A convocação Papal fomentou uma histeria delirante nos nobres e camponeses, isso com a ajuda de pregadores que percorriam a Europa, convocando e estimulando homens a aderirem à causa santa e aos desígnios do chamado do Papa. Numa sociedade arraigada na fé, muitos foram `'tocados" para assumir a Cruz (emblema da campanha) e não pensem que foram somente nobres, os servos da gleba aderiram em massa ao pedido. Havia preliminarmente a intenção de que apenas os nobres e cavaleiros atendessem a convocação, por serem a elite armada e que de certa forma representava risco ao ameaçar os bens eclesiásticos. Além é claro por terem as condições bélicas para derrotar os muçulmanos, pois diferentes de outras classes sociais, possuíam armas, capital e conhecimento militar para uma

guerra. Porém, entre 20 mil e 30 mil camponeses e cavaleiros de baixa estirpe atenderam ao pedido, isto, sem contar as mulheres e crianças que mesmo sem a benção e autorização papal lançaram-se em direção a Terra Santa como peregrinos. A trajetória foi marcada por saques a cidades ao longo do trajeto, massacres de comunidades judaicas e criação do caos por onde passavam. O resultado, não podia ser pior, muitos pereceram ao longo da jornada, nas arruaças e confusões nas cidades ou massacrados por tropas muçulmanas, no entorno da Nicéia.

Figura 4 -- Cruzada Popular

Esse movimento ficou conhecido como “Cruzada Popular” ou dos mendigos, foi uma resposta imediata e desorganizada ao apelo de Urbano II, mas por não se tratar de um exército e sim de simples fiéis foram presas fáceis por não possuírem aparato e treinamento militar. Ainda em relação à Cruzada Popular, por ser um movimento espontâneo, em muitas ocasiões perdiam o rumo, o que levava ao descontrole, corroborando para saques,

matanças e perseguições infundadas. Mas, podemos destacar entre essa massa descontrolada de pessoas, dois líderes grupais, populares e que se destacaram entre outros chefes, o monge Pedro o Eremita, de Amiens e Gautier Sans Avoir . Ambos por serem populares, tiveram participação relevante em massacres e no destino de muitos populares para o bem ou para o mal da desastrada Cruzada. Diante de flagrante desorganização e do fanatismo religioso, houve episódios violentos na própria Europa, até porque, muitos grupos populares passaram a ver os Judeus como infiéis e por acreditarem que eram os assassinos de Jesus Cristo, também mereciam ser alvo das cruzadas. A presença de comunidades judaicas nas cidades europeias era bem difundida, o que gerou uma dispersão do objetivo preliminar, pois muitos grupos começaram a dedicar-se em persegui-los, no que dá para dizer que foi uma cruzada dentro da cruzada. Só para dar um breve panorama do que aconteceu nesse período, no verão de 1096 d.C., 10 mil pessoas partiram para o norte, pelo Vale do Reno em busca de comunidades judaicas com um único intuito, matá-los. Houve massacres em Worms, Espira e Mogúncia, o que para muitos historiadores foi o primeiro Holocausto. Em algumas comunidades era ofertado o direito de escolha entre a conversão e a morte, o que elevou em muitas cidades o número de suicídios em massa. Na estreita visão religiosa dessas turbas, bastava qualquer diferença de costumes e de religião (mesmo sendo cristãos) para que fossem considerados indignos e infiéis, e isso era o suficiente para matar e massacrar em nome de Deus.....

Figura 5 - Foto de Constantinopla nos dias atuais (Istambul)

A desorganização e a falta de disciplina militar cobraram seu preço não só no Oriente, mas também no Leste europeu. As hordas e turbas, não esperavam e não se programaram para a escassez de alimentos, o que causou problemas sociais nas cidades e regiões por onde passaram, gerando conflitos com as populações locais. Esses populares acreditavam que por estarem a caminho de uma jornada santa, uma peregrinação, era dever das cidades ofertar e dar o que comer a todos. Ou na pior das hipóteses, negociar por preços compatíveis, o que nem sempre ocorria, dado a lei de oferta e procura, fato que ocorre até hoje. Essas desavenças ao longo do caminho custaram 10 mil vidas, principalmente em conflitos contra húngaros, búlgaros e bizantinos. Depois de tantas andanças, finalmente chegaram à capital bizantina, e ponto de partida para o Oriente infiel.

Constantinopla, na época, era a mais rica e a maior cidade europeia, capital do Império Bizantino e contrastava em muito com as demais povoações da Europa Ocidental. Uma cidade cosmopolita, marcada pelo intenso comércio, pelo requinte de suas construções e heterogeneidade das etnias que lá viviam harmonicamente desde os tempos remotos de Roma antiga. Talvez, essa grandiosidade e diversidade foi o primeiro choque para muitos dos peregrinos, provenientes de aldeias insalubres e homogêneas, presos a terra que raramente trocavam um arado, uma enxada por uma espada. Os contrastes eram muitos, tanto para quem chegava como para quem recebia aquela horda de pobres que largaram sua vida campestre e rural, numa aventura que talvez fosse encerrada nas áridas regiões da Ásia Menor. O impacto social foi imediato e o principal problema era como prover subsistência a 30 mil peregrinos em condições degradantes e carentes de tudo? A solução encontrada por Aleixo I foi o mais rápido possível transportá-los ao outro lado do Estreito de Bósforo, para Anatólia, lá as turbas de fiéis dividiram-se em dois grupos, o que facilitou em muito para os turcos. Por serem guerreiros experientes e profundos conhecedores das condições geográficas da região, não foi difícil encontrar oportunidades de cerco e aniquilamento, foi apenas uma questão de tempo para efetivar o ataque. Os dois grupos, mesmo com pequenos êxitos foram praticamente aniquilados, quem não morreu em batalha ou foi convertido ao Islã, foi escravizado e vendido como mercadoria nas cidades orientais. O resultado, só não foi mais desastroso porque com auxílio de tropas bizantinas, em torno de três mil almas foram salvas e resgatadas, e posteriormente repatriadas para a capital do Império. Mais tarde, esses sobreviventes se juntaram e foram incorporados ao exército regular da Cruzada dos Nobres.

A constituição de um exército oficial e apto a fazer frente ao poderio militar dos turcos, era uma tarefa demorada e que requisitaria planejamento e tempo. Ou seja, diferente da Cruzada Popular movida pelo ímpeto e pela

desorganização, a dos nobres demoraria meses até estar em plenas condições de batalha, e isso ocorreu somente em dezembro de 1096 d.C. As tropas regulares (oficiais) partiram de vários lugares da Europa rumo ao Oriente, eram compostos no total de um aparato militar de 35.000 homens, sob várias lideranças, no qual os principais líderes que podemos destacar eram:

Ademar de Monteil – Bispo de Le Puy
Godofredo de Bouillon, Duque da Baixa Lorena,
Roberto II da Normandia (filho de Guilherme, o Conquistador),
Estevão de Blois
Boemundo IV, Príncipe Normando de Taranto
Raimundo, Conde de Toulouse e St. Guilles.
Balduíno de Hainaut Conde de Hainaut e Valenciennes
Hugo I de Vermandois – Conde de Vermandois
Eustáquio III, de Bolonha
Roberto II, de Flandres

Por não ser um exército uno, cada um de seus líderes estabeleceu rotas próprias para chegar a Constantinopla. Encontraram alguns problemas ao longo do caminho, principalmente fruto das confusões e anarquia das turbas populares que compunham a cruzada dos pobres e que igualmente saíram rumo à capital Bizantina alguns meses antes. A travessia ao longo do continente europeu, não foi fácil, além dos problemas herdados pela Cruzada Popular, houve alguns decorrentes de intempéries climáticas, pois nem todos os líderes optaram por viajar por via terrestre. As primeiras tropas cruzadas a chegarem em Constantinopla, foram os liderados por Hugo I de Vermandois, que partiu da França em agosto, mas antes passou por Roma para receber o estandarte de São Pedro símbolo da fé e do poder papal, e de certa forma uma espécie de “amuleto” contra os infiéis. Ao longo do caminho uniram-se a eles alguns fiéis da Cruzada Popular, que

haviam por motivos já expostos sofrido derrotas na Hungria e perderam o rumo para a capital Bizantina. Na Itália, após uma breve parada na cidade-sede do catolicismo, rumaram para Bari, cidade localizada no sul da Itália, quase no salto da bota. Esse ramo cruzado, optou pela via marítima, por acharem que seria o caminho mais rápido e fácil para chegar a Constantinopla. Só não esperavam um revés, fruto de intempéries climáticas, próximo a cidade de Dirráquio que acarretou a destruição de vários navios, por sorte a frota bizantina conseguiu dar apoio e resgatar muitos soldados, além de transportá-los em segurança até a capital do império.

Já Godofredo de Bulhões e seus irmãos optaram pela via terrestre, se locomovendo para o ponto de encontro entre os comandantes via Estrada de Carlos Magno, um trajeto que abrangia Ratisbona, Viena, Belgrado e Sófia. Conta a lenda, que o nome dessa via, foi uma homenagem do papa Urbano II ao grande líder franco, isso de acordo com o monge e cronista Roberto, o Monge. Ao longo dessa primeira fase da jornada, encontraram resistência popular dos moradores, já traumatizados pela passagem das turbas da Cruzada dos Pobres. Para evitar problemas, o governante local, rei Colomano, exigiu que alguém garantisse paz e tranquilidade ao longo do deslocamento das tropas, diante disto Balduíno de Bolonha, ficou como "refém", até completarem a saída dos soldados do território húngaro. Mas, não foi só na Hungria que houve querelas e contratempos, mesmo nas proximidades e dentro dos limites bizantinos, acabou ocorrendo pilhagens e confusões entre tropas e locais. A solução mais uma vez foi garantir a paz com um refém, desta vez o próprio filho de Aleixo I Comneno, de nome Balduíno, que garantiu a tranquilidade. O exército de Godofredo de Bulhões, adentrou na capital Bizantina em novembro de 1096 d.C. Em abril de 1097 d.C., chegaram praticamente juntos com Boemundo de Taranto e o exército de Raimundo IV de Toulouse (o mais numeroso e imponente das

forças militares). Ambos, não chegaram a ter grandes obstáculos, mas por razões pessoais ou geográficas houve atraso na chegada em Constantinopla. Mas, nada relevante e digno de nota ou menção que fizesse diferença em nosso relato histórico. O último a chegar foi Roberto II da Normandia, partindo de Brindisi, outro porto italiano no sul da Itália e muito próximo a Bari, que assim como Hugo I optou pela via marítima. Por sorte não sofreu perdas, decorrente de tempestades ou condições climáticas adversas. Cruzou o Adriático e aportou com suas tropas em maio de 1097 d.C. na capital de Bizâncio. Cabe lembrar que alguns meses antes, a Cruzada Popular havia sido dizimada na azarada e mal organizada expedição.

Com todos os líderes e tropas já em Constantinopla, seria ingenuidade pensar que os problemas estavam resolvidos. Bem pelo contrário, estavam apenas começando, e o mais emergencial deles era gerenciar a escassez de alimentos e as condições estruturais dos acampamentos (acampados as portas da capital bizantina). No pedido de socorro ficou subentendido que Aleixo I Comneno seria o responsável pela alimentação das tropas, que nesse momento já estavam reforçadas pelos sobreviventes da Cruzada dos Mendigos. O cenário não poderia ser mais aterrorizante e caótico, pois além de soldados regulares, haviam sido incorporados a eles ao longo do caminho, populares pobres, e toda sorte de aventureiros em busca de dinheiro, ou quem sabe de uma nova oportunidade de vida. E, essas hordas careciam não só de alimentos, mas também de equipamentos, armas e armaduras adequadas para uma batalha campal. Isso sem falar do treinamento e disciplina militar para evitar o que ocorreu na pré-cruzada. Uma medida amenizadora foi nomear Pedro, o Eremita como responsável, em dar condições dignas de sobrevivência e de certa forma torná-lo interlocutor entre nobres e plebeus. Para melhor organizar essa relação, foram formados pequenos grupos, liderados geralmente por nobres empobrecidos e aptos a comandar essas pequenas legiões.

Controlar essa multidão de soldados, fiéis e aventureiros além de preocupante era complicado. Em primeiro lugar por terem ocasionados vários transtornos em países vizinhos e igualmente nos domínios bizantinos. A Cruzada dos Mendigos provocou muitos traumas nas regiões e nas cidades por onde passaram. Aleixo e a elite bizantina não gostariam de ter contratempos e mais preocupações, além das que já possuíam em seu cotidiano. E, ao ter uma multidão como essa nas portas de Constantinopla, sabiam de antemão que não seria uma tarefa fácil, até pela experiência anterior. No mais, outra preocupação do imperador bizantino era a presença de Boemundo de Taranto em seus domínios, por ser seu inimigo declarado, mas, ao mesmo tempo, chefe militar de parte da expedição, precisava solucionar logo esse problema sem criar desavenças. Talvez, para Aleixo I, fosse até mais emergencial providenciar o deslocamento de seu desafeto, do que da própria turba de populares e soldados que já estavam acampados nas portas da capital imperial. Ele, Taranto, apesar de estar no esforço de guerra e de ser um "aliado", continuava sendo para Aleixo, um inimigo, e quanto antes fosse despachado, menos riscos haveria.

Outro fato, é que Aleixo I Comneno pretendia impor um controle, uma liderança e para isso precisava ter, pelo menos, uma carta na mesa. A fome era eminente, e com ela a insubordinação de tropas, revoltas e deserções, o que não era bom nem para o imperador e nem para os chefes cruzados. Outro receio, é que com o abandono dos ideais, muitos desses aventureiros, pobres e peregrinos ficariam nas cidades bizantinas ou voltariam a vagar pela Europa, aumentando a criminalidade e gerando caos nas regiões circunvizinhas. E com isso, promoveriam badernas e arruaças, como ocorreu no decurso da Cruzada dos Pobres. E, os nobres sabiam mais do que ninguém, que se algo desse errado, eles seriam alvos da ira papal e até poderiam sofrer excomunhões por não cumprirem o desígnio de fé que lhes foi incumbido. Aproveitando-se dessa fraqueza e como tentativa de

capitalizar a liderança para si, o líder bizantino exigiu em troca de mantimentos e transporte um juramento de vassalagem, e um acordo onde todas as terras conquistadas perante os turcos deveriam ser entregues novamente para o controle bizantino. Uma cartada fatal, quase que um xeque mate, mesmo assim, não foi fácil, houve um estremecimento das relações que quase levou a uma ruptura e a uma guerra entre os envolvidos.

Sem muitas opções, quase todos os chefes cruzados acabaram acatando o acordo. Porém, os poucos que se recusaram conseguiram convencer Aleixo I a fornecer indistintamente provisões e transporte, visto que, uma briga interna em nada contribuiria para a solução do principal problema de todos, os muçulmanos. E expuseram os riscos da permanência por muito tempo de soldados e peregrinos para os habitantes e governantes de Constantinopla. Do contrário os resultados tornar-se-iam catastróficos, o que poderia abrir as portas da cidade e da própria Europa, de maneira escancarada, para os infiéis, que dominariam o que restou do Império de Bizâncio. Isso, sem mensurar o fato de deixar todo o continente desprotegido e fragilizado. E no imaginário popular daquela época e mesmo de hoje, uma invasão do Islã seria o fim do mundo, templos seriam profanados, estupros em massa e pôr fim a vitória "do coisa ruim" diante do único Deus, tolerado e aceito. O inimigo infiel além de ser temido e preparado, ávido por novas conquistas e por levar igualmente sua religião e "jihad"**[03]** para todos os cantos do mundo. As questões pessoais deveriam ser deixadas de lado, os chefes cruzados precisariam pactuar ou, pelo menos, fingir acordar (o que aconteceu posteriormente) o aceite das condições bizantinas e partir para a próxima fase. Para lograr êxito, Raimundo IV de Toulouse que também tinha recusado fazer o juramento, deu como solução e condicionante que somente faria o juramento de vassalagem, se Aleixo I liderasse pessoalmente as tropas. Proposta recusada pelo monarca bizantino, mas que não impediu uma aliança entre ambos,

para neutralizar a influência de Boemundo sobre os outros chefes cruzados. O entendimento entre todos, pôs uma pedra temporária nas diferenças pessoais e oportunizou a sequência da expedição.

Se a presença pessoal de Aleixo não foi viável, nada o impediu de estar representado. Enviou junto com os exércitos cruzados o general Tatizius e algumas legiões bizantinas para começar a reconquista da Ásia Menor. No acordo, a primeira cidade a ser recapturada seria Nicéia, em poder de turcos seljúcidas, e que havia sido transformada até então na capital do Sultanato de Run. Os primeiros cercos se mostraram ineficazes, Nicéia, era circundada por um lago, o que permitia o abastecimento e comunicações das tropas inimigas, tirando desta forma a eficácia do sítio militar. Sob o comando de Boemundo de Taranto, e mesmo não surtindo o efeito desejado Nicéia estava prestes a capitular, por sorte o Sultão Quijije Arslan I não se encontrava na cidade. Já havia se retirado, deixando como ordem e como última medida e aconselhamento para seus comandados, uma rendição caso a situação ficasse insustentável.

Porém, Aleixo I, através de seu general, com receio que Nicéia fosse destruída e saqueada ou que o compromisso não fosse cumprido, traiu os chefes militares cruzados. Na realidade, como veremos mais à frente, o receio fazia sentido, pois caso a localidade capitulasse em mãos de cruzadas o cenário seria horripilante. Em segredo e na calada da noite, o general bizantino negociou a rendição de Nicéia. Pela manhã, os cruzados foram surpreendidos com a bandeira bizantina hasteada nas muralhas da cidade. E impedidos de saquear, restou às tropas cristãs a amargura da traição. Como medida de proteção, o acesso só era permitido, em pequenos grupos e sempre com escolta. Se os bizantinos traíram, qual era o impeditivo em se manter as obrigações de vassalagem e ajuda recíproca? O impeditivo ainda eram os mantimentos, o apoio logístico e o conhecimento territorial, pois os intrusos ali eram as tropas cruzadas. Um rompimento brusco acarretaria

fatalmente derrotas nos campos de batalha, e o enfraquecimento das legiões cruzadas.

Diante deste problema, e por saberem que o apoio logístico e o conhecimento local seriam ferramentas essenciais para conseguirem resultados, resolveram se dividir. A divisão se deu em dois grupos, na frente ficaram Boemundo, Tancredo, Roberto da Normandia, Roberto de Flandres e tropas bizantinas. Na retaguarda ficaram Godofredo, Balduíno, Raimundo, Estevão e Hugo I. Entre cercos e batalhas, o avanço cruzado foi evoluindo e a reconquista da Ásia Menor foi sendo concretizada, e como principal fato histórico, destacamos a retirada de Quijije Arslan e de suas tropas do cenário local, abrindo espaço para que as tropas bizantinas e cruzadas mirarem como próximo objetivo a cidade de Antioquia. Ao longo desse deslocamento militar, cidades como Sozópolis, Icônia e Cesárea sucumbiram aos cruzados. Entretanto, apesar de parecer fácil as dificuldades se faziam presentes e o que estava previsto para demorar cinco semanas acabou levando mais de dois anos, conforme relatos e correspondências enviadas por Estevão de Bois para sua Esposa.

O maior inimigo dos cruzados, não usava armas, era o clima hostil. No ápice do verão, a situação ficava muito mais degradante e caótica, os cruzados em sua maioria não estavam aclimatados às variações climáticas da região semidesértica. Acostumados aos campos de batalha da Europa, foram para o Oriente com vestimentas tradicionais dos cavaleiros da época, e sua composição tornava a marcha extenuante, por não serem apropriadas ao clima da região. Enquanto os árabes, turcos e muçulmanos, em geral lutavam com roupas que facilitavam o movimento, geralmente armaduras leves de metal ou de couro que cobria o torso do guerreiro, os cruzados tinham como vestimentas, roupas de cota malha de ferro, que os cobriam da cabeça aos joelhos. Isso sem contar armaduras, espadas e capacetes, que até então eram adequados para o clima e condições de batalha na Europa, mas não do deserto. Soma-se a isso, racionamentos de água e comida, que

culminou na morte de homens e animais (cavalos) e nas doenças. E não se pode esquecer dos peregrinos, que nada mais tinham do que a vestimenta do corpo, sendo alvos fáceis nas batalhas por sua fragilidade bélica. Mesmo com doações, a principal fonte de recursos eram ainda as pilhagens, porém, nem sempre a cidade invadida era provida de recursos necessários e suficientes para sanar as necessidades das tropas. Além destes problemas, as disputas internas por poder, também corroboravam para dificultar o que já era difícil. Talvez, o único líder reconhecido unanimemente por todos, era a liderança religiosa e espiritual do Bispo Ademar de Monteil, no mais, ambição, ganância e poder ditavam os rumos da Cruzada dos Nobres.

As brigas, além de dificultar, acabavam por levar os líderes cruzados a tomar muitas vezes rumos diferentes em terras hostis. Sempre objetivando capitalizar para si poder e riqueza, colocavam interesses pessoais acima de tudo. As querelas pessoais eram corriqueiras, bem como a desconfiança em relação aos outros líderes. E como exemplo, é possível transcrever conflitos como o de Balduíno de Bolonha e Tancredo de Altavila, na localidade de Heracleia Cibistra, pelo espólio e posse dos domínios de Tarso. A motivação sempre esteve ligada ao objetivo principal da maioria dos nobres na região, terra e poder. Por ser apenas mais uma rusga, Tancredo continuou sua marcha para Antioquia e Balduíno juntou-se ao exército principal em Marache. Na guerra pessoal por interesses, as alianças eram fragilizadas ou fortalecidas conforme as intenções eram prejudicadas ou atendidas. Ao mesmo tempo, que lutavam juntos, rompiam alianças, por ganância, por poder e por qualquer diferenciação em relação aos espólios de guerra ou em relação à conveniência e à magnitude da conquista.

No decorrer da campanha militar e seu deslocamento para Jerusalém, Balduíno a convite de um armênio de nome Pancrácio, foi convencido a ir para leste, nas proximidades do rio Eufrates, para Turbessel. Lá conquistou para si Fortaleza de Turbessel e alguns territórios adjacentes. Se já não

bastasse essa conquista, novo convite surgiu, dessa vez a pedido de Teodoro de Edessa, grego ortodoxo que tinha uma relação conflituosa com os súditos, em sua maioria ortodoxos de origem armênia, que o convidou para dar apoio militar em sua cidade. Convite aceito e missão acatada, porém, não se sabe se por desavenças ou por senso de oportunismo, Balduíno ameaçou partir e levantar acampamento. Teodoro, só conseguiu convencer e segurar o nobre cruzado, com a promessa e posterior adoção deste como seu filho e herdeiro. Mas a história não morreu por aí, não tardou muito, e por circunstâncias obscuras Teodoro foi assassinado, em março de 1098 d.C. E, imaginem que foi entronizado rei? Sim, ele mesmo, Balduíno, e com isso nasce o primeiro território cruzado no Oriente Médio, o Condado de Edessa.

Se por um lado Balduíno já tinha se estabelecido, os demais chefes cruzados ainda não tinham conseguido nada, e partiram em direção de Antioquia. Havia rumores que a cidade tinha sido abandonada pelos turcos seljúcidas, ledo engano, em sua aproximação constatou-se que Antioquia ainda estava ocupada e ofereceria grande resistência. Inicialmente, Godofredo de Bulhões, Boemundo e Raimundo IV divergiram quanto a melhor estratégia a ser tomada. Se pelo lado de Godofredo e Boemundo o cerco era o mais viável, Raimundo defendia um ataque direto, mas foi voto vencido. A conquista não seria fácil, por dois motivos: o primeiro por ser uma cidade murada e suas enormes muralhas garantirem uma boa proteção. É interessante um adendo nessa questão, a grande maioria das cidades da época eram muradas por extensas e sólidas muralhas de pedra e quando isso não era possível localizavam-se em acidentes e falhas geográficas para dificultar o ataque e garantir a defesa. O único risco em cercos prolongados era a interceptação e a dificuldade na obtenção de alimentos, isso sem contar pestes e doenças. No mais, um cerco para começar a surtir efeito poderia levar meses, porém quanto mais demorado o cerco, mais

enfraquecido ficavam ambos os lados. Já o segundo problema, no caso de Antioquia, era em relação a extensão da cidade, para os padrões da época bem grande e como não havia tropas suficientes para garantir o cerco, poderiam ocorrer falhas ao longo do bloqueio. O que realmente aconteceu, a falta de soldados, permitiu que os alimentos e outros produtos conseguissem burlar os controles de acesso. E esse aspecto, deu sobrevida e condições aos habitantes de resistirem aos invasores até a chegada de apoio militar.

A situação dos moradores da cidade, teoricamente estava garantida, os cruzados enfrentaram alguns problemas a mais. Além do esforço de guerra para garantir que Antioquia permanecesse sitiada, precisaram combater tropas provenientes de Damasco e Aleppo. Isso enfraqueceu-os militarmente, gerando outra situação bem mais grave, a fome. A situação ficou tão complicada, que foi necessário num primeiro momento matarem seus cavalos para prover alimentos para as legiões e após isso, no desespero tiveram que consumir carne humana. Foi inevitável nesse momento segurar as desistências, e diante do quadro degradante, Estevão de Blois e Hugo I partiram em retirada e regressaram à Europa. E só não foi mais dramático, porque Balduíno enviou ajuda em dinheiro e mantimentos. As dificuldades arruinaram a união dos cruzados e ao mesmo tempo, abriram espaço para traições. Boemundo viu a oportunidade de conquistar seu próprio domínio, alegando demora, propôs retorno à Itália em busca de reforços, o que naquelas circunstâncias se mostrava inviável. Por ser considerado um exímio estrategista, o que em momento tão crítico era vital, igualmente dependiam de suas tropas, necessárias para manutenção do cerco e para o combate aos inimigos, foi coagido a ficar. Diante desse impasse, restou aos bizantinos garantir o apoio militar aos cruzados. E, é claro, dar o amparo que eles necessitavam para conquistar a cidade, contudo, o representante de Bizâncio general Tatício abandonou os cruzados. O motivo do abandono foi

a ingerência dos líderes cristãos e a recusa em ouvir seus conselhos. Porém, havia mais um agravante, existiam rumores que partiram de Boemundo de Taranto, da intenção de assassinar o general, por acharem que ele secretamente tinha a intenção de traí-los. O mesmo Boemundo, incentivou o general bizantino a partir e após sua partida, declarou o ato de Tatício como traição e covardia, o que justificava romper acordos, votos de vassalagem e qualquer pacto entre cruzados e bizantinos.

De sitiantes a sitiados, em maio de 1098 d.C. tropas de Mossul, sob o comando de Cerboga, aproximavam-se da Antióquia. Eram numericamente superiores e contavam com apoio de soldados de Ridwan, Aleppo, Ducaq e Damasco, isso sem contar persas e ortóquidas. Mas, a sorte sorriu dessa vez para os cruzados, pois Cerboga perdeu quase um mês ao tentar reconquistar Edessa de Balduíno. Não obteve sucesso e acabou atrasando sua chegada, o que deu fôlego para uma recomposição cruzada. Como os cruzados sabiam que a sobrevivência condicionava-se a um tudo ou nada, o consenso era aceitar qualquer fórmula para o problema vindo de algum dos líderes. Em mais uma jogada estratégica, Boemundo, que por já ter a solução, expôs seus planos e artifícios. Porém, não pensem que foi de graça, antes de propor a saída, primeiro assegurou entre seus pares um acordo que lhe garantisse a posse da cidade. Aceito as condições, após isso, em segredo estabeleceu um trato, leia-se suborno, com um guarda armênio de nome Firuz, cristão convertido ao islã. Contudo, o soldado guardava mágoas sentimentais com Yaghi-Siyan por este ter tomado sua esposa, além é claro do aceite sem mágoas sentimentais, de uma remuneração em troca do "favor" de abrir os portões da Torre das Duas Irmãs. Ao adentrarem no interior da urbe, renderam os guardas e permitiram que o resto da tropa entrasse sem problemas em Antioquia. O resultado foi um verdadeiro massacre dos muçulmanos da cidade, isso em junho de 1098 d.C, com a ajuda de cristãos orientais moradores da cidade foram abertos outros

portões que deram acesso integral. No entanto, apesar de a ajuda ter sido importante, quem ajudou não teve muita sorte, estes e os demais cristãos ortodoxos, foram igualmente massacrados. Não se sabe, se por uma questão de etnia ou por não conseguirem diferenciar ortodoxos e muçulmanos acabaram matando todos sem distinção de quem era cristão, ortodoxo ou muçulmano. Por fim, os governantes de Antioquia foram decapitados e suas cabeças foram dadas a Boemundo como troféu de guerra.

As tropas de Cerboga, mesmo com atraso, chegaram quatro dias depois e passaram a sitiar os cruzados e suas tropas. E se antes a situação não era boa, agora então piorou mais ainda, o longo cerco, gerou dois problemas: fome e peste, e isso atingiu em cheio as tropas cristãs. Outro agravante, é que após tomar conhecimento, por Estevão e Hugo I da tomada da cidade pelos cruzados, as tropas de Aleixo Comneno que marchavam a caminho receberam como ordem, o retorno. O desencontro de informações era bem grande, na realidade não se sabia a real situação do cerco e das tropas, com isso preferiu-se manter os soldados em Constantinopla, do que correr o risco de partir para uma batalha incerta. A vitória sobre Cerboga e suas tropas foi um misto de loucura, irracionalidade, desespero e oportunismo. Sitiada, como exposto, e sem acesso a mantimentos, a fome foi o fator preponderante para instigar uma batalha final. Entre os peregrinos, havia um monge pobre e sem importância conhecido como Pedro Bartolomeu, que alegava visões desde dezembro. Dentre essas visões, relatava-se que a Santa Lança, que feriu o flanco esquerdo de Jesus Cristo, estava na Igreja de São Pedro de Antioquia. Também, afirmava-se que Santo André, teria orientado a repassar a lança após achá-la aos cuidados de Raimundo de Saint Gilles. Não se sabe exatamente se foi um plano ou armação, mas presume-se que foi, pois num primeiro momento a ponta da lança não foi localizada após escavações no assoalho da catedral,

desacreditando o monge em relação às tropas. Contudo, como não encontraram nada, o próprio Pedro Bartolomeu desceu dentro do fosso e milagrosamente trouxe à tona a ponta da lança. Há de se destacar, nessa história um detalhe, Ademar de Monteil tinha visto a relíquia verdadeira da lança em Constantinopla e calou-se com a estória do monge. O zelo religioso e talvez alucinações ocasionadas pela fome, levavam visões, outro monge de nome Estevão de Valence, disse ver aparições de Virgem Maria e do próprio Cristo. Já outros teriam visto um meteoro atingir o campo inimigo, destruindo e matando todos os infiéis. E no imaginário da época, era considerado bom presságio esses sonhos e interpretações divinas. Muitos nobres e em especial Raimundo de Toulouse por acreditarem nos sinais divinos, preparam uma batalha final com o intuito de derrotar os infiéis. Mais uma vez Pedro Bartolomeu entrou em cena, e com mais uma "instrução" de Santo André sugeriu um jejum de cinco dias, e conforme ele, após essa provação de fé a vitória estaria garantida. Boemundo de Taranto desconfiava e acreditava que a falsa relíquia foi colocada intencionalmente no local. Mas, por ser bom estrategista e articulador, logo percebeu que era um incentivo à moral das legiões, e soube usar isso para si. Outra corrente histórica acredita que o monge estava a mando do próprio Boemundo, e que este, por ter informações privilegiadas via espiões, sabia das fraquezas inimigas.

Enfim, tais visões surtiram efeitos e os ocidentais partiram para a batalha, conta a lenda que junto com os soldados, um exército de santos liderados por São Jorge, São Demétrio entre outros, juntou-se a eles no campo de guerra. De forma rápida as linhas de Cerboga foram rompidas, o outro comandante, Duqaq, vendo o caos acabou desertando, com isso o pânico se espalhou entre os turcos, provocando uma retirada geral. Com a fuga de Cerboga, a cidade enfim estava em mãos cruzadas restava agora a

cartada final de Boemundo. Mesmo com a discordância de outros chefes cruzados, principalmente Raimundo e Ademar de Monteil, a pressão do nobre de Taranto surtiu efeito e acabou prevalecendo. Esse impasse atrasa ainda mais o objetivo final, dado às discussões e acordos para chegarem a um consenso.

A questão só teve andamento após nobres menores e soldados, todos descontentes, ameaçarem seguir por iniciativa própria até Jerusalém. O que levou Raimundo, e os demais líderes, pressionados pela insurgência, a rumarem à cidade Santa, antes que seus liderados partissem por conta própria. Com isso, Boemundo atingiu seu objetivo e livre de oposição estabeleceu o Principado de Antioquia, segundo estado cruzado. Se por um lado algumas questões tinham sido resolvidas, ainda rondava sob as tropas cristãs a fome e a peste, que inclusive fez como vítima Ademar de Monteil, líder espiritual da expedição. A conquista de Antioquia foi desgastante e houve um enfraquecimento das tropas cruzadas, a escassez de alimentos levou a outros episódios de massacres e canibalismo, em localidades menores, como o ocorrido em Maarat Ansumane. Em dezembro de 1098 d.C. e ao longo de janeiro de 1099 d.C, Roberto II da Normandia e Tancredo de Altavila, juraram compromisso de vassalagem perante Raimundo IV de Toulouse (o mais rico e poderoso dos líderes cruzados). Em contrapartida, Godofredo e seu irmão Balduíno de Edessa, não aceitaram tornarem-se vassalos do poderoso conde, infligindo uma derrota política ao nobre. Dando continuidade a jornada, ao longo dos meses subsequentes, houve pouca resistência dos inimigos, e o principal motivo era que muitos dos governantes muçulmanos das regiões localizadas entre Antioquia e Jerusalém preferiram pactuar a paz. A razão era, num primeiro momento, garantir a segurança de suas cidades e em através da oferta de alimentos apaziguar os ânimos cruzados. Mas, também haviam disputas de poder entre os muçulmanos, principalmente entre sunitas e xiitas, e na visão

estratégica de cada facção, era em muitos casos preferível pactuar com cruzados do que com outro ramo do islã.

No trajeto para Jerusalém, encontrava-se o Emirado de Trípoli, e em fevereiro de 1099 d.C. começou um cerco a uma de suas cidades, Arqa, o sítio durou aproximadamente até maio do mesmo ano. Este emirado suscitava interesse em Raimundo IV, que além de pretender o território para si, também tinha como objetivo torná-lo um contraponto nas intenções expansionistas de Boemundo. Apesar de conquistas menores, a Arqa não foi tomada, o que atrasou o objetivo final da cruzada, Jerusalém. Esse atraso gerou novo enfraquecimento político de Raimundo, e minou o apoio de alguns nobres à sua causa. Os cruzados, apesar de mais esse atraso, prosseguiram sua marcha, ao longo da região costeira. Em Trípoli, foi oferecido dinheiro e cavalos aos cruzados, e uma promessa por parte do governador local de converter-se ao cristianismo caso lograsse êxito na tomada de Jerusalém, dominada pelos inimigos xiitas.

Figura 6 -- Godofredo de Bulhões / Pintura de Giacomo Jacherio (1420)

A marcha precisava continuar, mesmo com alguns obstáculos, o deslocamento prosseguiu pela região costeira, passando por Beirute e Tiro, e na localidade de Jafa (cerca de 55 km de Jerusalém) abandonaram a costa, adentraram no mês de junho em Ramla. A cidade que já tinha sido abandonada pelos seus moradores, por temerem massacres e pilhagens pelas legiões cruzadas, não ofereceu nenhuma resistência e nem espólios e logo deixada para trás. No mesmo mês, Belém foi conquistada pelos nobres Gastão IV de Béarn e Tancredo de Altavila, a Terra Santa e suas principais localidades praticamente já estavam sob domínio cruzado. Porém, faltava o

objetivo final Jerusalém. Nessas conquistas, Tancredo de Altavila sofreu críticas de seus pares, pois em Belém, propriamente na Igreja da Natividade ele hasteou seu estandarte, o que não pegou bem entre os aliados. No início de junho, enfim estavam às portas da Cidade Santa, no lado externo de suas muralhas. Mas, as forças militares já haviam sido fortemente impactadas pelas batalhas anteriores, o número de baixas e mortos reduziu os cruzados para uns 1200/1500 cavaleiros e para 12 mil a 20 mil soldados de infantaria. Precisavam antes da empreitada final, de mais provisões, materiais bélicos e militares por estarem em campo aberto e para se resguardarem de ataques inimigos. Por já chegarem enfraquecidos militarmente, já sofriam com a falta de alimentos e água, o que agravava a situação, reforços e mantimentos eram essenciais! Apesar de o cerco estar em execução e da situação crítica das tropas cruzadas era consenso entre os líderes, que quanto mais demorado fosse o sitiamento, pior seria para eles também. Esse tipo de ação visava exaurir os moradores de Jerusalém, entretanto, como em Antioquia tornava os cruzados mais suscetíveis aos inimigos, caso não recebessem apoio de aliados e provisões. Jerusalém, apesar de bem preparada, era uma cidade murada e seu governador, Iftikhar ad-Daula, sabia que um cerco prolongado teria com o passar dos tempos efeitos no abastecimento interno. E para amenizar esse problema, o governante já havia expulsado grande parte dos cristãos da urbe, para evitar traições e poupar comida e água. Enquanto no lado externo, Godofredo de Bulhão, Roberto de Flandres e Roberto II da Normandia comandavam o cerco entre a muralha norte e a Torre de David, Raimundo tinha como encargo a extensão do lado oeste da Torre de Davi, até o Monte Sião. Não tardou muito, e as primeiras tentativas de romper as muralhas tiveram início, sem sucesso. E quanto mais demorava a resistência dos jerusalemitas, mais grave se tornava a situação das tropas francas, homens e animais já padeciam de fome e sede. O tempo passou a ser também um inimigo

silencioso e traiçoeiro, minava aos poucos as forças cruzadas e quanto mais dias, mais degradante se tornava o quadro. A situação só melhorou com a chegada de uma frota genovesa, que abasteceu parcialmente os exércitos sitiantes e deu um fôlego para eles. A frota naval era comandada por Guilherme de Imbriaco, que para ajudar no esforço de guerra desmantelou seus navios e junto com madeira de Samaria, propiciou aos guerreiros cristãos a condição de erguer torres de assalto. Outras tentativas de ataque fracassaram e para piorar, souberam que exércitos xiitas avançavam do Egito em direção a Jerusalém. Mais uma vez a solução foi usar fé! Um clérigo de nome Pedro Desidério falseou uma visão divina, e nela relatava que anjos celestiais instruíam os cristãos a jejuar e depois marchar em procissão (descalços) no entorno das muralhas. A visão, baseada no relato bíblico do Cerco de Jericó, no período de Josué, afirmava que os muros caíram em nove dias. Apesar da fome entre os soldados, houve o jejum e o ato foi bem solene, com trombetas, canção de Salmos, pregação de sermões no Monte das Oliveiras, ministrada por Pedro, o Eremita, Arnulfo de Chocques e Raimundo Aguilers e muitas outras demonstrações de fé. Enfim, o dia "D" chegou, um dia após a finalização da procissão, com o uso das torres de assalto, mesmo já sendo noite, as primeiras aproximações das estruturas construídas, foram lançadas sob as muralhas. Após uns sete dias, de tentativas inglórias, numa sexta feira, Godofredo consegue romper a defesa de uma das torres. Como diz o ditado popular, todos querem ser pai de criança bonita, mas ninguém quer ser pai de criança feia, e foi justamente isso que ocorreu com a conquista de Jerusalém. Muitos nobres reclamaram para si a honra e o mérito de serem os primeiros a entrarem na cidade. Mas, conforme relatos da época, contam que por ordem de invasão foi: Letoldo e Gilberto de Tournai, seguido por Godofredo de Bulhão e seu irmão Eustácio III de Bolonha, além de Tancredo e suas tropas. Já os demais nobres e soldados, entraram pela antiga porta dos peregrinos.

Após a invasão, o que houve em Jerusalém foi um verdadeiro massacre executado pelos cruzados, onde não poupou ninguém, muçulmanos, judeus e cristãos do oriente indistintamente foram mortos. Na realidade, os três principais líderes cruzados (Godofredo, Tancredo e Raimundo) não participaram, até tentaram evitar, mas falharam, devido à voracidade das turbas cristãs e seu desejo de vingança. A fúria assassina gerou uma mortandade contabilizada entre seis mil e quarenta mil pessoas. Os números não são exatos, pois os relatos são bem imprecisos, mas cronistas da época são unânimes no horror e no relato sobre o massacre. O sangue, diziam os cronistas, escorria nas ruas e vielas e sobre os cadáveres amontoados, num verdadeiro cenário de filmes de terror. O espanto do morticínio foi geral, um desses escritores relatou "*Nunca ninguém tinha visto ou ouvido falar de tal mortandade de gentes pagãs*". Impressão passada também pelo Arcebispo Guilherme de Tiro, que ao adentrar a mesquita de Al Aqsa, relatou… "*a matança foi tão grande que os nossos homens patinavam em sangue até aos tornozelos…*" .. Já, o cronista Ibne Alcalanici narrou que os judeus, em busca de um lugar seguro, procuraram proteção na sua sinagoga, ao que os francos a incendiaram, aniquilando todos que estavam no interior e ao fazer isso, circundavam a construção em chamas e cantavam: "*Cristo, Adoramos-vos* !!".

Mas a guerra contra os muçulmanos xiitas só foi finalizada em agosto de 1099 d.C., quando Godofredo de Bulhão, Roberto II da Normandia e Roberto II de Flandres impuseram a derrota final aos islamitas do Califado Fatímida**[04]**, na Batalha de Ascalão. E nessa última batalha, mais uma vez o aspecto religioso foi um fortalecedor da moral, alguns dias antes havia sido descoberto por Arnulfo uma relíquia da verdadeira cruz onde Jesus havia sido crucificado. Ao partirem para essa batalha os três nobres traziam na vanguarda do exército a Vera Cruz cruzada e o pedaço da cruz encontrada dias antes. Após conquistarem Jerusalém, foi necessário estabelecer um

governo, e para isso foi realizado um concílio na Igreja do Santo Sepulcro. Por ser o mais poderoso dentre os nobres, era natural que Raimundo IV, de Toulouse fosse escolhido rei, e fingindo humildade e piedade, acabou num primeiro momento abdicando do título. Não se sabe quais eram suas reais intenções, mas consta que provavelmente ele gostaria que os outros nobres insistissem em seu nome, mas acabou dando errado. Se Raimundo esnobou a coroa, Godofredo de Bulhões, considerado um nobre bem popular entre seus pares, após ações contraditórias do Conde de Toulouse na Antióquia, não titubeou e aceitou o cargo de líder. Porém, acabou adotando o título de *Advocatus Sancti Sepulchri* (Protetor do Santo Sepulcro). O que motivou a recusa ao título de "rei" por Godofredo, foi por Jerusalém ter sido a cidade onde Jesus Cristo sofreu os flagelos e ao longo da via dolorosa, ter recebido como zombaria dos soldados romanos, uma túnica púrpura e uma coroa de espinhos intitulando-o "rei dos judeus". O aceite de Godofredo desagradou a Raimundo, até porque no fundo ele esperava que ele fosse entronizado monarca. O fato acarretou na saída do nobre e de suas tropas, rumando para Trípoli, com o intuito de garantir seu "pedaço de terra". Godofredo de Bulhões morreu pouco tempo depois, em julho de 1100 d.C., vítima de uma flechada durante o cerco a cidade de Acre, conforme relatos do e cronista Ibne Alcalanici. Há, entretanto, discordâncias em relação à sua morte, outros escritores da época alegam que veio a falecer em Cesaréia um mês antes por adoecimento. Outra corrente alegou envenenamento, mas a única certeza é que o seu óbito foi por doença prolongada logo após o retorno de uma expedição militar. Em seu lugar foi coroado rei Balduíno de Bolonha, o primeiro rei latino de Jerusalém em 25 de dezembro de 1100 d.C. Com o sucesso das operações militares dessa primeira Cruzada, era necessário agora manter os domínios conquistados. Muitos nobres, cavaleiros e peregrinos, por terem cumprido seus votos e obrigações, retornaram à Europa, o que enfraqueceria os Estados Latinos recém-criados. Diante

disto, havia necessidade de reforços, por ser de conhecimento geral que a retaliação muçulmana viria mais cedo ou mais tarde. E sem soldados e forças capazes de fazer frente aos islamitas, perderiam facilmente os territórios recém-conquistados. O novo pontífice, Pascoal II sucessor de Urbano II, deveria logo convocar novos cruzados principalmente aqueles que não terminaram seus votos durante a extenuante primeira cruzada. Além destes, incentivar que novos senhores feudais viessem “tomar a cruz” para substituir aqueles que já voltaram ou iriam em breve retornar. Com o novo apelo do Papa, e por se ter na época receio de excomunhão, medo mais social do que religioso, ninguém em sã consciência gostaria de ter problemas com a Igreja. Esse aspecto contribuiu para que em 1101 d.C. sob a liderança de Estevão de Blois e Hugo I de Vermandois, novas tropas e expedições fossem planejadas com destino à região. Outros nobres vieram posteriormente juntar-se-iam à empreitada, como Anselmo IV de Milão, Henrique IV da Germânia e Estêvão I da Borgonha. Além dos cavaleiros europeus, o General Tácito e suas tropas reforçaram o contingente, e o comando-geral ficou a encargo de Raimundo IV de Toulouse.

Nessa nova coalizão pós conquista de Jerusalém, houve mais batalhas por territórios e cidades, Ancara e Gangra foram conquistadas e repassadas para Aleixo I, a fim de amenizar o cumprimento das promessas e tratados assinados anteriormente. Porém, outras cidades como Kastamonu e Mersivan impuseram

Figura 7 -- Conquista de Jerusalém.

pesadas derrotas aos cruzados. Apesar de um certo acomodamento na região, mesmo havendo pequenas batalhas com vitória e derrotas para ambos os lados, foi a partir de 1101 d.C., que os árabes começaram a constatar a possibilidade de vencer e reconquistar seus domínios perdidos. Por perceberem algumas falhas táticas e militares nos francos, os islamitas notaram que a invencibilidade cruzada era falaciosa.

Outro aspecto digno de nota, foram as emboscadas, assaltos e guerrilhas, ao longo dos caminhos e estradas com destino a Jerusalém, tornando inseguro o trajeto terrestre e abrindo espaço para as rotas marítimas. As rotas marítimas, além de mais seguras, fomentaram uma intensificação do comércio na região e beneficiaram principalmente as cidades estados da Península Itálica. Cidades como Veneza, Amalfi e Gênova, conseguiram a partir de então um fortalecimento, político e econômico, pelo incremento financeiro oriundo do comércio entre Oriente e Ocidente e por usarem suas frotas, como apoio logístico aos cruzados, comerciantes e peregrinos. Com a criação de novas rotas comerciais, houve

um renascimento comercial na Europa e que ocasionou no decorrer dos próximos séculos o desenvolvimento do continente e de seus povos.

Com o estabelecimento do domínio cristão na região, alguns comerciantes e mercadores de Amalfi fundaram em Jerusalém sob a regra de Santo Agostinho, e com o patrocínio da igreja de Santa Maria Latina, uma casa de amparo religioso e hospedaria para peregrinos. Anos depois, foi incorporada a essa estrutura um hospital, financiado pelos líderes cruzados de Jerusalém, que garantiu independência em relação à Igreja de Santa Maria. Essa boa situação financeira proporcionou formar uma congregação, sob os auspícios de São João Batista. Sendo que, no ano de 1113 d.C., sob o papado de Pascoal II, e em bula emitida nominada como *Pie Postulatio Voluntis*, constitui-se como ordem de direito eclesial e com a prerrogativa de eleger seus superiores sem interferência, o que hoje conhecemos como Ordem de Malta. Essa ordem em 1120 d.C obteve regra própria, e foi oficialmente denominada como Ordem Soberana e Militar Hospitalário de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta. No mesmo período e com intuito diferente, mais exatamente em 1118 d.C. criou-se a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, ou vulgarmente conhecida como Templários. E cujo objetivo preliminar era o de garantir a segurança dos peregrinos e dos viajantes com destino a Terra Santa e seus lugares sagrados. As ordens de monges cavaleiros reinventaram o ideal de cavalaria, por criarem guerreiros religiosos e por darem uma nova estrutura militar na região. Se antes os senhores feudais eram detentores do poder militar, agora a própria igreja criou suas legiões. Apesar de serem mais organizados e unidos hierarquicamente, ainda não eram numericamente superiores a ponto de garantirem a proteção contra a superioridade muçulmana.

O Pós 1° Cruzada e As Demais Cruzadas.

Historicamente, a 1° Cruzada foi a mais importante, pois foi através dela que os cristãos retomaram a Terra Santa e seus acessos sacros. Na realidade o êxito da primeira cruzada, sempre foi motivo de surpresa, principalmente por se saber que a indisciplina e o descontrole das tropas eram reinantes. Isso sem contar a ganância dos nobres, que pensavam primeiro em si, para depois analisar o coletivo. As vitórias, foram muito mais pelo momento no qual se encontravam os árabes daquela época, que encontravam-se desorganizados e desunidos, sobretudo por disputas religiosas entre xiitas e sunitas. Esse aspecto foi preponderante, até porque militar, taticamente e geograficamente os islamitas eram muito superiores aos cristãos. Isso sem contar, que os Bizantinos, mesmo com a traição dos cruzados, ao se negarem a devolver-lhes antigos territórios, enxergavam nos árabes um inimigo comum e mais perigoso. Para Aleixo, os árabes ao terem suas preocupações direcionadas para os cruzados, deixariam de lado suas pretensões expansionistas em relação a Bizâncio.

Após a conquista de Jerusalém, muitos dos combatentes, por já terem cumprido seu voto é seu dever para com a igreja e o papa, retornaram às suas regiões de origem, enfraquecendo a presença cristã romana na região. Além da Cidade Santa, que era a menina dos olhos da cristandade, localidades como Edessa e Antioquia tornaram-se capitais de domínios e pontos estratégicos para manter Jerusalém segura. Nesse pós-domínio, as cidades estados italianas foram vitais para manter o controle. Elas além de viabilizarem as relações comerciais ao longo do Mediterrâneo, contribuíram para um essencial apoio logístico, em razão da insegurança e da fragilidade das rotas terrestres e das crescentes hostilidades entre cruzados, árabes e bizantinos. Suas embarcações, transportavam tropas, interceptavam navios

inimigos e levavam mantimentos para os expatriados. Mesmo havendo um fluxo constante de ocidentais indo para o Oriente, os interesses eram os mais diversos possíveis. Muitos iam em busca de feudos e terras, outros para se redimir dos pecados e muitos outros pela aventura e possibilidade de glórias e riquezas provenientes de saques.

O grande número de soldados, plebeus, peregrinos e nobres, não garantia a sobrevivência cristã na Terra Santa. Os contingentes continuavam desorganizados, os interesses pessoais estavam acima de tudo e os árabes sabiam disso, até porque, numericamente se unidos eram consideravelmente superiores aos cristãos. Na realidade, nua e crua, questão de tempo e de aguardar o momento certo. O principal inimigo dos francos, além dos turcos, era tentarem impor sua cultura, hábitos e fé goela abaixo das populações locais. Esse fato, gerava intolerância, ojeriza e menosprezo da população em relação aos novos dominadores. O que contribuia para o fortalecimento árabe, que captava esses sentimentos e usava-os como aliado contra os inimigos cristãos. As hostilidades, marcadas por pequenos ataques entre ambos os lados, sobreviveu por um certo período, fruto da capacidade dos dois lados de negociar e trabalhar desavenças a favor de si. Ao jogar o jogo dos interesses próprios, árabes, bizantinos e cristãos se auto anulavam, incapacitando-os para reconquistas ou aumentar territórios.

Essa sutil paz, sobreviveu até 1144 d.C. quando Zengui, governante de Aleppo e Mossul, reconquistou o Condado de Edessa. O cerco a Edessa durou mais ou menos um mês e mesmo com a tentativa do Reino de Jerusalém de enviar tropas auxiliares, não houve tempo hábil para impedir a capitulação, ao chegaram já era tarde demais. Ainda restou por um breve período, para o rei do condado, Joscelino II, a região de Turbessel, mas o território seria brevemente conquistado por tropas muçulmanas, e posteriormente vendido para os bizantinos. O Rei Latino, logo após o assassinato de Zengui por um de seus escravos, tentou retomar seus

domínios, mas foi mais uma vez derrotado pelo filho do governante árabe, Noradine. A queda de Edessa logo chegou ao conhecimento de Roma, por peregrinos num primeiro momento e por missões diplomáticas num segundo instante. A resposta só não foi imediata, pelas dificuldades inerentes ao período, como comunicação, deslocamento de tropas e por outras questões logísticas. Mas o Papa Eugênio III, do mesmo modo que seus predecessores, emitiu a bula pontifícia "*Quantum Praedecessores*", conclamando uma II Cruzada e concedendo indulgências. Contudo, a resposta foi fraca, mesmo havendo por parte de Luís VII, rei francês, a virtude e a iniciativa de ter feito e planejado por conta própria uma campanha militar para recuperar Edessa. Mas há quem conteste a reação francesa, alegando que na realidade, seria uma peregrinação real, fruto de um voto de fé feito pelo irmão de Luís, Felipe, de visitar a Terra Santa. A promessa não foi concretizada, pela morte prematura de Felipe, e cabia ao rei cumpri-la em nome do irmão. Apesar da oposição da nobreza francesa, em relação à participação pessoal de Luís VII, é consenso entre os historiadores que a decisão do monarca antecedeu a bula papal. Contudo, os méritos para a materialização da nova campanha militar foram de Bernardo de Claraval, monge cisterciense de grande reconhecimento na época, que além de aconselhar o monarca francês a participar, viabilizou a reedição da bula anterior que havia caducado, por Eugênio III. Logo após, foi pessoalmente ao longo de todo território franco pregar a nova cruzada, e em algumas dessas pregações estava acompanhado do rei francês e do próprio papa. Em terras germânicas, no Sacro Império Romano-Germânico, as notícias relativas a uma nova empreitada bélica, logo se espalharam, conjuntamente com milagres atribuídos a São Bernardo, o que causou frisson na população e na nobreza. Com isso Conrado III, e seu sobrinho, Frederico Barba Ruiva, em Espira, tomaram a cruz e aderiram ao novo movimento bélico religioso.

Se o principal objetivo era atender mais um chamado da cristandade no Oriente Médio, os mesmos erros e desvios de rota da primeira cruzada aconteceram na segunda. Houve perseguições religiosas a judeus, uma sub-cruzada contra os eslavos que ainda não eram convertidos ao catolicismo e excursões militares na península ibérica para expulsar muçulmanos deste canto da Europa. Na realidade como na primeira, as dispersões no próprio território enfraqueceram os cruzados, desvirtuando o objetivo principal e até atrasando o apoio a Edessa, o único saldo positivo de toda a campanha foi a reconquista de Lisboa. Além de tudo isso, a desorganização também marcou a II Cruzada, a começar por Conrado III da Germânia. O monarca alemão, decidiu ir a Terra Santa por terra, com um exército de 20 mil soldados, o que gerava reações e temores negativos de outros países e monarcas, em relação a badernas, saques e violência. Ao chegar em terras bizantinas, o imperador Manuel I Comneno, sabendo do contingente germânico e por temer ataques, saques e vandalismo, enviou tropas para garantir o mínimo de segurança em seus domínios. As dificuldades e atritos com os bizantinos levaram Conrado III a adiantar a travessia do estreito de Bósforo, o rei germânico resolveu não esperar seu colega francês. Esse foi o primeiro erro, partir sem aguardar as outras legiões, o segundo foi já em Anatólia, ao ter dividido seu exército em 2 divisões. Uma delas, sob seu comando, foi para Icónio (Sultanato de Run) onde travou uma batalha em 1147 d.C. que ficou conhecida como Segunda Batalha de Dorileia. Não é preciso falar, que ambas as divisões foram praticamente massacradas, a sob a liderança de Conrado, foi alvo por parte dos turcos seljúcidas de técnicas de guerra, onde os turcos simulavam retiradas e atraiam os alemães para terrenos apropriados para ataques surpresas e pequenas emboscadas, a ponto de enfraquecê-los substancialmente. Já a outra divisão, sob o comando de Otão Frisange, meio-irmão de Conrado, foi dizimada em 1148 d.C. na costa mediterrânea.

Já o rei Francês, a princípio iria para o Condado de Edessa via marítima, queria evitar os erros da 1º Cruzada, mas foi convencido a ir por terra, como fez seu colega alemão. E, em 1147 d.C. partindo de Metz, com vários integrantes da família real e reforços da região de Lorena, Borgonha, Bretanha e Aquitânia, deu início a seu deslocamento. A única tensão no caminho, foi na Hungria, por questões de inimizades entre o rei húngaro e integrantes das tropas comandadas por Luís. Fora isso, apenas em Constantinopla, pequenos atritos com germânicos marcaram seu percurso e nada mais. Ao contrário do rei alemão, os franceses tinham boas relações com os bizantinos, o que facilitou muito o acolhimento das tropas.

Figura 8 - - Luís VII .

Algumas alianças e desentendimentos se seguiram, mas foram diplomaticamente resolvidos, e para seguir caminho, só restava esperar mais

alguns reforços, que logo chegaram e foram transportados para a Ásia Menor. Os bizantinos não quiseram aderir a essa Cruzada, tinham problemas com o rei da Sicília, e temiam ficar desprotegidos em caso de invasão siciliana. O que levou tanto os alemães, como os franceses a prosseguirem sem apoio do Império Bizantino, ou seja, por sua conta e risco. Apesar dos primeiros cruzados não terem cumprido acordos, Manuel Comneno, continuou a tradição de seu avô Aleixo I, ao exigir o compromisso de que os territórios conquistados seriam entregues a Bizâncio, em troca de alimentos e transporte para o outro lado do estreito. O exército de Luís VII, chegou à Nicéia em novembro, e lá se encontraram com o que restou das tropas germânicas. Optaram por fazer a rota Mediterrânea, e em dezembro chegaram a Éfeso, lá foram alertados de iminentes ataques dos turcos. A situação não era das melhores para os cruzados, Conrado III estava doente, seus exércitos dizimados e mesmo sabendo que poderia haver emboscadas, os franceses continuaram a jornada. Pequenas emboscadas, algumas vitórias e em 1148 d.C. o rei e seus cruzados, resolveram encurtar caminho e atravessar as montanhas de Frígia.

Nessa travessia além de encontrarem os corpos das tropas aniquiladas de Otão de Frisange, sofreram com insubordinações de alguns nobres. O monarca franco, tinha uma liderança fraca, o que permitia a desorganização, desobediência e falta de um comando centralizado, fatores que contribuíram para o insucesso da expedição. Os turcos, que os seguiam, só esperavam o momento certo para atacar, e numa dessas oportunidades após o atraso de uma das colunas do exército franco, houve um ataque que quase matou Luís VII. Pegos de surpresa, e sem possibilidade de fuga, sofreram pesadas baixas, e o rei francês só escapou por ter sido salvo pelo Grão-Mestre Templário Everard des Barrès.

Figura 9 - - Batalha de Hatting - Rendição dos Cruzados.

Os ataques dos turcos, as rixas entre os nobres ao longo da campanha militar, enfraquecem cada vez mais as tropas e o moral dos cruzados. Mesmo após os turcos cessarem os ataques contínuos, sofreram com a falta de mantimentos, doenças e desarranjos logísticos. E, em mais uma tática inimiga, o de terra queimada, o provisionamento era impedido de chegar, extenuado o esforço de guerra de Luís VII, que a partir deste ponto, decide abandonar a rota terrestre e seguir até Antioquia pelo mar. Porém, para piorar a situação, devido ao tempo ruim e tempestades, a maioria dos navios prometidos pelos aliados, não chegaram, o que atrasou o embarque do monarca em quase um mês.O resto do exército, plebeus em sua maioria e sem cavalos, continuariam por terra, o que os tornou alvo fácil dos turcos, quem não morreu pelo inimigo, morreu de fome e doença ou foi escravizado.

Ao chegarem em Antioquia, já enfraquecidos, os cruzados começaram a montar estratégias para atacar a cidade-estado de Alepo, sob comando de Noradine e responsável pela conquista do Condado de Edessa. Nesse ponto da Cruzada, o desinteresse do rei francês em continuar na jornada militar era notório, estava mais interessado em peregrinar até Jerusalém cumprir seus votos. Se Luís VII, praticamente jogou a toalha, os demais se reorganizavam e esperavam reforços para continuar. Nesse ínterim, traições, acordos e brigas internas marcaram a II Cruzada, tudo relacionado a poder, ganância e interesses pessoais. Com a instabilidade política, os Estados-Cruzados se enfraquecem gradativamente com as disputas de poder, o que de certa forma era bom para os árabes. Diante dos impasses, em 24 de junho de 1148 d.C., reuniu-se nas cercanias de Acre, um concílio para decidir os rumos da campanha militar. Com a presença dos soberanos da França, Germânia e de Jerusalém, porém não contou com a presença de outros estados latinos, que não manifestaram interesse em participar de um novo esforço de guerra. Após acaloradas discussões, estratégias e oposições onde cada monarca objetivava seus interesses pessoais, decidiram atacar Damasco. Consensualmente, acordaram que por ser uma localidade estratégica para cristãos, Templários e para o rei de Jerusalém, era também, um contraponto ao poder de Noradine, de Aleppo e suas pretensões expansionistas. Em julho de 1148 d.C iniciou-se o ataque e cerco à Damasco, se por um lado os damascenos não queriam ser dominados pela dinastia Zengui, um domínio cristão também não era bem-visto, na realidade consideravam o domínio cruzado muito pior. Porém sem muita saída, o governador de Damasco acabou cedendo e pedindo apoio militar a Mossul e a Aleppo, ambas sob comando e influência de Noradine. No aguardo dos reforços a cidade sofreu várias tentativas de ataque, mas soube se defender e ganhar tempo até chegarem os reforços aliados. O exército de Noradine, chegou e deixou os cruzados vulneráveis, com isso, impediu um fortalecimento das posições cristãs, o que acabou levando Luís, Conrado e o Rei de Jerusalém a bater em retirada. O que contribuiu muito

com a derrota no cerco de Damasco, foi a negativa de outros nobres cristãos, dos reinos latinos cruzados a permanecerem na campanha militar, fruto de desavenças particulares e da falta de interesse em apoiar o Condado de Edessa.

Figura 10 -- Ricardo I, Coração de Leão.

Com o fracasso, em Damasco, a desastrosa II Cruzada resultou em mais discórdia e divisões entre os vários contingentes cruzados na região. Os damascenos foram submetidos à soberania de Noradine em 1154 d.C., que fortaleceu ainda mais seu poder e abriu precedentes para futuras conquistas e expansões territoriais no Levante**[05]**. Mesmo com a vitória de Balduíno III, em Ascalão em 1153 d.C., as desavenças internas entre os estados cruzados abriram fissuras na permanência destes na região, enfraquecendo-os gradativamente. O acesso terrestre havia sido interrompido pelos turcos, os bizantinos mesmo sendo aliados mantinham tensas relações com os cruzados, restando apenas como único meio marítimo. Em 1171 d.C, Saladino é proclamado Sultão do Egito, e com a captura de Damasco em

1174 d.C. e Alepo em 1183 d.C. unifica os territórios sírios, cercando completamente os Estados Latinos no Oriente. Para agravar a situação, em 1180 d.C. o imperador bizantino Manuel I Comneno, morre e sua morte acarreta um enfraquecimento de Bizâncio, que os leva a perderem grande parte de seus domínios. E por fim em 1187 d.C. na Batalha de Hattin[06], Jerusalém, e posteriormente a maioria dos estados cruzados capitulam e são conquistados por Saladino. A queda de Jerusalém, foi uma batalha épica, onde 70 mil muçulmanos sob o comando do Sultão, derrotaram 60 mil cruzados. O principal erro dos cristãos foi ter montado um acampamento em terreno aberto, após dias de cansativas batalhas. Essa falha permitiu que Saladino ateasse fogo no aquartelamento, cortando acesso à água potável e provocando uma cortina de fumaça que tornou os soldados latinos alvos fáceis de flechas e de ataques surpresas. Com o caos instalado, entre as tropas, deserções em massa abriram as portas para a derrota e a consequente conquista de Jerusalém. Os cristãos que não conseguiram fugir, foram trucidados ou escravizados e vendidos nos mercados da região. A queda da Cidade Santa e de muitos territórios latinos na Ásia Menor, levou o papa Gregório VIII, a lançar mais uma Cruzada, conhecida historicamente como "A Cruzada dos Reis". O nome veio pela adesão de vários monarcas, como Felipe Augusto da França, Frederico Barba Ruiva, da Germânia, Henrique II, da Inglaterra e Guilherme II da Sicília. O rei inglês, ao longo dessa cruzada foi substituído pelo seu filho, o lendário rei Ricardo I Coração de Leão.

Falar em Cruzadas e não falar em seus contratempos é como não falar nada. E nessa Cruzada, os revezes começaram mesmo antes de chegarem ao campo de batalha, e o azarado foi Frederico Barba Ruiva, que partiu de Ratisbona e ao tentar atravessar um rio na Anatólia Oriental, caiu do cavalo, devido ao peso da armadura e sem conseguir levantar morreu afogado. A morte do rei germânico, impediu a continuidade desse núcleo por razões

óbvias. O rei Felipe Augusto, também teve uma curta participação nessa Cruzada, como os ingleses, os franceses foram para Acre pelo Mar, alcançando a cidade em 1191 d.C. O cerco durou em torno de um mês, porém por motivos pessoais o rei francês precisou abandonar a Cruzada e retornou a Europa, sem antes passar por Roma para pedir absolvição papal. O rei inglês Ricardo I, continuou rumo a Jerusalém, derrotando em 1191 d.C., em Arçufe, forças muçulmanas, o que lhe permitiu a ocupação de Jafa. O monarca inglês obteve alguns atos notáveis, como a posse do Chipre,Acre e Jafa, além de várias outras vitórias em localidades pouco expressivas, mas, contra efetivos superiores.

Contudo, conquistou algumas manchas em sua bibliografia ao massacrar prisioneiros, inclusive mulheres e crianças no decorrer das suas conquistas. Apesar de nunca terem se encontrado, Saladino e Ricardo, nutriam um respeito mútuo, como adversários. Muitas das batalhas travadas por eles, antes dos campos de batalha, foram táticas e estrategicamente planejadas, o que ajudou na fama de ambos. Essa reverência entre os dois reis, gerou fatos inusitados, como trocas de honrarias e presentes, que mostravam o quanto se respeitavam. Em 1192 d.C., dado o equilíbrio militar entre os dois, culminou num acordo, onde os cruzados manteriam suas conquistas na Palestina e os Árabes mantinham a posse de Jerusalém, sendo assegurado, desde que desarmados, o direito de peregrinação dos cristãos na cidade.

Com isso, o Acre passou a ser a nova capital dos Estados Latinos do Oriente. Evidente que não eram as aspirações pretendidas, mas não se pode afirmar que foi um fracasso. A trégua, entre Saladino e Ricardo, acarretou uma certa paz e tranquilidade na região, ambos tiveram que abrir mão de alguns objetivos, mas o saldo mesmo parecendo negativo foi positivo. Se o rei inglês não conseguiu reconquistar Jerusalém, Saladino a contragosto teve que engolir um entrave cristão na região, porém a paz dava certeza de

uma breve longevidade, sem hostilidades e sem o dispêndio financeiro gerados pelas guerras. O encerramento da Cruzada foi no mesmo ano em 1192 d.C., quando o monarca inglês retornou à Inglaterra, para enfrentar problemas internos em relação ao seu trono. Voltou para sua terra natal, sem ao menos desejar, mesmo que de longe ver Jerusalém. Talvez, essa cruzada seja uma das mais conhecidas, pelas lendas e estórias que produziu. Saladino faleceu em 1193 d.C., e foi substituído por seu filho Alfedal ibne Saladino.

A partir da quarta cruzada, já se notava um esfriamento no desejo de lutar pela reconquista de Jerusalém. E a trégua entre Saladino e Ricardo, era uma das razões, pois dava aos cristãos o direito de peregrinar e garantir bons negócios para os italianos de Gênova, Veneza e outras cidades-estado. Em 1198 d.C. o papa Inocêncio III, começou a incitar um novo esforço de guerra. Inocêncio, era bem quisto pela nobreza e gozava da confiança popular, mas apesar do apoio dos nobres os interesses entre papado e nobreza eram conflitantes. Se o Papa desejava uma nova empreitada contra os muçulmanos do Egito, os reis tinham, olhos para Constantinopla por desavenças comerciais, o que acabou desvirtuando a IV Cruzada. Além disso, não interessava a Veneza atacar o Egito, pelas estreitas relações comerciais que mantinham, perderiam muito se atacassem os egípcios. A cruzada teve como principais líderes Bonifácio II de Montferrat e Balduíno IX de Flandres, que para se deslocarem até o Egito, estabeleceram-se com suas tropas na Ilha de Lido, em Veneza. Só havia um problema, não tinham como custear o valor de 85 mil marcos de ouro, exigido pelos venezianos para atravessar os soldados até o Egito. Nisso o duque de Veneza, Enrico Dandolo, propõe a eles em vez de resgatarem Jerusalém via Egito, conquistarem primeiro Zara e como parte do acordo, partiriam da Croácia, direto para Cidade Santa sem parar ou atacar o país aliado. E em 1202 d.C, após o aceite da proposta, a cidade croata foi tomada e conquistada por

hostes cristãs, é relevante mencionar que a cidade era cristã, e a motivação foi mais comercial do que religiosa. Contrariado, Inocêncio III, excomungou os líderes venezianos e solicitou o imediato cumprimento de seus desígnios. Se os objetivos iniciais já haviam sido desvirtuados, foram mais ainda com a situação política de Constantinopla. A instabilidade na cidade, levou a queda do imperador Isaac II Ângelo, por um golpe de seu irmão Aleixo III Ângelo, por sorte o filho de Isaac II, conseguiu fugir e convencer os cruzados a ajudarem ele retomar a autoridade de Bizâncio. Com a promessa de dinheiro e recursos para reconquistar Jerusalém em troca do trono, o acordo foi fechado. Assim, em 1204 d.C. Constantinopla cai e é tomada pelos cruzados, que conforme o prometido entornam Aleixo IV, como seu imperador. Entretanto, o novo rei bizantino para honrar suas palavras, jogou a conta para o povo, subindo impostos e criando novas taxas, gerando com isso uma revolta popular e o seu posterior assassinato. Com o cargo real vago e com a instabilidade política, Veneza viu um precedente para tomar o poder no Estreito de Bósforo. Mais uma vez os cruzados foram usados, em abril de 1204 d.C. e como resultado um novo ataque à cidade. Constantinopla, foi submetida a três dias de massacres, pilhagens e vandalismo, o espólio de guerra foi dividido entre os invasores que contentes com a situação, abdicaram do desejo de partir rumo a Jerusalém. A quarta cruzada não foi concretizada, e mais uma vez os resultados concretos foram desastrosos. Restava ainda pelo menos a trégua do rei Ricardo I, de 1192 d.C. que assegurava a manutenção dos estados latinos no Levante.

Alguns anos depois do fracasso de IV Cruzada, o Papa Inocêncio III, conclama mais um esforço de guerra para reconquistar Jerusalém. Em 1215 d.C. no Concílio de Latrão foi conclamada uma nova cruzada, que só foi viabilizada pelo sucessor de Inocêncio III, o papa Honório III. Esses movimentos apesar de desacreditados e enfraquecidos ainda conseguiam

adesões principalmente por suscitar o interesse em novas possessões e domínios. E essa teve como líderes, André II da Hungria; Leopoldo IV da Áustria, Frederico II do Sacro Império e João I de Brienne que detinha o título de rei de Jerusalém.A organização e os preparativos ficaram a cargo de Frederico, que optou como na quarta cruzada, reconquistar Jerusalém via Egito. Após o planejamento, em 1218 d.C. as tropas cruzadas rumaram ao Egito via Acre e tinham como primeiro alvo Damieta, cidade que dava acesso ao Cairo. Após um ataque preliminar, conquistaram uma pequena fortaleza na localidade e desta fortificação aguardaram reforços. Os reforços vieram sob o comando de um cardeal de Pelágio, conhecido como Palo Galvão, por ter um caráter autoritário o cardeal negou-se a ficar subordinado a João I de Brienne, causando mais problemas do que soluções. Se os cruzados sofriam com os egos, no lado muçulmano também havia crises de liderança, e essa brecha permitiu aos cristãos o domínio do campo inimigo. Em 1219 d.C. foi negociada uma paz, e no acordo os muçulmanos abriam mão de Jerusalém e algumas outras cidades e, em troca exigiam a retirada das tropas cruzadas do Egito. Contudo, o cardeal Pelágio e alguns outros chefes militares recusaram a oferta, pois acreditavam que os "infiéis" não resistiriam à chegada dos reforços trazidos por Frederico II.

Nessa toada, iniciou-se o cerco ao porto de Damieta, entre derrotas e pequenas vitórias, houve mais uma proposta de paz pelo Sultão, novamente recusada. Em 1219 d.C., enfim a cidade se rende, abrindo espaço para a conquista do Sinai, porém, nesse meio tempo os egípcios recuperam seu poderio militar e sua capacidade de confronto.

Até que em 1221 d.C. sob o comando do Cardeal, foi ordenado uma ofensiva final contra a cidade do Cairo. Espertamente no deslocamento dos cristãos até a capital do Egito, as tropas muçulmanas, levaram os soldados cruzados para uma emboscada, que os levou a ficarem sem comida, água e cercados por militares do Sultão. Desta vez tiveram que aceitar a força um

acordo, muito mais desastroso e vergonhoso, de retirada do Egito em troca de suas vidas e um armistício de 8 anos. O rei Frederico II, que tinha prometido apoio militar, nunca chegou e como consequência foi excomungado pelo Papa Gregório IX. Como nas outras excursões militares aos locais e cidades sagradas, a derrota e o insucesso foram muito mais pelo despreparo, arrogância e falta de visão dos cruzados, do que pela superioridade do inimigo.

A sexta cruzada, de forma bem direta, foi resultado da excomunhão de Frederico II, que anteriormente deu o "cano" no Papa e aliados. Mesmo hesitante, ainda tentou retardar a expedição militar, mas, um rei excomungado, não era bem-visto pelas outras monarquias e pelos próprios súditos com bons olhos. O peso da excomunhão papal começou a cobrar seu preço no reinado do rei germânico. Frederico, era defensor do diálogo com o Islã, nutria inclusive simpatia pela religião dos árabes. Porém, com o desejo do papa em proclamar uma cruzada contra o próprio monarca, e ocorrendo inclusive ataques papais a seus domínios, na Península Itálica, no Chipre e no Acre, não houve muita saída. Sem alternativa, excomungado e correndo o risco de perder sua coroa, Frederico II em 1228 d.C. com um minguado exército e com auxílio de cavaleiros teutônicos parte para mais uma cruzada. Apesar de seu poder militar, estar enfraquecido por deserções, hostilidade entre as tropas e por sua excomunhão, Frederico era audaz. O rei germânico sabendo de suas fraquezas, e sabendo igualmente das disputas entre Egito e Damasco, escolheu o caminho diplomático. O resultado prático foi um vantajoso tratado com o Egito, que era comandado por Camil, sobrinho de Afedel Saladino. No texto do acordo, nomeado como Tratado de Jafa (1229 d.C), Jerusalém ganhou Belém, Nazaré e Sídon, um corredor para o mar e uma renovação da trégua por mais 10 anos. Em contrapartida, a cristandade reconheceria a liberdade de culto dos árabes, fato esse que gerou sua segunda excomunhão de Frederico, pois a

Igreja não aceitava uma heresia como essa. Se essa cruzada foi a mais diplomática e a menos bélica, a situação do rei alemão, que também tinha sido coroado rei de Jerusalém, não andava nada boa na Europa. Com a coroa em risco, na Germânia e em Nápoles, e sendo atacado pela Igreja, regressou ao velho continente e restabeleceu conversações com o papado, em 1230 d.C.. Até o final de seus dias, em 1250 d.C., Frederico lutou com todas as forças para manter seu reinado, travando inúmeras disputas e guerras contra a Igreja. Se não lutou e foi diplomático no Oriente, no seu império as armas foram as ferramentas para permanecer no poder.

Após finalizar o prazo da trégua assinada por Frederico, em 1239 d.C., uma expedição militar cristã, comandada por Ricardo de Cornualha e Teobaldo IV, e carente de homens e recursos excursionou até a Palestina. O objetivo era reforçar a presença de cristãos nos lugares santos, mas o envio dessas tropas não impediu que mais uma vez Jerusalém, em 1244 d.C. caísse em mãos dos turcos. Neste ano, Inocêncio IV, no Concílio de Lyon, conclama mais uma cruzada, que foi prontamente atendida pelo rei Luís IX da França. Apesar do pronto atendimento à convocação, os preparativos demoraram três anos, após esse período, com 35 mil homens, o monarca francês embarcou para mais uma jornada bélica no Oriente, isso em 1248 d.C.. O rei francês contava com o apoio indireto dos mongóis, que perturbavam as fronteiras norte dos estados muçulmanos. Com os árabes tendo que guarnecer seus domínios do Império Mongol, e com um bom número de soldados, já em 1249 d.C. Luís IX, recuperou Damieta, que passou a partir de então a ser uma base de operações e de apoio logístico dos cruzados, na luta pela ocupação da Palestina. No ano seguinte, em 1250 d.C, por pouco não conquistou o Cairo, só não logrou êxito devido uma inundação no Nilo, e por consequência dessa cheia do rio perderam seus mantimentos para os muçulmanos. O resultado negativo dessa campanha e dos desastres naturais, foi a fome e as doenças, levando o monarca a bater

em retirada. Nessa debandada das tropas, Luís IX foi capturado e feito prisioneiro em Almançora, após negociações para libertá-lo do cativeiro a rainha francesa conseguiu um acordo: o pagamento de um resgate de 800 mil peças de ouro e a restituição de Damieta em maio de 1250 d.C... Com a negociação de sua liberdade, negociada pela rainha, e livre da clausura, partiu para a Palestina, acompanhado de seu irmão Carlos D'Anjou, ficando em terras palestinas até 1254 d.C.. Somente após recuperarem todos os prisioneiros cristãos e conseguirem fortalecer e reforçar as cidades francas e cristãs da região é que retornaram à Europa. Após a conclusão de sua jornada, mesmo sem conquistar Jerusalém, Luís IX ainda ambicionava uma nova cruzada na região, e anos mais tarde, tentou mais uma vez.

O retorno do rei Francês e seu novo empreendimento armado, a Oitava Cruzada, se deu em após a tomada em 1265 d.C. pelos mamelucos, de Cesareia, Haifa e Arçufe. Já em 1266 d.C. uma nova investida militar egípcia reconquistaria a Galileia e parte da Armênia, findando no domínio da Antioquia, em 1268 d.C. O Oriente Médio, como sempre, vivia mais um período de disputas e anarquia entre ordens religiosas, nobres e comerciantes de Gênova e Veneza, disputas que abriam os flancos dos cristãos na região. Em 1270 d.C, Luís IX parte rumo a mais uma Cruzada, a repercussão já não era mais a mesma de outrora e o espírito cruzado não despertava a mesma chama de glórias, riquezas e expiação de pecados de outras cruzadas. Sem amparo de outros reis e dos cristãos, essa cruzada também foi desvirtuada, se o intuito preliminar era a Palestina e o Egito que sofreram uma devastação pelo Sultão Baibars, o destino final foi Túnis.

Na realidade, o primeiro propósito antes de partirem para o Egito era converter o emir da cidade norte-africana ao cristianismo. Se o governante da cidade, estava preparado para rechaçar a conversão, uma tragédia, impediu-os inclusive de combater o emir, uma peste. Logo no desembarque, as tropas foram acometidas por uma doença, que assolava e dizimava a

população de Túnis, sendo derrotados pela molésti a. Entre as vítimas, o próprio rei francês e um de seus filhos. Esse acontecimento, além

Figura 11 - **-** Luís IX, o Rei Santo (São Luís).

de encerrar as pretensões cruzadas, fez com que o outro filho de Luís IX ainda em 1270 d.C firmasse um tratado de paz com o sultão local e voltasse para França, para ser coroado rei em Reims.

Se mais essa expedição teve um final trágico, e não conseguiu restabelecer os domínios cristãos, alguns meses após o infortúnio houve por parte do rei inglês Eduardo I, mais uma tentativa. Muitos consideram a nona cruzada uma extensão da oitava, mas já era notório que o poder de

persuasão já não era mais o mesmo. Além do custo operacional das ações, era sabido que a presença árabe já tinha se consolidado na região, e desta forma, para muitos nobres era uma operação suicida. Mas mesmo assim, Eduardo I partiu com seguidores para Acre e região, com o intuito de impedir o avanço do Sultão Baybars. O sultão, desde 1268 d.C. vinha avançando e infligindo perdas territoriais a Jerusalém, que nada mais era do que uma pequena faixa de terra entre Sídon e Acre. A paz até então alicerçava-se em tratados firmados entre o papa Nicolau IV, Eduardo e Baybars, mas sempre frágil. Houve entre 1271-1272 d.C. várias tentativas de dominação, que foram habilmente rechaçadas por Eduardo, o que levou o sultão a propor em 1272 d.C. uma trégua. Isso sem antes, tentar um atentado para assassinar o nobre inglês, ao usar falsos cristãos para matá-lo, não logrou sucesso. Se os planos ocultos do sultão não deram certo, por sorte o avanço cruzado só foi impelido, por algo que fugia do controle dos dois, a morte de Henrique III, pai de Eduardo. O que forçou o inglês a retornar para sua terra para assumir o trono. Com o tratado assinado entre os dois monarcas o fim da Nona Cruzada, também findou com o espírito cruzado e novas expedições semelhantes.

Após essa última cruzada, a instabilidade da região permaneceu frágil. O avanço mameluco e perseguições aos cristãos e peregrinos colocava em xeque a trégua nos últimos redutos latinos. Em 1289 d.C. o Sultão Qalawun inicia com um grande exército a conquista de Trípoli e depois de um sangrento assalto às fortificações da cidade, finalmente conquista o Condado de Trípoli. E, em 1291 d.C., o último reduto cristão no Oriente, Acre, foi capturada, encerrando-se a partir deste ponto os Estados Cruzados na Terra Santa. Os outros territórios cristãos, posteriormente foram reconquistadas pelos muçulmanos e nada mais restou aos cruzados, senão a retirada desastrosa e humilhante para o Chipre. Após quase duzentos anos da conclamação de Urbano II estava encerrado as Cruzadas,

o período cruzado e a presença cristã no Levante[05]. Os motivos dos fracassos foram muitos, mas as principais motivações, além da desunião e da desorganização das tropas e de seus chefes, foi a busca por poder. Os chefes cruzados, nunca olharam os lugares santos como um lugar uno, desde a primeira cruzada os interesses pessoais se sobressaíram em detrimento do coletivo. Assim como na Europa, levaram sua estrutura feudal de vassalagem para o Oriente, um sistema que não unia e sim dividia. Se brigavam por seus interesses, o enfraquecimento era notório, e mesmo que unidos eram e sempre foram minoria numa região hostil. E a hostilidade local, foi fruto da própria política e da incapacidade em procurar entender a cultura e os hábitos locais. Não raro, nas invasões matavam indiscriminadamente, muçulmanos, judeus e cristãos, sem contar que tentavam impor sua cultura, seus hábitos e sua fé.

O legado das Cruzadas, foi a herança que muitos homens, ordens monásticas, reis e a Igreja herdaram no convívio, contato e nas relações comerciais com os árabes, judeus e demais povos do Oriente. Foi por meio destas interações, que o Ocidente, através das rotas comerciais, do fluxo de mercadorias e da assimilação de hábitos e técnicas profissionais, trouxe para si, conhecimentos até então restritos ao Oriente e seus entornos. Economicamente, a antiga estrutura social, ruralizada, campestre e voltada para vassalagem e suserania, evoluiu socialmente para os burgos, para o comércio e para novas oportunidades de ofícios e renda. A revitalização urbana se deu num primeiro momento pela construção de novas catedrais, fruto dos aprendizados construtivos que Templários e Pedreiros Livres adquiriram na Ásia Menor. E, é com a ascensão da Ordem do Templo, que muito dessa evolução foi possível.

Figura 12 -- Aqueda de Acre (Obra de Domenique Papety - 1840).

CAPÍTULO II ORDEM DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO E DO TEMPLO DE SALOMÃO

Hugo de Payens, e os precedentes históricos dos Templários

Antes de entrarmos propriamente na história dos Cavaleiros Templários se faz necessário, irmos buscar e resgatar os precedentes históricos anteriores a sua fundação. E nesse contexto, a pessoa de Hugo de Payens é o elo entre as primeiras cruzadas, e a fundação da Ordem dos Cavaleiros do Templo. Hugo II de Payens ou Payns, é descrito como um fidalgo francês que viveu entre 1070 d.C. e 1136 d.C., mas a fidalguia, talvez não é o termo mais adequado para descrever o primeiro Grão-mestre da Ordem do Templo. É certo que foi criado e educado para viver como os nobres de seu tempo, nos relatos consta que, por um breve tempo assim o fez. Mas, principalmente após a ida pela primeira vez à Terra Santa, o seu nome ganhou um destaque que talvez nem ele imaginava que ganharia. Antes, de mais nada, é preciso fazer algumas ponderações e considerações sobre suas origens, aspecto essencial para podermos entender muito dos acontecimentos futuros, que circundam os alicerces dos Templários. O seu nome, assim como muitos outros aspectos de sua vida, sofreram com a inexatidão dos registros da época. A começar pela grafia de seu nome, com mais de 50 variações grafológicas, e se só isso não bastasse, há imprecisões também em relação ao ano de nascimento e em sua origem. O mais aceito, é que Payens, era filho de Gautier de Montigny e neto de Hugo I, nascido em Château Payns, na região de Champagne, local distante a uns 10 km de Troyes. Com base nessa origem, é possível precisar que nasceu entre 1069 d.C. a 1074 d.C., supõe-se esse período por haver menções documentais, onde Payens testemunhou doações efetivadas pelo Conde de Champagne entre 1085-1090 d.C. Na França medieval, a partir dos 16 anos o jovem já era considerado adulto, e como costume local, adquire capacidade para

assinar e testemunhar atos e documentos. A partir desta prerrogativa e por terem sido localizadas assinaturas de Payens, em registros a partir de 1085 d.C. pesquisadores presumem que nesse intervalo de datas ele já possuía a maioridade, fato este, que embasa as teorias em relação ao período no qual ele nasceu. Apesar de não ser uma unanimidade entre os estudiosos, há correntes de estudo que afirmam haver encontrado em sua árvore genealógica, antepassados italianos de Mondovi e Nápoles. Já outros pesquisadores alegam que o seu nome verdadeiro era Hugo de Pinos, com origem espanhola, e que ele era proveniente de Braga ou Barcelona. E para confirmar suas teorias, baseiam-se em manuscritos do século XVIII, conservados na Biblioteca Nacional de Madrid. Contudo, ainda há probabilidades de sua linhagem ser proveniente de Ardèche, com origens na Alta Provença e com antepassados que fixaram residência em Forez. Já para o cronista Gerard de Sède, seus ancestrais foram companheiros de Tancredo, o Normando. Em registros de outra fonte documental afirma-se que Hugo, nasceu no Castelo de Mahun, em Saint-Symphorien-de-Mahun, Ardèche. Nada também muito exato ou concreto, dado que, em 1897 d.C., encontrou-se outro registro (que nada impede ser homonímia) na biblioteca local de Carpentras, da existência de manuscritos redigidos pelo bispo Laugier de Avignon, datado de 1130 d.C., onde se afirmava que Hugo de Payens seria proveniente de Viviers, em Ardèche.

Apesar de origem controversa, sua infância e juventude sofreram influência cavaleiresca e religiosa. Como todo jovem fidalgo do período, deveria ser preparado para herdar os domínios de terra da família, estar apto para casar, perpetuar alianças e lutar pelos seus interesses e de seu(s) senhor(es) (Conde de Champagne). Mesmo entre os nobres da época, poucos eram letrados, e talvez por essa formação a mais em seu currículo é que conseguiu se destacar no ambiente social de seu tempo.

Figura 13 -- Hugo de Payens / 1° Grão Mestre

A sua educação ficou a encargo de monges cistercienses, que além dos preceitos religiosos lhe ensinaram matemática, literatura e música. Em contrapartida, sua formação de cavaleiro concentrou-se em técnicas militares no pátio das propriedades do seu pai e em outros locais que permitissem o desenvolvimento de táticas essenciais para se tornar um bom combatente. Com os fidalgos e seus escudeiros, aprendeu em treinos diários a aprimorar suas destrezas no uso de diferentes armas, como espadas, arcos e bestas e outras ferramentas de batalhas. Pois como todo nobre, precisava estar preparado para a guerra e para proteger, como já dito, seus domínios e interesses. Em sua juventude, além de percorrer florestas, pântanos e montanhas, aprimorou em conjunto com essas expedições seus talentos guerreiros e de montaria. Se por um lado, sua personalidade combativa era estimulada em exercícios diários, por outro, a religiosidade era influenciada por nomes como São Roberto de Molesmes (Fundador da Abadia de Molesmes e Citeaux[7]) e por São Bernardo de Clareval, que eram

expoentes do pensamento cisterciense e que mais tarde viriam a influenciar a própria regra dos Templários. Payens foi casado com Emelina de Touillon, com quem uniu votos matrimoniais em 1090 d.C., desse 1º casamento teve uma filha de nome Odelina. Sua primeira esposa veio a falecer pouco tempo depois, o que levou Hugo de Payens a abraçar a vida monástica, tornando-se monge na Abadia de Molesmes, essa opção muito se deu por ter laços parentais com membros dessa congregação (de Cister) e pela forte influência religiosa que recebeu em sua juventude. Entretanto, sua primeira vocação religiosa demorou pouco tempo e em 1100 d.C. abandonou o hábito. Não se sabe exatamente a motivação, mas presume-se que foi motivada pela viagem à Terra Santa, ou como veremos pelos laços de vassalagem com Hugo de Champagne. Para entender a personalidade de Hugo de Payens, é preciso compreender sua profunda ligação com o Conde de Champagne e a influência que o conde teve em sua vida. Payens, jurando vassalagem a Hugo de Champagne, foi consagrado como cavaleiro em 1085 d.C., o que embasa a teoria de muitos pesquisadores quanto à data exata de seu nascimento. Como nobre, pertencia a aristocracia média, com fortes laços com as casas de Troyes e Montigny. Essas afirmações, são constatadas por assinaturas, cartas e documentos da casa de Champagne. Seus domínios englobavam latifúndios em Montigny-les-Monts, pequeno vilarejo a 23 km de Troyes, além de outros domínios em Tonnerre, próximo de Auxerre. Já seus laços consanguíneos também eram relevantes, entre eles podemos citar o seu parentesco com os Montbards e os Touillon pelo lado materno, mesma família de São Bernardo de Clareval. Após o abandono da vida monástica é integrado como um dos principais membros da Corte de Champagne, sendo um período pouco abrangido em sua bibliografia, pela imprecisão nos relatos.

Outra dúvida em sua historiografia, é quanto sua participação na Cruzada dos Nobres de 1096 d.C., se participou foi acompanhando o Conde

de Champagne e se lutou provavelmente foi junto com as tropas de Godofredo de Bulhões. Mas como abordado, há mais dúvidas do que fatos, de preciso sabe-se que peregrinou à Terra Santa entre 1104 e 1107 d.C., e voltou em uma segunda peregrinação entre 1114 e 1116 d.C., em ambas, a serviço de Hugo de Champagne. Os relatos e as documentações do período, como evidenciado mais para frente, mostram que depois da segunda ida a Jerusalém e após resolver problemas pessoais na França, partiu em definitivo para Terra Santa. Cumpria determinações e ordens de seu senhor, e após essa terceira ida, só regressou à terra natal esporadicamente, por assuntos inerentes à ordem, em breves períodos e desde que fosse realmente necessária sua presença em terras francesas. Sua estadia na Terra Santa, e principalmente o seu não retorno a França, são embasadas em farto material documental, como uma lista de testemunhas em 1120 d.C. e outros relatos posteriores entre 1123 d.C. a 1125 d.C. onde fica claro que exercia funções na região. Os seus retornos à Europa se deram após essas datas, mas as motivações, já eram exclusivas sobre temas relativos à Ordem. A partir de 1129 d.C. fica definitivamente na Cidade Santa, onde permanece lá até morrer. Ainda sobre sua estadia na Terra Santa, logo após a primeira peregrinação, quando retornou a França, para consolidar as pretensões políticas do Conde de Champagne, casou-se pela segunda vez, desta vez com Isabel de Chappes em 1108 d.C.. A união durou pouco tempo, pois novamente ficou viúvo, e talvez a morte da segunda esposa serviu de motivação para a segunda peregrinação em 1113 / 1114 d.C. e para sua decisão de dedicar-se à ordem em definitivo. Deste casamento, gerou quatro filhos Gibuin, Thibaud, Isabel e Herbert, a linhagem de Payens conseguiu estender-se até mais ou menos a Guerra dos Cem Anos[8], depois desse período não foram encontradas mais citações ou menções sobre seus descendentes. Interessante relatar que Gibuin, morreu sem sucessores, Thibaud morreu na segunda cruzada, e um dos filhos de Isabel seguiu os

passos do Avô tornando-se Templário e provavelmente foi morto em batalha. A linhagem mais duradoura veio de seu filho Herbert que se perpetuou até a Guerra dos Cem Anos (1337 d.C. a 1453 d.C.).

Durante sua segunda estadia em Jerusalém, Hugo de Payens constatou que o acesso aos lugares sagrados e as rotas de peregrinação eram extremamente perigosos. O número de cristãos e de cruzados era infinitamente inferior em relação ao de muçulmanos e com o regresso de muitos cavaleiros os territórios ficaram perigosamente desguarnecidos. As cidades em si, estavam bem controladas, mas o entorno e principalmente os caminhos entre elas estavam suscetíveis a roubos, sequestros e assassinatos. Os principais algozes ainda eram os árabes, que além da rivalidade religiosa e militar, ainda enxergavam nos peregrinos, fonte de renda via extorsão. Uma das rotas mais perigosas para os peregrinos era a que ligava Jafa a Jerusalém, principalmente por ser alvo constante dos fatímidas de Ascalão, o que exigia o agrupamento das caravanas em pequenas hostes. Diante do problema, Hugo de Payens e alguns nobres cavaleiros vislumbraram a necessidade de defender esses peregrinos dos ladrões e das quadrilhas que rondavam as rotas. Porém, como veremos não foi o real motivo, havia interesses escusos e a proteção das caravanas foi um dos motivadores usados como pretexto para justificar a criação de uma milícia. Por se proporem a proteger peregrinos e realizar a proteção de cavaleiros e do próprio rei, Balduíno II, autorizou em 1118 d.C. que Payens e mais nove cavaleiros de iniciarem, o que mais tarde veio a ser a Ordem do Templo. Entre esses cavaleiros, os laços parentais com o futuro Grão-Mestre eram bem relevantes, dos nove primeiros dois eram seus irmãos e outros eram parentes quer por laços sanguíneos, quer por matrimônio. A única dúvida em relação a estes cavaleiros, ronda em torno do nono nome que permaneceu incógnito, mas, que como veremos foi a alma idealizadora, financeira e estratégica nos bastidores, atuando conjuntamente com Payens

para transformar os Templários na lenda no qual se tornaram. E, especula-se ser esse membro, o próprio Conde de Champagne.

Os "Nove Cavaleiros" e as Lendas da Origem.

Apesar do papel preponderante na história dos Templários, Hugo de Payens não concebeu a Ordem dos Cavaleiros do Templo sozinho. E talvez, esteja no nono cavaleiro, Hugo de Champagne, o ponto de partida e a arquitetura dos pilares da Ordem. Foi sem dúvidas, com a primeira peregrinação a Jerusalém, entre 1104 e 1107 d.C., e na companhia de Hugo de Payens e de Andrés de Montbard que Hugo de Champagne realmente começou a conceber e a estruturar os alicerces dos Templários. E tudo indica, ter-se originado a partir do achado de alguns manuscritos em hebraico/aramaico com informações importantes e sigilosas. Após seu retorno à França em 1108 d.C., Hugo de Champagne, começou a tomar algumas providências em relação a doações de terras, entre elas uma gleba para os cistercienses, no qual, posteriormente construíram a Abadia de Clairvaux. E essa abadia, mais tarde seria comandada por Bernardo de Clareval, parente distante de Payens e que ganhou notoriedade em alguns eventos cruzados. É relevante também mencionar que durante esses trâmites, houve um estreitamento dos laços de amizade entre Hugo de Champagne e o abade de Cister, Estevão de Harding. É certo que a amizade entre ambos, não ficou restrita apenas à questão da doação, mas muito mais pelo conteúdo dos documentos e pelo interesse do Conde na tradução. O acesso a esse material intensificou entre os cistercienses o interesse em se aprofundar no conhecimento do hebraico e do aramaico, e por ocasião, levou-os a solicitarem ajuda aos rabinos da Alta Borgonha. Como já mencionado, o interesse tanto dos cistercienses como do próprio Hugo de Champagne era impulsionado pelo conteúdo dos manuscritos e pela relevância das informações contidas neles. O fato é que, após essas traduções, se viu necessidade em um novo retorno à Terra Santa, que transcorreu entre 1114

d.C. a 1116 d.C. Todavia, o Conde havia deixado pendências em sua terra natal, e por isso precisou retornar para resolvê-las. Encarregou assim Hugo de Payens, de dar continuidade na busca por novos documentos e novos artefatos que estivessem relacionados com os pergaminhos. Esse foi o real motivo pelo qual Payens não retornou com seu senhor para França, e talvez esteja aí a razão pelo qual o nome do nono cavaleiro ficar incógnito. Se Hugo de Champagne tinha questões de família a resolver, Hugo de Payens, já tinha resolvido as suas e com a morte de sua segunda esposa, não havendo impeditivos para sua permanência no Oriente. Não se sabe ao certo por qual razão exigiu-se sigilo, pressupõe-se que fosse algo extremamente relevante e importante para que adotassem esse instrumento. Contudo, a criação por Payens da milícia protetora de peregrinos, era um bom pano de fundo para ocultar as reais motivações da estadia desses cavaleiros em Jerusalém, sem chamar a atenção. O rei Balduíno II, já convencido da necessidade de uma ordem de monges militares, fornece alojamento no Templo de Salomão, local até então conhecido como caserna de São João. Mas, a caserna já estava ocupada, e para concretizar a alocação dos primeiros templários, se fez necessário mudar de local os cônegos do Santo Sepulcro, instalados lá por Godofredo de Bulhões. Há em relação a escolha do local, um questionamento, se eles foram criados para proteger os peregrinos, pode-se indagar e questionar o porquê da necessidade em instalá-los no interior de Jerusalém e não ao longo de fortificações nos caminhos e rotas de peregrinos, onde seria mais lógico !?! Na criação dos Templários em 1118 d.C., que por ser romanceada, ocultou duas inconsistências que passaram despercebidas e talvez por isso sejam essenciais no fornecimento de pistas sobre a real motivação da Ordem. E isso é perceptível em escritos como o de Jacques de Vitry, que um século depois da criação da Ordem do Templo, romantiza as origens, escrevendo:

"*Alguns cavaleiros, amados por Deus e ordenados para o seu serviço, renunciaram ao mundo e consagraram-se a Cristo. Mediante votos solenes pronunciados perante o patriarca de Jerusalém, dedicaram-se a defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões, a proteger os caminhos e a servir de cavaleiros ao soberano rei. Observaram a pobreza, a castidade e a obediência, segundo a Regra dos Cónegos Regulares. Os seus chefes eram dois homens veneráveis, Hugo de Payns e Godofredo de Saint-Omer. Inicialmente, só houve nove que tomaram uma decisão tão santa e, durante nove anos, serviram com vestes seculares e cobriram-se com aquilo que os fiéis lhes deram como esmola. O rei, os seus cavaleiros e o senhor patriarca encheram-se de compaixão por esses nobres homens que tudo haviam abandonado por Cristo e deram-lhes algumas propriedades e benefícios para proverem às suas necessidades e pelas almas dos doadores. E porque não tinham igreja ou casa que lhes pertencesse, o rei instalou-os no seu palácio, perto do Templo do Senhor. O abade e os cónegos regulares do Templo deram-lhes para as necessidades do seu serviço, um terreno que não ficava distante do palácio e, por essa razão, foram mais tarde chamados Templários.*"

E quais eram essas inconsistências? Justamente o número de membros em relação às atribuições que lhes foram conferidas, seria necessário bem mais de nove pessoas, para garantir a segurança dos peregrinos. Só para um breve retrospecto histórico e para entender melhor, se faz relevante mensurar alguns fatos sobre a sua fundação. Em 25 de Dezembro de 1118 d.C. (Além da data com significado cristão, foi o dia da coroação de Balduíno), foi fundada a Ordre dês Pauvres Chevaliers du Christ, porém foi apenas em 1119 d.C., com o pronunciamento dos votos que adotaram a nomenclatura de Chevaliers du Temple de Jerusalem ou vulgarmente chamados de Templários. Os primeiros nove, cavaleiros que realizarem os votos, foram:

Hugo de Payens
Godofredo de Saint-Omer,
Payen de Montdidier,
Archambaudo de Saint Agnan,
Andrés de Montbard Godofredo Bison
Hugo Rigaud
Rolland de Provence
Hugo de Champagne (cavaleiro oculto)

E aí que está a primeira incongruência, como apenas nove cavaleiros, conseguiram prover a segurança de peregrinos e caravanas nos domínios latinos do Oriente? Mesmo deduzindo que por serem cavaleiros, cada um destes homens possuía ajudantes, escudeiros e sargentos de ordem, ainda eram insuficientes para qualquer ação de defesa da fé. Ou seja, com esse número de pessoas, seriam presas fáceis para as hordas de mercenários, assaltantes e quadrilhas que circundam a região. Isso sem falar, que as lendas romantizadas davam como tradição da ordem a recusa no recrutamento de novos membros. Além do aspecto histórico, o Reino de Jerusalém se encontrava em constantes lutas e guerras contra os inimigos muçulmanos e ao não constar qualquer menção de ações dos referidos cavaleiros em batalhas ou operações militares é no mínimo questionável, o real objetivo da ordem. Outro aspecto intrigante, era o fato das caves, onde foram instalados, conhecidas como estrebarias de Salomão e conforme relatos de um cruzado germânico de nome João de Wurtzburg, serem extremamente grandes para acomodar apenas noves homens. No relato do cruzado alemão, tem-se a real dimensão do seu tamanho: “eram tão grandes que podia-se alojar mais de mil camelos e mil e quinhentos cavalos”. Ou seja, um espaço gigante para poucos homens e para quem, por lenda, não tinha interesse em rápido recrutamento, seria no mínimo um desperdício logístico de instalações físicas. Esses poucos homens, depois de desentulhar as caves, só a partir de 1124 d.C. efetivamente iniciaram sua utilização. E, é aí que, começam a pipocar narrativas sobre o

real objetivo dos primeiros Templários. As caves teriam algo mais? Algum segredo de interesse de Hugo de Payens e Hugo de Champagne? Havia algo em seu interior de valor significativo? Havia relação com os manuscritos que foram decifrados pelos Rabinos da Alta Borgonha a pedido dos monges cistercienses? Muitas perguntas e muitas suposições são até hoje teorizadas, mas vamos dar continuidade aos fatos.

Nos relatos bíblicos o Templo de Salomão, foi construído para ser o recipiendário da Arca da Aliança, objeto sagrado para os Judeus onde em seu interior eram guardadas as Tábuas da Lei. Na narrativa da Bíblia, as Tábuas da Lei, eram duas tábuas de pedra, onde Deus, com o dedo, escreve os mandamentos. Antes de iniciar-se a construção, a Arca da Aliança era mantida numa tenda, chamada de Tabernáculo, que ao longo de muito tempo foi o local onde os israelitas guardavam suas relíquias religiosas. Por ser uma tenda, não era seguro e poderia ser facilmente destruída pelos inimigos. Diante disto, se viu a necessidade de edificar uma morada definitiva para esses objetos de veneração. O escolhido deveria ser descendente do rei Davi, mas não poderia ter a mão maculada pelo sangue das batalhas, e Davi como rei e para defender seu povo participou e derramou muito sangue nas guerras. Se Deus, não pode dar essa honra a Davi, escolheu um descendente seu, Salomão. De quem a Bíblia diz:

"*Eis que o filho que te nascer será homem de repouso; porque repouso lhe hei de dar de todos os seus inimigos em redor; portanto, Salomão será o seu nome, e paz e descanso darei a Israel nos seus dias*" (1 Crônicas 22:9).

Salomão em seu reinado, no século X a.C., foi responsável pela construção do Templo do Deus Vivo, para isso contou com o apoio de Hiram, rei do Tiro, que lhe enviou materiais, construtores e o construtor mestre, um arquiteto de nome Hiram Abiff (Filho da Viúva) de grande relevância no esoterismo maçônico do grau de mestre. Consta, que debaixo do templo,

havia uma série de câmaras secretas e túneis, destinados a guardar tesouros antigos, conhecimentos ancestrais, rituais, projetos, mapas náuticos e chaves astronômicas. O Templo de Salomão sofreu ao longo dos séculos várias reconstruções e destruições, a última destruição ocorreu no ano 70 d.C. durante o Império Romano. Quando os Templários lá se instalaram, o Templo de Salomão não passava de um pedaço do Muro das Lamentações e conjuntamente a isso, no local estavam edificadas duas mesquitas: Al Aqsa e de Omar.

Tudo indica que o objetivo dos primeiros templários era localizar, não necessariamente a Arca da Aliança, mas algo oculto e de extremo valor, que poderiam ser documentos, tesouros, mapas ou projetos que lá ainda poderiam estar, conforme lendas e tradições rabínicas. No interior do templo, como vimos havia túneis e câmaras secretas, e se acreditava que muitos dos tesouros e relíquias ainda permanecem ilesas e escondidas em lugares ocultos da antiga construção. Após várias reconstruções e destruições, sofridas no decorrer de sua existência, presumiam que ainda poderiam encontrar objetos de valor. Apesar de ser considerada uma relíquia religiosa de extremo valor, a Arca da Aliança, fisicamente não passava de uma caixa de madeira, com detalhes em ouro tanto no interior como no exterior. Para muitos, o seu valor estava restrito ao conteúdo de ouro que portava, principalmente se fosse um pagão, infiel, mercenário ou contrabandista. O fato é que, muitos devam ter tentado achá-la mais pelo ouro e pelo lucro fácil junto a religiosos, do que pelo conteúdo interno. Nas crenças populares, e de acordo com as lendas a arca ainda estava lá, contudo, depois de várias destruições e saques seria improvável que ainda estivesse no local ou nos seus escombros.

Entretanto, como nunca houve relato histórico de seu achado, acreditava-se que ainda se encontrava nas ruínas do templo. E, com base nisso, especula-se que os manuscritos que Hugo de Champagne detinha, revelavam o local do compartilhamento secreto no Templo de Salomão onde ela estava guardada. Lenda, hipótese, especulação, não se pode afirmar se

Figura 14 - - Templo de Salomão, imagem reconstituída.

localizaram, ficando uma incógnita, uma interrogação. Mas é fato que, após esses eventos os Templários começaram sua ascensão política e econômica. E essa era uma das missões de Hugo de Payens, durante a ausência de seu senhor para resolver suas questões pessoais. Encontrar a Arca da Aliança ou os objetos secretos referenciados no pergaminho e que lá ainda estavam guardados. Como não se sabe se foi localizada, outras suposições e lendas também começaram a permear o imaginário popular.

Outras lendas, surgiram em relação à ligação e ao interesse dos Templários para com o Templo de Salomão. Se, são fatos verídicos ou não, cabe a cada um de nós julgar sua veracidade. Dentre algumas lendas podemos relatar o vínculo dos Pobres Cavaleiros de Cristo com o Santo Graal e a linhagem sagrada de Salomão e Jesus. Essas teorias alegam ser os Templários os guardiões do “sangue real de cristo” e de todas as conspirações que a envolveram. Outra estória, e que atualmente tem profundo laço com a Maçonaria, sendo uma alegoria do grau de Mestre é a lenda da Construção do

Templo de Salomão ou na filosofia maçônica a lenda do terceiro grau e que resumidamente pode ser descrita como:

No tempo da Construção do Templo de Salomão, o Rei dos Judeus confiara ao mestre Hiram Abiff de Tiro a sua construção. Este arquiteto foi assassinado por três companheiros invejosos (Irmãos Jubelos) a quem recusar a revelar certos segredos (palavras, toques e sinais) e nesta coação, ele é atacado três vezes na tentativa de eles arrancarem seus conhecimentos, acabaram por matá-lo. Quando Hiram Abiff desaparece, Salomão envia nove mestres à sua procura. Os assassinos ocultaram o cadáver do mestre construtor numa cova rasa, aberta no monte Líbano e o corpo posteriormente foi encontrado pelos homens de Salomão, embaixo de um pé de acácia.

Assim como muitos Maçons, muitos místicos, estudiosos e religiosos sempre procuraram ligar e estreitar os vínculos entre Templários e o Rei Salomão. E essa ligação é bem perceptível, a grosso modo, no campo da numerologia, como no uso dos números três, sete e nove, no uso da geometria, nas iniciações e assim por diante. Só que é temerário afirmar, sem correr o risco de dar credibilidade a crendices e mesmo a fraudes místicas de vínculos concretos entre Salomão, Templários e Maçons. As similaridades, ao que tudo indica, foram inseridas posteriormente para valorizar e dar uma “aura mágica" aos Templários, aos Maçons e os vincularem a Salomão e suas lendas. Se as razões esotéricas já são o suficiente para mexer com o imaginário de todos nós, e criar milhares de teorias das mais variadas possíveis, outros relatos bem mais surreais são dignos de menção, para dar um panorama de até onde o imaginário humano pode chegar. E uma dessas lendas que estão relacionadas com o misticismo do Templo de Salomão e com a própria figura do rei, é a que vem do relato do Apocalipse de São João, onde Satanás após ser derrotado, é acorrentado num abismo, que possuía várias saídas, sendo que uma delas encontrava-se justamente onde estava o

Templo de Salomão. Para evitar a fuga de Satanás, em cada uma das sete saídas foi colocado um selo na porta e o selo tornou-se um instrumento mágico de proteção, evitando a fuga de Satanás. Desta forma, o local escolhido pelos Templários era um lugar ambíguo, que pelo lado da Arca da Aliança selava o pacto com o Divino, com o Celestial, mas que pelo livro do Apocalipse era uma das portas de saída do inferno. Até São Bernardo, vinculou o Cântico dos Cânticos a imagem templária, não se sabe se por jogada de marketing ou por oportunismo em criar uma relação divina entre a Ordem e o local de alojamento.

Apesar da atmosfera de lendas e segredos, pouco se sabe sobre os reais motivos pelos quais optaram os templários a reivindicar as ruínas do Templo de Salomão como sua casa. Há quem acredite ser a busca pela Arca da Aliança, ou quem diga que segredos arquitetônicos foram encontrados lá e há quem de certa forma quem extrapola a razoabilidade em ligá-los a linhagem secreta de Jesus, ao Graal e a rituais satânicos de Baphomet**[9]**. Porém, para não nos perdermos em suposições e lendas se faz necessário dar continuidade a história real e documental.

A Evolução dos Templários

No ano de 1125 d.C, Hugo de Champagne, após ter conseguido resolver suas questões familiares e hereditárias, enfim retornou à Terra Santa. Se por um lado ele retornou, agora quem precisava voltar à Europa era Hugo de Payens e alguns de seus homens. E desta forma, Payens partia em mais uma missão, buscar apoio financeiro, político e eclesiástico para transformar os Templários em uma ordem militar com regras monásticas. E aí cabe um parêntese, que faz com que os elos comecem a ser ligados e compreendidos, tanto a regra da ordem como o Concílio, tinham um fator em comum, a região de Troyes. Pode-se ir até um pouco mais a fundo, a Ordem de Cister, que foi extremamente relevante no Concílio de Troyes e muitos dos seus participantes estavam em lugares estratégicos, ou eram do círculo pessoal e familiar de Hugo de Payens e do seu senhor Conde de Champagne, como veremos no decorrer do capítulo.

Nesse retorno ao velho continente, Hugo de Payens, juntamente com Godofredo de Saint Omer, Payen de Montdidier e mais dois irmãos de nomes Raul e João, voltaram. Com o objetivo de recrutar mais membros para a Ordem e de receber as numerosas doações que já tinham sido concedidas a Ordem. Mas além dos fatores mencionados, havia um terceiro e talvez mais importante objetivo para a evolução da Ordem do Templo, que era conseguir tornar-se uma ordem militar. Com uma evolução ascendente, o reconhecimento Papal era vital para uma nova fase e para concretizar os Templários como uma força dentro da Igreja e da própria sociedade europeia. Desta forma Hugo de Payens vai a Roma, tentar uma audiência com o Papa Honório II, bem como garantir a convocação de um concílio para discutir a Ordem. Os Templários, já contavam com uma

estrutura instalada, principalmente nas regiões de Champagne, Anjou, Poitou, Normandia, Inglaterra, Escócia e Flandres, fruto das doações recebidas e ocorridas num breve período, entre os outonos de 1127 d.C. a 1128 d.C. . Também em maio de 1128 d.C., D. Teresa, rainha de Portugal, fez doação aos Templários do Castelo de Soure, que era um ponto de resistência contra os Sarracenos[10]. Cabe salientar que nessa época a península Ibérica sofria com o domínio árabe em metade do seu território. A contrapartida para conseguirem essa doação era a de expulsar os infiéis de Portugal e da Espanha.

Se a Ordem dos Cavaleiros Pobres de Cristo já tomava corpo, a união junto a eles de Hugo de Champagne foi essencial. Após resolver suas pendências pessoais na França, ele passou a participar em tempo integral de suas atividades, e com isso intensificou seus contatos e seu lobby para que os Templários ganhassem cada vez mais poder. Enquanto, Payens e uma parte dos seus homens trabalhavam na Europa para fortalecer a instituição, o conde de Champagne fazia o mesmo trabalho na Terra Santa, o que permitiria em breve um fortalecimento da instituição. Mesmo antes de sua total incorporação à rotina monástica, Hugo de Champagne preparou o terreno na Europa. Ao doar uma gleba para São Bernardo, construir a futura Abadia de Clairvaux, indiretamente ele já visionava, nesse ato, um apoio futuro por parte da Ordem de Cister e seus abades. Isso sem contar no papel fundamental da sua região, de Troyes, no Concílio. A mão do conde, pairou sobre os templários e foi em muito pelo nono e incógnito cavaleiro, que Payens se tornou o primeiro Grão-Mestre da Ordem. Além de Hugo, outro que usou de sua influência pessoal foi o rei Balduíno II, a viagem de retorno ao continente Europeu foi patrocinada pelo soberano, politicamente interessava a Balduíno uma milícia de monges guerreiros. Sem uma ajuda financeira e uma estrutura inicial, talvez a concretização da ordem não

vingasse, e naqueles tempos o que mais se precisava para evitar o avanço muçulmano eram: recursos humanos e financeiros.

Figura 15 - - São Bernardo de Claraval.

Tanto Payens, como Hugo de Champagne e por extensão Balduíno tinham isso bem claro em mente, todos sabiam que sem uma base sólida na Europa, de pouco adiantaria o apoio dos reinos latinos. Os cruzados e seus líderes careciam, inicialmente, de homens para batalhas, de servos para povoação e de um sistema bancário e comercial que reforçasse a presença de comerciantes, impostos e de mantimentos nos seus reinos. E os Templários, nesses quesitos seriam a esperança e a solução para que o êxito da conquista dos reinos orientais, não

fosse um esforço em vão. Entretanto, sem a ratificação do Papa e da Igreja, os demais reis latinos poderiam não reconhecer os Templários como uma força de todos os cristãos, e minar por interesses e ganância a expansão na região. Balduíno, também, solicitou a Bernardo de Clairvaux um reforço político nas ações junto a Cúria Romana, para conseguir o aval eclesiástico e a redação de uma regra monástica para os membros da Ordem do Templo. Porém, apesar de ser solicitada para São Bernardo, o responsável pela escrita da regra foi o Patriarca de Jerusalém. Mas, em nada esse fato desabonou o santo homem, pois coube a Bernardo de Clairvaux o esforço para aprová-la e implantá-la. Aliás, a Ordem de Cister em muito contribuiu para o nascimento dos Templários, e cabe mencionarmos entre muitos abades que participaram em várias fases da evolução da Ordem do Templo, a contribuição de Estevão de Harding. De origem inglesa, Harding, foi o terceiro Abade Mor de Molesmes e participou ativamente do processo de tradução dos manuscritos de Hugo de Champagne. No concílio de Troyes, apesar de sua presença, não constam registros ou fatos que embasam contribuição na redação da regra ou qualquer outra ação relevante.

Após várias movimentações, tanto no campo político como no campo estrutural, a Ordem do Templo se encontrava quase concretizada. E o Concílio de Troyes, foi pedra fundamental no reconhecimento oficial dos Templários. Sua realização ocorreu na cidade de Troyes, em 13 de janeiro de 1129 d.C., e lá estavam presentes: Cardeal Mateo Albano (representando o Papa), os arcebispos de Reims e Sens, além de 10 bispos e outros abades cistercienses de Vezelay, Citeaux, Clairvaux, Pontigny, Troisfontaines e Molesmes, além de alguns leigos como Theolbaldo II de Champagne, André de Baudermont, Conde de Neverse entre outros, e como já dito participou do concílio Estevão de Harding. O interessante do Concílio foi o peso que teve em sua composição a influência do conde de Champagne, que atuou nos bastidores para fazer com que tudo saísse dentro do planejado. E para isso, trouxe o concílio para suas antigas terras e contou com o apoio dos cistercienses (muito agraciados com benesses do Conde), talvez sem esses dois aspectos, seria bem mais difícil de concretizar as pretensões templárias. Durante a realização do Concílio, Payens fez suas

considerações e expôs as ambições da Ordem, bem como a estrutura necessária para o seu pleno funcionamento. Após a palavra de Hugo de Payens, houve intensos debates em relação aos textos e dessas discussões resultou a Regra Latina, composta por 72 artigos. Nesse regramento, quase tudo foi previsto, dos deveres religiosos à alimentação, do armamento às vestes e previa também, todo o cotidiano monástico de um monge soldado. Além de tudo isso, regulamenta entre os cavaleiros Templários obrigações fraternais entre seus membros. Ficou também estabelecido que os únicos autorizados a alterarem a regra, seriam o Papa e o Patriarca de Jerusalém (que mais tarde reviu doze artigos e acrescentou vinte e quatro artigos) .

Porém, nem tudo foi um mar de tranquilidade no decorrer do Concílio, um dos grandes problemas foi a compatibilização entre a vida monástica e a vida militar, pois eram e são discrepantes. Por ser até então, inconcebível para os estudiosos da época, que homens de Deus carregassem a cruz com uma mão e a espada com outra. Mas, se durante a primeira cruzada os teólogos conseguiram "burlar" um mandamento, nada mais aceitável que alterar a concepção teológica da guerra. E como justificativa evocaram Santo Agostinho, em sua teologia da guerra justa. Para o santo católico, a guerra era necessária, se fosse usada para assegurar a ordem e a paz, conforme a normatividade da cidade de Deus. Nessa leitura do confronto bélico, justificava-se monges soldados se fossem utilizados para batalhar contra hereges e garantir a paz dos cristãos da região. A guerra santa, não era e não foi uma exclusividade apenas dos Templários, Urbano II soube usar das brechas teológicas para poder dar remissão dos pecados para quem tomasse a Cruz e precisasse matar. E, já nas bulas papais da Cruzada dos Nobres, o ato de matar em nome de Deus estava justificado, desde que os mortos fossem pagãos, infiéis e hereges. Ainda assim, ouve contestações e insurgências, principalmente em relação à militarização da igreja, por não enxergarem com bons olhos a criação de uma ordem monástica e militar. Porém, Hugo de Payens conseguiu com sucesso rebater todas as objeções e expôs a necessidade da Igreja em possuir em sua estrutura, uma ordem de monges soldados. Para isso, por três vezes solicitou a Bernardo de Clairvaux sua intermediação e defesa para rebater

as contra-argumentações em relação a Ordem do Templo e a sua estrutura militarizada. Ainda em relação ao regramento, destaca-se a similaridade entre a regra Templária e a regra de Citeaux. Ambas eram extremamente iguais, o que leva crer que houve profunda influência de São Bernardo e dos cistercienses em sua redação, mesmo sendo redigida pelo Patriarca de Jerusalém.

Após o Concílio, e com a ordem já sacramentada pela Igreja, uma nova fase precisava começar, a estruturação e o fortalecimento da ordem na Europa e no Oriente Médio. Se, nos anos de 1127 e 1128 d.C. eles já haviam angariado um grande número de doações, precisavam agora de mais donativos e fazia-se urgente a convocação de soldados, principalmente para justificar seus objetivos. Em nova jornada pela Europa, Payens e seus companheiros iniciaram arregimentações, visitando primeiramente as regiões onde sabiam eles serem bem recebidos como Champagne, Anjou, Maine entre outras. E depois destas partiram para outras regiões, visitando posteriormente a Normandia, Inglaterra e Escócia. Nessa segunda jornada, além de recrutarem novos reforços humanos, acumularam donativos diversos. As contribuições financeiras em cada viagem realizada eram essenciais, mas neste momento recrutar homens, para tornarem-se monges soldados era prevalecente para solidificar a ordem, expandir o seu poder militar, financeiro e político, além de colocar em prática o mais importante dos objetivos e desta forma precisavam não gerar suspeitas em torno do real motivo.

Figura 16 - - Templários partindo para o Oriente

A Origem da Riqueza e do Poder

Em poucas décadas os Templários passaram de uma simples ordem monástica, para uma das instituições mais importantes da Europa na época. Até o ano de 1129 d.C.a principal preocupação restringiu-se a dois aspectos, uma estruturação hierárquica modesta e a aprovação da regra e do reconhecimento papal. Sem isso, Hugo de Payens e Hugo de Champagne, não viam a viabilidade da Ordem conseguir o destaque que tanto almejavam ao criá-la. Neste ano, Payens partiu para a Terra Santa com apenas 300 cavaleiros, e mesmo já possuindo importantes latifúndios, os Templários ainda eram modestos em poder, riquezas e membros se comparados aos Hospitalários. Ao chegar em terras Palestinas em 1130 d.C. o Grão-mestre Templário, Hugo de Payens, se estabeleceu na casa vizinha ao Templo de Jerusalém, alocando nessa residência a sede local dos Templários. A ascensão templária foi meteórica, quando se estabeleceu na Terra Santa, apesar de considerável o patrimônio da ordem ainda era singelo. Contudo, ao longo dos quase 200 anos que se estendeu o poderio Templário além de crescerem exponencialmente, conseguiram possuir mais riquezas que muitos reis e reinos do período. E esse volume e poderio financeiro, posteriormente gerou a ganância e a inveja de muitos nobres e reis, culminando como veremos, na destruição da Ordem. Mas de onde veio o poderio da Ordem dos Cavaleiros de Cristo ? Primeiramente souberam aproveitar e estruturar um eficiente sistema administrativo e financeiro, essencial para manter a organização militar. Os recursos provinham de aluguéis de casas (há relatos de que bairros inteiros de Paris pertenciam a ordem) de dízimos, venda de produtos agrícolas e de dinheiro recolhido pelas igrejas administradas por eles. Mas, seriam esses recursos suficientes

para manter portos, estradas, propriedades, soldados, funcionários, navios e toda a estrutura? Talvez não, pois, assim como hoje, manter e administrar esses bens e recursos também demandavam na época, investimentos e custos (manutenção, soldos, aquisição de insumos, logística e gastos com guerras). Mas, se nos primórdios da fundação essas fontes de renda bancavam os custos da Ordem, até pelo reduzido número de membros, a partir de determinado momento, já não eram mais suficientes para prover o seu poderio. No auge dos Templários, a ordem chegou a possuir entre 15 mil a 20 mil membros, sem contar o pessoal de apoio.

Figura 17 -- Imagem ilustrativa da Arca da Aliança.

Ou seja, após a primeira leva de doações, que eram suficientes para arcar com um determinado número de membros, haveria quase uma obrigação de angariar mais posses e tesouros. Entretanto, haviam limitações geográficas e populacionais que impediam novas terras. A renda pelo comércio dos excedentes agrícolas não auferia muita lucratividade, assim como aluguéis, dízimos e donativos. Todavia, poderíamos partir para o tesouro de Salomão escondido no templo, porém, se sobrou alguma coisa após as seguidas destruições ao longo dos séculos, seriam irrisórios. E mesmo que houvesse valores consideráveis, três pontos necessitam ser levados em consideração, havendo um “tesouro” no Templo de Salomão, ele era de valor limitado, e seria suficiente para custear por breve tempo a máquina administrativa e logística da Ordem. E mesmo que houvesse esse tesouro, com certeza, não ficaria somente nas mãos templárias. Os cruzados, os reis e o poder papal eram igualmente gananciosos para abdicar de suas cotas, ou seja, não deixariam tudo para os Cavaleiros do Templo, eram mesquinhos demais para tão grande bondade. E o mais importante,

séculos se passaram da construção do Templo até a criação dos Templários, e só se os tesouros estivessem muito, mas, muito bem guardados para ficarem incólumes, poderiam ser encontrados, o que não há menção. A estrutura do templo, como sabemos, foi ao longo de séculos destruída, saqueada, invadida e alvo de ladrões, impossível alguém não ter achado nada. Outro aspecto, que cabe lembrar é que, por mais que houvesse saques, espólios, cobrança de resgates, taxas de segurança e impostos em cada guerra ou tomada de cidades, os recursos não eram abundantes. E assim como eram conquistados, eram igualmente perdidos! Por fim, no início da Ordem tanto na Europa como na Ásia (Oriente Médio), as minas e fontes de extração de metais como ouro, prata e cobre eram limitadíssimos. Muitas minas já estavam exauridas em sua exploração, por romanos, otomanos e por outros povos e exércitos que antecederam os Templários. Ou seja, gerar riqueza para sustentar a ordem, naquele tempo, por meio de aluguéis, exploração de terras e doações não daria condições para fortalecer a ordem como ela se fortaleceu.

E talvez aí esteja o grande "pulo do gato" do enriquecimento da Ordem Templária, a origem real dos seus recursos. As moedas europeias eram ou de cobre ou de ouro, a prata era raríssima na Europa, salvo poucas minas na Alemanha, que eram ainda desconhecidas. Mas, em contrapartida, a prata era muito apreciada no Oriente! Se não haviam grandes minas de prata e ouro na Europa, suficientes para prover novos recursos e riquezas, um acesso a locais onde houvesse, abriria as portas do cofre. Os metais, eram considerados essenciais e valiosos nas relações comerciais entre o Ocidente, porém, com muitas minas já exauridas ou ainda não descobertas, o acesso a eles se dava pelos saques, pelos furtos e pelas pilhagens. Possuir, uma ou mais minas com grande capacidade produtiva ou até mesmo acesso a locais onde ouro, prata fossem abundantes, daria para qualquer país, rei ou instituição o ingresso de riquezas e o fortalecimento do poder.

Figura 18 - - Moeda Bizantina de Ouro.

No início das Cruzadas, a única moeda que circulava era o Bezantus, cunhada e usada no Império Bizantino e seguia o padrão ouro. Nessa época o ouro valia entre 6 a 7 vezes mais que a prata, e principalmente a partir de 867 d.C. começou a sofrer lenta desvalorização, ocasionada pela redução do conteúdo de ouro. As derrotas militares bizantinas agravaram a situação a partir de 1057 d.C, e a moeda sofreu sucessivas depreciações até 1185 d.C .Na Europa, até 1200 d.C. não houve necessidade de moedas de ouro e prata por muitos reis e nobres, mas, timidamente após 1172 d.C o uso de moedas começou a ganhar espaço. Esse início se deu principalmente com as primeiras relações comerciais entre cidades estados da Península Itálica e o Oriente Próximo. O fortalecimento do uso de moedas se deu exatamente com a evolução das cruzadas e dos Templários.

Nos dias atuais os três grandes produtores de prata, são o México em primeiro lugar, seguidos de Peru e China. Entretanto, no México mais especificamente e nas culturas pré colombianas locais, o conhecimento, o acesso e as técnicas de fundição já estavam bem avançadas. E muitos dos povos, já desenvolviam um comércio bem estruturado, sobretudo na região mesoamericana. Alguns desses povos indígenas, inclusive deslocavam-se até o Peru, Chile e outras regiões do continente americano para trazer prata, ouro, esmeraldas e pedras semipreciosas para confecção de adornos, joias e

amuletos. Só havia um detalhe, a América ainda estava longe de ser descoberta por Cristóvão Colombo.

Porém, relatos históricos mencionavam que normandos e vikings já tinham aportado bem antes de Colombo, no novo continente. Fato ou suposição, a realidade é que tudo conspira para que a frota do templários, possa ter usado mapas marítimos e astrológicos de antigos exploradores para chegar até a América. Sabe-se, que além dos vikings, os fenícios e os egípcios já haviam aportado no território americano, e uma das provas concretas que embasam essas teorias foi o fato de se encontrar resquícios de tabaco e cocaína em múmias egípcias. Mas, os indícios mais fortes, são dos fenícios, que em 1250 a.C. em acordo feito com os tartésios, iniciam a fundação de colônias na costa atlântica da África. A colonização fenícia estendeu-se até Dakar, além das Ilhas de Cabo Verde, e foi provavelmente a partir do arquipélago cabo-verdiano que em 1100 d.C a fenícios atravessaram o Atlântico rumo ao Brasil. Um historiador de nome Diodoro Sicuto, que viveu em Cartago, relatou várias histórias narrando, com pormenores de detalhes, essas expedições da Fenícia e de Cartago em terras americanas. Os Fenícios inclusive, aliaram-se aos judeus, para explorar as riquezas da América, e um desses consórcios exploratórios foi proposto por Hiram, rei do Tiro, para David e depois Salomão. Nos registros, constam que entre 995 e 992 a.C fenícios e judeus fundaram uma colônia no Rio Amazonas, contudo, com a morte de Salomão e a decadência dos hebreus os planos e projetos foram arquivados. E em 850 a.C, o senado de Cartago, proibiu novas excursões para as “ilhas do leste” com receio de migrações em massa, o que não impediu até a destruição da Fenícia e Cartago séculos depois, de novas expedições e colonizações. Os vikings, mantiveram contato como povos mediterrâneos, herdeiros do conhecimento cartaginês e fenício, o que levou ao conhecimento destes navegadores o saber de “terras a leste” e de

Figura 19 - Alto relevo Fenício, que mostra navegadores transportando madeira.

suas riquezas.

As histórias dos antigos exploradores do norte e dos povos mediterrâneos de Cartago e da Fenícia para chegarem em terras americanas, foi transmitida por gerações, via relatos orais ou em formas de lendas. E se o achado de Hugo de Champagne e Payens, fossem mapas, cartas náuticas e astrológicas de como chegar na América, além de relatos de colônias de fenícios e judeus na região ? A simples menção a ouro e prata, já suscitaria, o interesse em aventurar-se no mar sem fim, mas também o fato de haverem descendentes de fenícios e judeus que poderiam habitar a região ainda. Não seria uma teoria da conspiração, ou mais uma espécie de lenda urbana? Tudo leva a crer que não. Ao longo do seu apogeu os Templários construíram no território francês, uma bem estruturada rede de estradas, para o escoamento da produção, fluxo comercial e deslocamento de pessoas. Contudo, há uma sinergia de todas estas estradas e rotas comerciais para La Rochelle, que na época não era reconhecido como um porto, e só havia naquela localidade uma casa provincial da Ordem, responsável pelas

atividades naquela região da costa francesa. Especula-se que La Rochelle não constava nos mapas oficiais intencionalmente, outro ponto seria a motivação de todas as estradas de uma forma ou outra estarem ligadas a cidadela. O porquê as estradas e rotas seriam direcionadas para um lugar oficialmente inexistente? Outro fator importante é a frota templária, que poderia estar aportada em Barcelona, Nápoles ou outro porto logisticamente mais viável, caso houvesse interesse estratégico em relação às guerras e ao uso comercial dela, mas não, foi deslocada justamente para um lugar desabitado e secreto. Ou seja, tudo corrobora para a teoria que os Templários usavam La Rochelle e a Frota para trazerem prata e ouro da América. Esses metais além de facilitar a gestão dos empreendimentos na Europa, também alavancou e possibilitou a principal ferramenta de poder da Ordem, a criação de uma espécie de Banco Central e de um sistema financeiro inovador, com novo padrão bancário. O sistema de crédito da Ordem do Templo estava alicerçado em suas inúmeras comendadorias e instalações distribuídas por toda a Europa. Desde os tempos de Jerusalém uma das atribuições templárias era salvaguardar os peregrinos dos perigos do caminho e essa missão estendeu-se para quem possuía riqueza e precisava transportá-las pelas arriscadas estradas europeias da época. E como era feito ? A Ordem oferecia, a todos que tinham interesse em transacionar riquezas o serviço e a vantagem da emissão de uma "letra de câmbio" e com isso evitava o transporte em espécie e sua exposição a perigos. Com isso, e como em cada comendadoria templária possuía grandes quantidades de ouro, prata e moedas, bastava o viajante depositar os seus valores numa casa templária local, e com a emissão da letra de câmbio, retirar o valor em outro entreposto templário no final da viagem. O que se mostrou uma ótima solução para quem precisava negociar, efetuar pagamentos ou enviar dinheiro para outros locais.

Além desse serviço, havia também outras funções bancárias como empréstimos de grandes somas para comerciantes, governos e para a própria Igreja Católica. Isso sem falar que muitos governos se utilizavam da estrutura da Ordem para cobrar impostos e taxas. Para que o leitor possa ter ideia da estrutura dos Templários em termos físicos e de poder, em 1270 d.C. só na França a ordem possuía mais de 1000 comendadorias, além de inúmeras granjas e solares. No Reino de Valência, Espanha, detinham 17 praças fortes, em Portugal, as fortalezas conquistadas pela expulsão dos muçulmanos passaram a pertencer a eles, além da construção de outros pontos de defesa no litoral destes dois países, usados principalmente para proteger os dois reinos dos corsários provençais e catalães. Na Terra Santa, havia sedes e comendadorias em: Antioquia, Acre, Trípoli e Palestina. Entretanto, apesar de estarem presentes na Europa como um todo e no Oriente Médio, era na França que concentravam seu poder e seus principais interesses políticos e econômicos.

A Ordem do Templo foi além de potência militar e religiosa, uma força econômica. Ao longo de sua existência soube canalizar sua destreza para a guerra e comércio, mas também para serviços bancários. E a eficácia em explorar seu lado “banqueiro” não ficou restrita somente a Europa, mas a Terra Santa, como bons empreendedores conseguiram usar de forma pragmática seu poder de negociação e financeiro para usarem dentro dos seus interesses no lugar certo e na hora certa.

Figura 20- - Ilustração de uma embarcação viking.

E nesse ponto, já começa uma disjunção entre sua origem, infringindo uma das regras da Igreja (que não necessariamente se cumpria), ser contra a usura. Em várias expedições militares foram financiadores, como na II Cruzada ou Cruzada dos Reis, proclamada pelo Papa Eugênio III entre 1147 e 1149 d.C. onde o rei Luís VII se fez valer de financiamento Templário. Nas Batalhas contra o sultão Saladino (III Cruzada), mais uma vez financiaram a Igreja na empreitada, e nos escritos do período, servindo mais uma vez como caixa de reis e do episcopado. Foram sem sombra de dúvidas em sua atividade bancária, o apoio que reis como Filipe Augusto (1180-1223 d.C.) e o próprio algoz Filipe IV, o Belo (1285-1314 d.C.) precisavam para equilibrar as finanças. O Templo de Paris foi durante breve tempo mais importante que o Templo de Londres, dado ao aporte monetário aos nobres

franceses. Não é exagero dizer que o tesouro Templário foi ao longo do século XIII o principal financiador da Europa Ocidental.

A principal dúvida ainda restante, em relação à construção de seu poder como ordem monástica e estrutura de poder, é se eles conseguiram obter êxito realmente em relação a prata e ouro da América. Antes de mais nada é preciso saber a origem dos Normandos, que resumidamente são descendentes dos Vikings, que a partir do século IX iniciaram por meio de incursões sangrentas, sua expansão territorial e na Europa Continental, suas primeiras conquistas foram na região da França Ocidental e da França Média, mais exatamente onde hoje é a Normandia. No ano de 911 d.C, após um ataque a Paris, o líder viking Rollo, fundou o Ducado da Normandia, e com o decorrer do tempo houve a assimilação dos costumes locais pelos dominadores, bem como a adoção de muitas expressões e vocábulos da língua galesa a sua. Isso sem falar nas uniões inter-raciais entre dominados e dominadores, originando-se dessa forma o povo normando. É sabido também que além das conquistas territoriais na Europa, os Vikings estabeleceram assentamentos humanos na Islândia, Groenlândia e na ilha de Svalbard. No século X conseguiram chegar até a América do Norte, em assentamentos temporários onde hoje fica o Canadá. O primeiro viking a realizar a proeza foi conforme relatos Bjarni Herjólfsson, que em viagem a Groenlândia, e devido aos ventos foi desviado de sua rota e acabou involuntariamente se deslocando até terras canadenses. O que permitiu ao longo dos tempos, o estabelecimento de vários assentamentos na região. Há inclusive pesquisas, em relação à diversidade genética que mostram genes nórdicos em grande parcela de populações nativas. E desta forma, e por outros estudos arqueológicos consegue-se provar que muito mais que viagens exploratórias e de cunho militar, os vikings colonizaram a América do Norte, e assim como fizeram na Normandia, também criaram laços com culturas locais.

Isto posto, e voltando para a Normandia e os Normandos, que como vimos descendiam de vikings, conclui-se que já se sabia com séculos de antecedência da existência do continente americano. E embasando mais ainda nossas suspeitas, os Normandos não só sabiam, como também poderiam ter se aventurado em terras Americanas, mais ao Sul, onde hoje é a América Central. O próprio Cristóvão Colombo, mesmo antes de se aventurar, já sabia da existência de terras a oeste, pois poucos sabem, mas o mestre marinheiro era um ardente colecionador de mapas e dados náuticos. E ele mesmo já tinha conhecimento que outros o haviam precedido como seu conterrâneo Diogo Teive, que viajou a oeste em 1452 d.C , isso sem falar dos vikings, dos normandos, de um rei galês chamado Madoc (que reza a lenda construiu lugares fortificados ao longo do rio Ohio) e de um Rei do Mali (África Ocidental) que alegava ter usado sua riqueza para financiar uma frota, 200 anos antes de Colombo. Sem contar, é claro, do acesso a documentos fenícios e cartagineses que igualmente, detalharam excursão à América do Sul e Central. Os grandes navegadores, foram financiados principalmente por Portugal e Espanha, que mesmo após o declínio templário, sofreram forte influência templária. Não se sabe, ao certo, se foi os Templários que forneceram o conhecimento para portugueses e espanhóis chegarem até as “ilhas do mar sem fim”, mas, com certeza influenciaram eles. Todavia, é fato e se pressupõe, que o conhecimento, que as cartas náuticas, mapas e até mesmo a lenda da frota templária, fez com que os navegadores herdassem informações relevantes, até então sigilosas, que lhes permitiu ir para o “novo continente”. Cristóvão Colombo, coincidentemente ou não, primeiro atingiu as ilhas caribenhas e depois a costa mexicana, justamente onde os Astecas e Maias povoavam, se estivesse perdido poderia atingir qualquer outro ponto da América. Na hipótese, de já se saber existirem terras a oeste da Europa e da África, o que impediria os Templários, através do porto de La Rochelle, de usarem sua

numerosa frota para ir buscar prata e ouro na América? E é aí talvez, que um elo perdido ou até mesmo esquecido ou deixado para segundo plano passe despercebido. Os Templários já sabiam, via herança Normanda da existência de terras a oeste, mas ninguém em sã consciência naquela época, fomentaria ou arriscaria envio de navios sem que houvesse certeza de viabilidade econômica ou de algo relevante. E cabe lembrar também, que a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, tinha outras preocupações consideráveis para cuidar também não, não poderiam arriscar empreendimento que houvesse prejuízo financeiro relevante para a Ordem, isso poderia agilizar o fim da instituição.

Figura 21 - Porto de La Rochelle,

Diante disto, é possível conectar mais um elemento, e se, o que foi descoberto em Jerusalém pelos primeiros cavaleiros, não fosse o Santo Graal, Arca da Aliança, riquezas materiais ou qualquer outro tesouro, mas, sim instruções de como navegar até a América. Apesar de ser mera suposição, os relatos cartagineses, fenícios e judaicos poderiam ser, e fazer

parte, das traduções solicitadas pelo Conde de Champagne aos monges cistercienses. E ao saber-se de terras além-mar, qualquer menção a tesouros e acesso a ouro e prata, levaria de antemão a um sigilo, mesmo que sob o manto, de uma organização. Ao estarem em terras americanas, principalmente no México, onde já se conhecia a prata, o ouro e pedras preciosas os Templários, viabilizaram o seu up-grade. Cabe lembrar, que os Astecas e Maias usavam metais preciosos como adornos, principalmente prata, e ressaltar inúmeros relatos desses povos em relação a visitas de "homens brancos". Os metais preciosos, para os maias e astecas não possuíam o mesmo valor que se dava na Europa, valorizam muito mais os alimentos e outros itens. E comida pode ter sido a moeda de troca, visto que a Ordem do Templo possuía inúmeras granjas e terras aráveis sob seus domínios, e por não haver relatos consistentes e negociações com povos mediterrâneos. Ou seja, alguém já havia feito contato com populações pré-americanas, muito antes dos navegadores portugueses e espanhóis. Se os vikings, já conheciam o norte do continente, se já havia relatos de fenícios em relação a América e se os Normandos eram descendentes dos vikings, a união desses relatos em mãos templárias era o baú do tesouro, para alavancar o seu poderio econômico na Europa. Tanto os vikings, como os fenícios eram povos que dominavam a navegação e suas técnicas de viajar a longas distâncias. Os Templários, coincidentemente ou não, tinham na Normandia a origem de muitos cavaleiros e nobres, e com isso acesso a relatos orais e escritos das aventuras vikings de seus ancestrais. Unindo este fato, as cruzadas e a estadia na Terra Santa, é quase certo que o encontrado lá, foi e foram manuscritos egípcios, hebreus e fenícios de como chegar na América, onde estavam localizadas as colônias povoadas por eles e onde encontrar ouro, prata e pedras preciosas.

Outro fator a ser lembrado e que embasa muito teorias como essas, é que em sua estada na Terra Santa os templários tiveram acesso a mais um

elo, papiros e escrituras náuticas de José de Arimateia. Envolto em muitos mistérios e lendas, os relatos extra-bíblicos contam que foi um grande comerciante, dono de uma grande frota de navios e o responsável por ter permitido que Jesus fosse enterrado num túmulo em suas terras. Há, entre essas narrativas, que por ser homem de comércio fomentou e explorou rotas comerciais entre a Palestina e a Britânia (Província centro-sul da atual Grã-Bretanha), inclusive levando Jesus em uma de suas viagens ao País Gales. Arimateia, de acordo com as lendas, teria sido preso e culpado pelo desaparecimento do corpo de Jesus e ficou 13 anos preso, sendo solto por Tibério Alexandre, que ao saber de sua história e fama de grande comerciante, revisa sua condenação. A quem conte, que Tibério tornou-se sócio de Arimateia, patrocinando seu retorno às navegações e aos negócios de exportação. Foi o fundador da primeira congregação cristã na Britânia, e dizem que foi para lá que levou o Santo Graal, muitas relíquias sagradas, além de Maria e Maria Madalena. Uma das primeiras buscas dos Templários e de seus fundadores, até pode ter sido o Santo Graal e o destino da mãe de Jesus e de Madalena. E mesmo sem comprovação real, poder-se-ia por intermédio destas buscas, ter-se localizado documentos e registros oriundos das navegações de Arimateia, antes mesmo dos pergaminhos judeus. Por ser judeu, e pelo estreito contato com fenícios, Arimateia no mínimo conhecia as “lendas” das colônias fenícias e cartaginesas na América, e consequentemente a possibilidade de se obter acesso aos mapas e rotas comerciais para essas povoações. Era um material mais relevante e lucrativo do que o próprio cálice, e potencialmente perigoso se caísse em mãos inimigas. Esses mapas e cartas náuticas complementam o conhecimento Normando de terras a oeste, e melhor, davam acesso às comunidades pré-colombianas e a localidades produtoras de prata e ouro na América. Apesar de serem consideradas hipóteses, é fato amplamente

documentado que os Templários estiveram em Yucatán e outras regiões da América, e que de lá extraíram a prata e o ouro que financiou o seu poderio.

O início do fim.

Se há algo inegável, é que o fim nunca começa no fim, ele se dá muito antes. E foi assim com os Templários, o que culminou com a morte de Jacques De Molay iniciou-se muito tempo antes. A riqueza, decisões precipitadas, desvio dos objetivos iniciais e a perda de Jerusalém foram fatores que iniciaram a decadência da Ordem e deram posteriormente munição para que o rei de França conseguisse decretar o fim. É interessante ressaltar que o declínio dos Templários não foi econômico, e sim político. E se deu quando começaram a acumular poderes e colocar em risco o poder da Igreja e o de muitos reis da época. Enquanto os cavaleiros de cristo, estavam no Oriente, a Igreja sabia que esse poder político convergiria para lá, o que de certa forma não era ruim. Na realidade, a Cúria Romana precisava neutralizar o poder dos nobres latinos locais, e uma Ordem forte, fazia esse contra peso político. A derrocada das cruzadas, trouxe para a Europa o centro gravitacional do poder, mas os nobres e reis, passavam por dificuldades financeiras, estando nas mãos da Ordem do Templo. A partir daí, a Igreja reativou seu radar e suas atenções para os Templários.

Mas, para justificar um espólio, também se faz necessário ações e munição para as acusações. O que no decorrer do crescimento da ordem e ao longo de seus quase 180 anos de existência cresceram nos mesmos níveis de evolução e progresso dos Templários. Se no início a pretensão era servir como Pobres Cavaleiros de Cristo, com uma regra monástica idealizada para protegerem a Terra Santa, os peregrinos de Jerusalém, no final já não se sabia mais se esse ainda era o ideal. Na realidade há quem conteste mesmo na fundação os reais objetivos, pois efetivamente nunca chegaram a exercer um papel militar preponderante, eram mais tropas de auxílio, assim como Hospitalários e Teutônicos, com papel coadjuvante. A partir do momento que

os primeiros Templários acharam o que desejavam no Templo de Salomão, houve de imediato um desinteresse pelas suas obrigações com a Terra Santa. Ao longo de sua estadia nos lugares santos da cristandade o que não faltou para a ordem templária foram derrotas, já em 1138 d.C., sofreram o primeiro grande revés ao tentarem dominar a cidade de Tecoa, até então em posse dos turcos. Tecoa era o local de nascimento do profeta bíblico Amós e tinha relevante valor para a Igreja e para a cristandade da época, e como estavam ainda no início precisavam justificar a presença da Ordem na região para ganhar benesses papais, mas foi uma campanha infeliz. Cabe lembrar que em 1139 d.C., o Papa Inocêncio II, promulgou a bula "*Omne Datum Optmum*" concedendo privilégios substanciais, e o principal era o que deviam prestar obediência somente ao Papa. Apesar de inúmeros insucessos, em muitas batalhas o Ordem teve desempenho decisivo, com relevante importância militar, o que contribuiu para a fama e o marketing de bons guerreiros. Na II Cruzada apesar do desastre geral da empreitada bélica, sofrível com a indisciplina generalizada dos demais, a exceção foi a dos Cavaleiros do Templo. Nessa campanha e em outras, o fator decisório foi a disciplina rígida e a obediência em seguir as ordens dos líderes mesmo sofrendo reveses. Nas outras formações militares, principalmente lideradas por nobres, o que mais se via eram deserções, desorganização e falta de planejamento. Entretanto, toda a sua hierarquia e organização não impediu que a II Cruzada fosse um desastre, pois, além do descontrole da liderança, da desunião, da ignorância, da insensatez e truculência dos nobres, a Ordem do Templo era apenas uma fração dos soldados.

Outros insucessos no campo militar se seguiram, como a fracassada tentativa de invasão à cidade de Ascalão em 1153 d.C., quando em torno de 14 cavaleiros foram cercados e mortos por turcos. Sem falar que, em 1166 d.C. o rei de Alepo invade a fortaleza templária localizada na Transjordânia e executa todos que lá estavam, sem dó nem piedade. Os Templários não concentravam grandes contingentes, o que deixava-os vulneráveis e

suscetíveis a derrotas e massacres. Por outro lado, dois anos depois, por convocação do rei Amalrico I de Jerusalém, foram convocados para invadir o Egito, mas a empreitada foi recusada sob a alegação de não haver motivos para proceder a invasão. Vale lembrar, que apesar de serem monges soldados, a guerra não motivava muito e nem era o objetivo primordial da Ordem do Templo. Tanto é que, não se interessavam pelos espólios de conquista, no fortalecimento de suas posições de defesa ou por terras na região, os interesses eram outros, poder político e econômico. Após breve período sem grandes movimentações militares, a partir de novembro de 1177 d.C. houve travamento de batalhas, como a de Monte Gisardo contra as tropas de Saladino. E a partir de então, diversos outros confrontos se estenderam praticamente em todos os anos subsequentes, e nessas conflagrações as forças templárias foram usadas e participaram de forma auxiliar pelos líderes cruzados.

O armistício só foi interrompido quando, após um ataque cruzado, contra uma caravana de muçulmanos em 1182 d.C. houve o desencadeamento de um efeito dominó, escalado para nova onda de violência na região. Segue-se então enfrentamentos na Batalha de Tubanya em 1183 d.C. e Al Karak em 1184 d.C. onde com a derrota do exército de Jerusalém sob as ordens de Guy de Lusignam, todos os templários sobreviventes foram executados. Essa escalada de guerras estendeu-se até 1187 d.C. com a Batalha de Hatim, no qual o exército cruzado numericamente inferior ao dos muçulmanos (30 mil cruzados contra 60 mil muçulmanos) perderam não só a batalha, mas também Jerusalém. Já, entre 1187 e 1194 d.C. houve diversas escaramuças e tentativas de retomar Jerusalém do domínio de Saladino, onde novamente a Ordem do Templo foi coadjuvante. Em 1193 d.C. foi assinado uma trégua de 3 anos entre o rei Ricardo e Saladino que apaziguou os ânimos na região e permitiu que os Templários focassem nos seus interesses e em empreendimentos comerciais.

Mais de 30 anos depois, em 1219 d.C, para ser mais exato, com o enfraquecimento do filho de Saladino que travava batalhas contra os mongóis, houve sucesso dos cruzados ao tomarem Damieta no Egito. Porém, a desunião das outras Ordens Monásticas (Hospitalários e Ordem Teutônica), dos Templários e dos nobres que lideravam a excursão bélica corroborou para mais um fracasso militar. Se por um lado as coisas não iam bem na Terra Santa, o mesmo não se poderia falar da Europa, entre 1146 e 1272 d.C. inicia-se principalmente na França a construção de inúmeras catedrais, entre elas 25 de grande porte. Cabe, um parêntese especial sobre a França desse período no início do século XIII habitavam na região cerca de 10 milhões de pessoas. A população em si era esfomeada, empobrecida e analfabeta e dependiam da nobreza para subsistir. Já os fidalgos, ou estavam participando das cruzadas ou estavam envoltos em lutas regionais. Mas o florescimento das Catedrais, e a reurbanização fruto do financiamento Templário, fortaleceu instituições e corporações de ofício, e dentre elas a dos maçons ou pedreiros livres. Esses construtores, tiveram seu ápice nas grandes construções religiosas e no contato com construtores árabes de onde assimilaram técnicas e conhecimento. E a Ordem do Templo, além de "mecenas" e financiadores, também incorporaram em suas fileiras muitos pedreiros e artesãos. Usados principalmente, na construção de estradas, pontes, fortalezas e igrejas, bem como, de navios, torres de assalta e outros artefatos bélicos. De 1219 d.C. até 1291 d.C. houve várias tentativas de recuperar a Terra Santa e Jerusalém, mas nenhuma obteve sucesso suficiente para retomar o que já havia sido conquistado. O custo financeiro dessas campanhas militares, cobrou seu preço, e o continente europeu entrou em recessão e declínio econômico. Já não havia mais, o mesmo interesse de outros tempos em participar das Cruzadas, bem como capacidade financeira para bancá-las. Se o "espírito cruzado" tinha morrido, as pretensões dos papas, dos nobres e da própria Ordem do Templo eram outras. E o desinteresse, nasceu com as novas opções econômicas e sociais, que a sociedade medieval assimilou. Se antes era o

campo a fonte dos recursos e do poder, com as Cruzadas, as cidades se re-urbanizaram e começaram a se destacar como pólos econômicos e fomentadores de boas oportunidades financeiras. O poder saiu do "campo" e passou a ser exercido na urbe, nas negociações comerciais e em suas rotas. Com a escassez monetária, com o endividamento e a necessidade de novos investimentos, os europeus precisavam de recursos financeiros. A partir deste ponto, se oportunizou para os Templários a possibilidade de serem muito mais que monges guerreiros, tornando-se agentes de fomento. Contudo, para consolidar seu novo papel social, de banqueiros, o que menos interessava aos Cavaleiros de Cristo, era gastar esforços, recursos e energia com guerras inócuas. Ainda mais porque, a incapacidade logística e tática dos nobres, bem como as desavenças entre eles, era o principal gerador de insucessos. Nessa perspectiva, a paz e as tréguas, eram para os Templários o necessário para implantar seu sistema bancário e o domínio sobre as operações comerciais, que demandam financiamento. Já ao longo do século XIII, a frota templária, transacionavam ouro, prata e pedras preciosas com os ameríndios[11], e esses metais preciosos foram o lastro e o alicerce do sistema financeiro europeu medieval. Além dos laços comerciais no velho continente, o contato com os árabes era igualmente promissor e a paz garantiria novos "clientes" os sultões. E cruzadas sangrentas, rompimentos políticos e perda de poder econômico já não faziam mais parte do escopo da Ordem.

Como no xadrez, o xeque mate veio no final de 1291 d.C. quando caiu em mãos muçulmanas o Castelo de Acre, o último reduto cristão na Terra Santa e do remanescente reino latino. O estopim e motivação para a queda de Acre, por incrível que pareça foi banal, conforme um relato árabe do período, a revolta começou em virtude da traição de uma jovem nobre, com um muçulmano. O marido traído para vingar a honra ferida, reúne alguns cristãos e faz uma emboscada, o castigo aplicado resultou na a imolação de sua esposa e do amante. Esse fato chamou a atenção de alguns islamitas e cristãos, que se desentenderam em relação à culpa da traição, iniciando uma

briga generalizada que culminou no massacre de seguidores do islã, pelos cristãos. Esse fato se estendeu a outras regiões, a ponto dos latinos enviarem soldados e reforços, temendo uma represália do sultão Al-Mansur Qalawun. Porém, os reforços enviados em vez de apaziguar a situação criaram mais problemas, indisciplinados e por estarem com soldos atrasados, iniciaram saques e assassinatos indiscriminadamente entre mercadores muçulmanos e cristãos. Se a situação já estava tensa, com essa baderna de 1290 d.C., a paz tornava-se extremamente frágil e como solução paliativa o sultão exigiu a extradição e punição dos arruaceiros envolvidos. Na tentativa de solucionar a querela, O Grão-Mestre Templário Guilherme de Beaujeu, encaminhou a demanda para o conselho de sábios do Acre, e pasmem, além de rejeitarem o pedido de Qalawun, culparam os muçulmanos por tudo. A circunstância e a decisão dos conselheiros, corroborou e serviu de pretexto para a dissolução da trégua entre os cristãos e os muçulmanos e levou com que o sultão iniciasse uma mobilização de soldados. O chefe islâmico, morre pouco tempo depois, e assumi seu filho Al-Ashraf Khalil, que manifestou o intento, assim como seu pai, de atacar Acre. Receoso e como última tentativa, o líder Templário envia emissários para negociar a paz, esforço em vão, a delegação foi presa e morta, tendo suas cabeças enviadas como resposta. Numericamente superiores aos latinos, em 1291 d.C. começou o cerco e mesmo com vários ataques dos cruzados, o único resultado concreto foram muitas baixas. E em um desses ataques, 300 templários liderados por Jean de Grailly e Otto de Neto conseguiram algum sucesso ao derrotarem 1000 mamelucos. Uma pequena vitória, num mar de derrotas, até porque os muçulmanos eram numericamente superiores ao exército cruzado da província, e o êxito dos Cavaleiros do Templo foi irrelevante, se analisado o contexto geral.

Uma nova tentativa do Grão-Mestre dos Templários pela paz tentou ser costurada, mas não foi acatada por parte dos demais cruzados. Os termos da rendição oferecidos não agradaram e foram considerados ofensivos pelos

demais líderes. E finalmente, em maio de 1291 d.C. a queda de Acre tornou-se inevitável, praticamente no dia 18 do mesmo mês só um ponto da cidade ainda oferecia resistência, a fortaleza templária, na beira oeste da cidade. Nela, além dos Templários, estavam presentes e sitiados Hospitalários, Cavaleiros Teutônicos e milhares de civis. A fortaleza resistiu por mais 10 dias, o que levou o cavaleiro de Cristo com nome Pedro de Severy a solicitar ao sultão uma anistia. O acordo permitiu aos Templários, desde que desarmados partissem para o Chipre. Porém, durante a saída dos Cavaleiros do Templo o acordo fracassou, pois alguns soldados de cristo mataram mamelucos[12] que tentavam escravizar crianças e estuprar mulheres. Mesmo assim o Templário Thibaud de Gaudin e alguns outros conseguiram fugir, levando consigo os tesouros para Sídon, sob o véu da noite. Com a queda de Acre, definitivamente a presença templária e cruzada no Oriente Médio encerrava-se, e quem não conseguiu fugir e por lá ficou, acabou mais cedo ou mais tarde sendo morto, escravizado ou convertido ao islã.

Talvez a última cartada, foi a tentativa de uma união com os mongóis, acordo costurado por Filipe IV e por Kublai Khan e que contou com a participação de Jacques De Molay, último Grão-Mestre Templário. O líder da Ordem esteve no Oriente Médio entre 1298 e 1302 d.C. para combater os mamelucos, na esperança de um apoio mongol que nunca chegou. Diante da fraqueza numérica e da falta do apoio mongol, em setembro de 1302 d.C. as tropas templárias acabaram derrotadas e expulsas de sua fortaleza em Arwad, encerrando definitivamente a saga da Ordem do Templo, no Oriente. Mas, foi a partir da morte do chefe mongol na Pérsia em 1304 d.C, que a última pá de cal foi jogada na tentativa de reconquistar a região. Após essas derrotas e dissabores, um efeito dominó transcorreu, havendo uma debandada geral de quem ainda permanecia por lá. Os Templários após o insucesso, deixaram de ser uma grande força de combate (se foram) e os conflitos com outras ordens, como a dos Hospitalários e a dos Teutônicos, contribuíram conjuntamente no fracasso do domínio da região. Após quase 200 anos da I Cruzada, o Levante

era dominado pelos muçulmanos, o sonho cristão e da Igreja de Estados Latinos e de uma Jerusalém Católica tinha acabado. O efeito do insucesso na proteção da Terra Santa, veio conjuntamente com o desgaste militar, a degradação política da Ordem no seio da própria Igreja. Se o passivo militar ao longo das Cruzadas foi de 20 mil Templários mortos nos campos de batalha do Oriente, o político brevemente cobraria o seu preço.

Com a expulsão dos cruzados e dos Templários do Levante[5] , a Terra Santa transformou-se de sonho em pesadelo. A tomada de Acre, em 1291 d.C. e a posterior derrota em Award em 1302 d.C., restou aos Templários estabelecerem-se no Reino de Chipre (último reduto latino). Mesmo enfraquecidos militarmente e politicamente, em 1306 d.C. depuseram o rei Henrique II do Chipre e em seu lugar o Cavaleiro de Cristo Almarico de Tiro foi entronizado como novo monarca. Seu reinado durou até 1310 d.C. quando foi assassinado, provavelmente a mando do próprio Henrique II, que com a morte do usurpador, restabeleceu seu reinado. Com isso, o antigo rei voltou ao trono, expulsou os Templários da ilha e não corria mais risco de deposição. Se não bastasse a expulsão da Ordem do Chipre, Henrique para vingar e humilhar os Templários mandou queimar a sede dos Cavaleiros do Templo na ilha. Uma vez perdidos os territórios santos, o impacto na ordem templária logo seriam sentidos. Por mais que, ainda restasse o poder econômico, já não eram mais vistos e temidos no campo militar e político e esse enfraquecimento foi fatal.

O Fim

Como vimos no capítulo anterior, os insucessos militares, as rixas com outras ordens monásticas e o enfraquecimento político foram minando o poderio Templário. Por fim, com a perda de Acre em 1291 d.C. e o insucesso da união com os mongóis, foi sepultado o sonho da reconquista da Terra Santa, e iniciou-se a derrocada final da Ordem do Templo. Enfraquecidos militarmente e politicamente, e responsabilizados pelas derrotas, restou apenas Chipre para se estabelecerem fora da Europa continental. Mas, o sonho cipriota também virou pesadelo, findando na expulsão da Ordem da ilha. No continente as coisas não iam bem, as cruzadas cobraram tanto dos governantes como da igreja o seu preço. E o custo final, tanto para bancar as excursões militares, como para manter o poder político, foi angariado sob os alicerces pouco sólidos dos empréstimos, do endividamento estatal e das alianças políticas. Esses problemas, emergiram com o fracasso cruzado, como pagar as dívidas? Onde distribuir a nobreza expulsa do Levante[5] ? E como fomentar novos investimentos? Se Não havia Plano Marshall[13] na época, existia a fortuna templária que coincidentemente era o agente fomentador e credor de muitos reis, nobres e da própria igreja. Como banqueiros do período, os Templários, não deixavam de ser mal vistos e invejados, além de muitos poderosos nutrir contra eles sentimentos pouco cristãos. E entre, esses nobres, um dos reis mais endividados era Felipe IV

da França, que desde sua chegada ao trono se viu envolvido em várias demandas

Figura 23 - - Filipe IV, O Belo.

militares e financeiras.

Filipe IV foi coroado rei em 6 de janeiro de 1286 d.C na Catedral de Reims, após a morte de seu pai por disenteria em Perpignan na região dos Pirineus. Seu pai fugia de uma humilhante derrota militar infligida por Pedro III de Aragão, e que por clemência só poupou a família real. Como monarca, determinou e consolidou o fortalecimento do regime monárquico, com o auxílio de ministros como Pierre Flote, Guilherme de Nogaret e Enguerrand de Marigny. Favoreceu, uma burocracia profissional e o desenvolvimento de instituições administrativas e judiciárias, claro, desde que fossem submissas a ele e seus desejos. Se por um lado não era um rei carismático, era pragmático e conseguiu modernizar administrativamente a França. Casou-se com Joana I de Navarra em 1284 (antes de assumir o trono) e com essa união foi-lhe conferido os títulos de rei de Navarra e conde de Champagne. Como principal benefício da união matrimonial, foi beneficiado pela herança territorial de Joana, terras em

Champagne e Brie que eram adjacentes aos seus domínios reais de Ile de France, consolidando desta forma seus poderes e conquistando uma presença regional maior no território francês. Porém, nem tudo eram flores na vida de Filipe IV o Belo, ao longo do seu reinado travou guerras com a Inglaterra nos períodos de 1294-1298 d.C. e posteriormente entre 1300-1303 d.C. e com Flandres entre 1302-1305 d.C. Essas guerras, foram dispendiosas para os cofres reais, endividando o monarca e o Estado francês. O desenvolvimento tecnológico, a profissionalização dos exércitos e das operações militares, tornaram custosas as guerras e para não ficar como retardatário na corrida bélica, os investimentos nesses itens se tornaram vitais. As batalhas e suas campanhas exigiam aporte financeiro e para países como a França, com cofres quase zerados, o endividamento se fazia necessário. Antes de contrair empréstimos, usou de outros artifícios para custear essas demandas bélicas. Filipe IV, usou de várias ações e artimanhas que marcaram seu reinado e consequentemente macularam sua reputação.

Como o custo das guerras era alto, num primeiro momento recorreu a desvalorização monetária, que ocorreu entre 1290 e 1309 d.C., mas nesse contratempo usou outras táticas contraditórias e nem um pouco cristãs. Primeiro com os judeus, que além de persegui-los os expulsou dos territórios franceses , sem antes ter confiscado seus bens. Como essa ação não foi suficiente, em 1292 d.C. confiscou os ativos dos banqueiros lombardos e de abades mais abastados. Até então suas ações ainda não miravam os Templários, por estar aliado com eles em relação à retomada da Terra Santa, numa união com os mongóis. Por interesse estratégico e por desavenças com o Papa, os Templários ainda não se encontravam em rota de colisão com o monarca. Na realidade, os litígios com a Igreja tomavam muito a atenção de Filipe, que via em Bonifácio seu maior inimigo no momento. E mesmo que já houvesse interesse em expropriar a Ordem, suas brigas com o Papa ainda o impediam de colocar em prática seu nefasto plano. Por ser a briga mais promissora, seus problemas contra o Papa Bonifácio VIII, estavam igualmente relacionados a impostos, arrecadação e finanças. Filipe havia lançado sobre o clero, impostos de 50% do rendimento

anual da Igreja, o que gerou a ira de Roma sobre o monarca. Sem entendimentos, no ápice da querela, o papa emitiu a epístola decretal "*Clericis Laicos*", cujo conteúdo proibia que propriedades eclesiásticas fossem transferidas sem o aval da Cúria Romana para a coroa francesa. Entretanto, Bonifácio lutava politicamente contra o rei da Germânia, e contra a poderosa família Colonna, e por serem problemas mais iminentes, acabou deixando em "*stand-by*" por um tempo sua briga com o rei francês. Essa paz temporária, levou Bonifácio a uma renúncia formal à defesa dos bens da Igreja, e a bula decretal "*Clericis Laicos*". A pequena vitória de Filipe durou pouco tempo, e em 1301 d.C. com a bula "*Ausculta Fili*", o papado promulgava a supremacia papal em relação aos reis. Com o arrefecimento das rivalidades, Filipe inicia uma campanha difamatória contra Bonifácio, acarretando na promulgação de nova bula em 1302 d.C a "*Unam Sanctam"*, talvez uma das mais importantes da história. O conteúdo do documento versava sobre a superioridade do poder espiritual sobre o temporal. A resposta de Felipe IV, não tardou, veio quase que de forma imediata, ao proibir exportação de dinheiro francês para os Estados Pontifícios, além de convocar uma assembleia de bispos, nobres e grandes burgueses para atacar o poder papal. Ao adotar uma política de independência em relação a Santa Fé, fez oposição ao Papa e ao mesmo tempo procurou unir seus súditos em relação a sua briga pessoal contra o chefe da Cúria Romana. Foi ameaçado de excomunhão e de interdição (uma excomunhão ampla e abrangente para todo território francês), mesmo assim não se amedrontou e continuou seus ataques. O passo seguinte do rei, foi falsificar uma bula papal para torná-la injuriosa, e suscetível a questionamentos do poder civil e da sociedade Francesa. Jogou, assim, mais uma vez a igreja contra os franceses (nobres, clérigos e povo), além de, como represália enviar seu ministro Guilherme de Nogaret e uma pequena escolta para Roma, objetivando prender o Papa. O episódio ficou conhecido como atentado de Anagni e teve a participação de um inimigo pessoal de Bonifácio, Sciarra de Colonna, membro da nobreza romana e delator da localização do Papa, que a esta altura encontrava-se acastelado em Anagni. O que favoreceu Filipe IV, foi a

idade avançada do Papa já com 86 anos e em razão de suas condições físicas, muito doente, não resistiu ao cerco de Felipe e em 1303 d.C veio a falecer.

Figura 24 -- Papa Clemente V.

Foi sucedido por Bento XI, mal assumiu o papado e o novo patriarca de Roma estranhamente é envenenado (atribuísse sua morte a Nogaret). Abria-se caminho, no assento de São Pedro, para Clemente V, que era de origem francesa e foi cooperante com os desejos de Felipe durante seu papado. O novo Papa, foi escolhido a dedo por Filipe e para colocá-lo no poder não mediu esforços. Usou seus recursos financeiros e militares para que no Conclave em Perúgia, fosse

escolhido o arcebispo de Bordeaux, Bertrand Got, sob o título de Clemente V. Um fato curioso em relação ao poder de Filipe sobre Clemente é que tão logo foi eleito, a sede do catolicismo foi imediatamente transferida para Avignon e lá permaneceu entre 1309 e 1377 d.C. Sem a ajuda de Clemente V, talvez Filipe não conseguisse êxito na supressão da Ordem dos Templários.

Os problemas financeiros de Filipe mesmo após vários expurgos e manobras para aumentar o seu caixa ainda não haviam sido equalizados. O que levou o rei a contrair empréstimos junto aos Templários, com o intuito de custear negócios do seu reino e demandas bélicas, porém, ao ver que não honraria o pagamento deles, usou táticas já usadas anteriormente. Não se sabe ao certo se o fato a seguir foi ou não, preponderante para os planos de Filipe IV, mas um ano antes de solicitar a extinção da Ordem, o rei havia se refugiado num castelo Templário. O seu anfitrião foi o próprio Jacques De Molay, Filipe que fugia da a sublevação popular contra ele, foi acolhido e protegido pelos Cavaleiros do Templo, até acalmar a situação. Além do abrigo, o rei pediu também, que as forças militares templárias fossem usadas para lutar contra os revoltosos, pedido negado, por haver um juramento da Ordem de não interferir em assuntos políticos na França. É certo que a negativa estremeceu o relacionamento de Filipe com a Ordem do Templo. Só que desta vez, com a complacência de Clemente V, e usando sua influência em relação ao Papa, começou a criar estratégias para minar a Ordem. Em 1305 d.C., o rei francês resolveu controlar os Templários, num primeiro momento tentando uma unificação entre a Ordem do Templo e a dos Hospitalários, para criar uma grande potência religiosa e econômica. Nos planos de Filipe, o intento era nomear seu filho como líder absoluto da nova Ordem. Na verdade, o filho do rei seria seu fantoche, um Grão-Mestre “pro forma”, que mandaria mesmo seria o pai. Não foi bem-sucedido, visto que, na audiência entre Demolay e Clemente V, onde foi proposto a fusão das Ordens, o Grão-Mestre Templário percebeu a manobra e negou, alegando que a ideia era contrária aos estatutos da Ordem. A recusa foi um balde de água fria, para Filipe que ficou contrariado e para o Papa que ficou constrangido. Se essa tentativa não deu certo, restava uma mais sórdida e devastadora.

Primeiramente lançou várias acusações e heresias relacionadas a imoralidade, sodomia e magia negra, além de outras diversas acusações contra os cavaleiros de cristo. Seu intuito agora era fomentar mais um confisco de bens e riquezas, com a prisão dos membros e a extinção da Ordem. E ao fomentar e forjar provas contra os Templários, coagiria o Papa a satisfazer seus desejos. O principal responsável foi um nobre de nome Esquin de Floyran, contratado pelo rei, com a missão de denegrir e forjar provas contra a imagem dos cavaleiros, da ordem e do próprio Grão-Mestre, oferecendo para o nobre, terras e alguns benefícios financeiros. Apesar de existirem em 1307 d.C. algo em torno de 15 mil/ 20 mil Templários, Demolay quando viajava era acompanhado geralmente por poucos cavaleiros. E ao saber que o Grão-Mestre Templário viria a França para um funeral, Filipe e seu ministro Nogaret, prepararam uma armadilha, emitindo ordem de prisão contra o cavaleiro e contra todos os Templários do país, com base nas acusações já disseminadas. Após esse episódio, tribunais da Inquisição começaram a receber denúncias contra Templários e contra a Ordem do Templo, todas forjadas e disseminadas intencionalmente.

Finalmente, no dia 13 de outubro de madrugada, Jacques De Molay foi preso junto com sua comitiva pelos agentes de Nogaret. Foram encarcerados no mesmo período centenas de outros templários simultaneamente, não dando tempo de uma mobilização contrária e de reações contra as prisões. Sujeitos a torturas e aos mais variados horrores, muitos confessaram as heresias e acusações impostas à Ordem sem tê-las praticado. Contudo, a extinção da ordem só se deu em 1312 d.C., com a emissão de uma bula que retirava a proteção e o estatuto eclesiástico. Nesse ínterim, Filipe se apossou das consideráveis riquezas dos templários e acabou com seu sistema bancário. Porém, o episódio que marcou o fim da ordem foi o supliciamento dos líderes templários, que culminou em 1314 d.C., na morte do Grão-Mestre Jacques De Molay queimado numa fogueira em Paris. Se é verídico ou não, ou se é mais uma lenda envolvendo os Templários, enquanto ardia nas chamas, De Molay amaldiçoou o rei Filipe IV, Guilherme de Nogaret e o papa Clemente V.

Figura 25 - - Jacques De Molay.

O Grão-Mestre da Ordem do Templo nasceu em Molay (Borgonha), França, pouco se sabe sobre sua infância e juventude, todavia, como muitos filhos da nobreza aos seus 21 anos, adentrou na Ordem. Jacques de Molay chegou ao Grão Mestrado em 1298 d.C, após a morte de seu antecessor Teobaldo Galdino. Ao assumir a ordem templária, os templários já se encontravam em processo de decadência militar e política. Após as derrotas no Oriente e a malfadada tentativa de se reorganizarem no Chipre, Jacques retornou à França. De Molay, apesar de ter sido traído por Filipe IV, mantinha laços de amizade com o monarca e até mesmo possuía parentesco com o nobre, o Delfim Carlos posteriormente Carlos IV era seu afilhado. O compadrio entre ambos, não impediu o ardiloso rei francês de conspirar contra a Ordem e contra seu amigo. O último Grão-Mestre Templário ficou preso por sete anos, conjuntamente, com outros cavaleiros da Ordem e na prisão além das torturas, tiveram que sobreviver às condições subumanas e degradantes do local. Mesmo após três julgamentos, em nenhuma das ocasiões o Grão-Mestre deixou de ser leal a seus ideais e aos demais membros da Ordem. E desta forma, morreu sem revelar os locais onde ficavam as principais riquezas dos Templários, bem como, o nome dos companheiros que ficaram responsabilizados por nos últimos tempos proteger os tesouros e segredos da organização. Após a sentença de prisão perpétua, que não foi cumprida, em seu veredito o chefe da Ordem do Templo em dramático pronunciamento falou:

"*Penso verdadeiramente que neste solene momento eu deva proferir toda a verdade. Ante o céu e a terra, e com todos vocês aqui como minhas testemunhas, eu admito que sou culpado da mais grotesca das iniquidades. Mas essa iniquidade foi eu ter mentido ao ter admitido as acusações emitidas contra a Ordem dos Templários. Declaro que a Ordem está inocente. A sua pureza e santidade estão acima de qualquer suspeita. Eu admiti de fato que a Ordem era culpada. Mas, unicamente assim agi para evitar contra mim as terríveis torturas*"

Continuando, ainda explanou:

"*A vida foi-me oferecida, mas pelo preço da infâmia. Por este preço, a vida não vale a pena ser vivida, é mentira !!! a minha confissão foi arrancada sob tortura e eu sou inocente*".

Em março de 1314 d.C., após ser levado a uma Corte Especial, e por se negar a confessar a veracidade das provas forjadas e falsificadas, foi condenado à fogueira em mais uma jogada de Filipe. O julgamento do Grão-Mestre e de outro cavaleiro de nome Guido de Auvérnia foi presidido pelo bispado de Clemente V, já que o papa era portador de uma doença terminal. Ao não confessaram seus crimes, o rei francês ordenou que ambos fossem executados no mesmo dia e o mais rápido possível. Talvez o receio de Filipe fosse evitar dúvidas, como as ocorridas entre 1310 e 1312 d.C, onde Clemente e seus bispos, após interrogarem vários membros da Ordem e por não encontrarem provas concretas, absolveram muitos dos interrogados. Se havia dúvidas em relação as acusações de heresia, sodomia, beijos ilícitos e de cuspir na cruz, posteriormente e por pressão do rei e da nobreza francesa, Clemente emitiu uma condenação ambígua, por meio da bula *Vox in Excelso*. Mesmo não havendo comprovação dos crimes, o documento papal promulgava que a Ordem deveria ser extinta e remodelada a bem da sociedade, e seus líderes reconduzidos à vida monasterial em clausura. Se pairavam incertezas, Filipe desejava a morte de De Molay e dos Templários, e a extinção total dos Templários. Até porque, a remodelação não lhe daria oportunidade de usurpar as propriedades e os tesouros. Com a soltura dos chefes da Ordem o risco para o rei e seus planos, seria ficar de mão abanando, por não poder usufruir do confisco. Já adoentado e em estado terminal, Clemente V ordenou que os bispos tratassem da questão, seu desejo era condenar Jacques De Molay e Godofredo de Charnay a prisão perpétua, sob custódia da igreja, assim atendia a demanda real e ficava com a consciência tranquila em relação aos líderes dos Cavaleiros de Cristo. Ao perceber o descontrole da situação, bem como a grande chance de absolvição, Felipe mais uma vez usou de meios

ortodoxos para obter o resultado desejado. Ordenou o rapto dos dois líderes templários, até então custodiados pelos bispos e determinou a imediata execução em fogueira na ilha da Cidade. Enquanto, ardia no fogo Jacques De Molay proferiu a famosa maldição em direção ao rei Felipe IV, conforme relatos gritou:

"*Todos vocês serão amaldiçoados até a 13° geração.*"

Se é lenda ou não, é fato que trinta e três dias após a execução de De Molay, faleceu Clemente V. Apesar do papa e estar muito doente, antes mesmo da morte do Templário, poderia precedentemente ter morrido, mas, acabou falecendo após a execução de De Molay. Já o ministro Nogaret, morreu na mesma semana que morreu o papa, vitimizado por uma vela com sulfocianeto de mercúrio, fabricado por um antigo Templário de nome Everard. E o incrível é que quando o Pontífice foi a óbito, Felipe desdenhou do acontecimento, para com Nogaret, dizendo ser tolice é mera coincidência. O dia do monarca chegou em novembro de 1314 d.C. vítima de um derrame cerebral fulminante, durante uma caçada. O rei francês, morreu sem nunca ter encontrado o tesouro Templário e a maldição continuou sobre seus descendentes, nos 14 anos seguintes, os filhos do rei, seus sucessores, vieram a falecer, fulminando no encerramento da linhagem dos Capetíngios**[14].**

E os demais Templários? Após a prisão de muitos Templários, principalmente na França, quem conseguiu fugir ou foi absorvido por outras ordens, ou exilaram-se em países como Portugal, Suíça e Escócia, que deram proteção aos monges guerreiros. Em Portugal o rei Dom Diniz criou uma ordem em 1317 d.C., nomeada de Ordem dos Cavaleiros de Cristo e nela incorporou os Templários. Essa ordem criada pelo monarca português, curiosamente ou intencionalmente manteve a estrutura e símbolos dos Templários. Inclusive para conhecimento, muitos dos navegadores portugueses eram membros da Ordem de Cristo, inclusive Pedro Álvares Cabral. Formalmente Portugal foi o único país que deu abrigo aos membros da extinta ordem, mas relatos apontam que muitos

foram acolhidos na Escócia. Acolher Templários mesmo que perseguidos era um bom negócio, e para os escoceses não foi diferente, o escocês Robert de Bruce, além de ter sido excomungado (1307 d.C.) por Clemente V também travava uma sangrenta luta contra os ingleses. A excomunhão o liberava de acatar os desígnios papais, e ao acolher "guerreiros" calejados, nada impediria de trocar proteção por favores mercenários, em sua luta pela independência da Escócia. Se é verídico ou não, historiadores atestam que os ex-membros da Ordem teriam ajudado na Batalha de Bannockburn[15], decisiva na soberania escocesa.

Apesar da segurança que se encontravam em alguns países, sempre haveria uma preocupação em ocultar seu passado monástico na ordem, levando muitos a adotarem outras identidades (nomes), por medo de perseguições e represálias. E é nesse ponto, que talvez tenha ocorrido a incorporação por muitos ex-membros nas corporações de ofício, como a dos pedreiros-livres (Franc-Maçons). Ao adentrarem em guildas e associações profissionais, obteriam refúgio e consequentemente esconder seu passado. É interessante também mensurar que a Suíça foi um dos países que acolheu membros da ordem, sendo coincidência ou não o sistema bancário suíço prosperou e se desenvolveu a partir dessa época. Como já abordado, os Templários desenvolveram um sólido sistema bancário, com empréstimos, linhas de crédito e depósitos de riquezas muito similar ao atual sistema. Isso leva a crer, que o sistema financeiro suíço foi fruto dos monges templários por lá abrigados.

Com a diáspora templária, o fato mais intrigante que permanece sem respostas foi o desaparecimento da esquadra naval. Após o aprisionamento dos cavaleiros franceses, no outro dia, a frota ancorada em La Rochelle zarpou durante a noite, sem registros e sem deixar rastros. A quem diga que pode ter ido para Portugal, Escócia e até para a América. Se foi para Portugal como muitos creem, o rei português D. Diniz pode ter sido um dos grandes beneficiados, pois evitou entregar os bens templários a Igreja, criou uma nova Ordem e herdou conhecimento e riquezas. Mas são apenas suposições, sem condições de se comprovar, a única certeza é que como já exposto, criou uma ordem, *ipsis litteris* do que era a Ordem do Templo, onde só o nome mudou.

CAPÍTULO III

OS FRANCO MAÇONS

As Catedrais.

Com o declínio e queda de Roma nos séculos IV e V, o Império Romano foi dividido em dois, do Ocidente e do Oriente. O lado ocidental, foi fragmentado após diversas invasões e ocupações de povos, vulgarmente chamados de bárbaros. Já o lado oriental, além de se manter coeso territorialmente, continuou a prosperar e se desenvolver culturalmente, existindo por mais de mil anos, quando foi dominado em 1453 d.C., pelos turcos otomanos. Porém, no restante da Europa, as invasões e disputas territoriais, ocasionaram um declínio das cidades e da sociedade. Em Roma as hordas "bárbaras", efetuaram inúmeros saques e espólios e parte de seus habitantes optaram por abandonar a cidade, buscando refúgio e trabalho no campo. Esse deslocamento de pessoas das cidades para zonas rurais, "ruralizou" a Europa Ocidental. Apesar do retrocesso, houve uma assimilação pelos povos germânicos de vários costumes romanos e nesse vácuo quem se beneficiou foi a Igreja Católica que ao aliar-se com os reis invasores impôs seu poder e costumes a eles. Ela foi uma "ponte" entre dois mundos, o germânico e o romano, e com isso conseguiu propagar a fé cristã no lado ocidental da Europa, sem muito esforço. Mas, foi somente durante o Império Carolíngio, no século XIX. VII que a Cúria de Roma, consolidou seus domínios, quando o Imperador Carlos Magno doou grandes extensões de terra a Igreja e adotou a fé cristã como sendo a sua e de seus súditos. Com esse retrocesso social, e com a igreja se consolidando como força, a cultura, a arquitetura e o desenvolvimento tecnológico foram atrelados e concentrados nos mosteiros. Essa detenção do saber, pelos monastérios, fortaleceu o Pontificado que passou a impor para nobreza europeia uma visão de mundo voltada a seus interesses, mesmo que para isso fosse

necessário adequar a fé, os escritos a uma nova interpretação. Não se pode esquecer, que como ficaram depositários do que restou da Antiguidade Clássica, coube aos monges copistas a função de copiar e resguardar esse conhecimento, evitando assim que se perdessem no tempo e que o acesso fosse vulgarizado.

O aumento populacional, principalmente após o ano 1000 d.C., resultado da significativa diminuição das guerras "bárbaras", mudanças começaram a ocorrer na Europa Ocidental. E o principal impacto dessa nova fase, foi um “renascimento” tímido das cidades, por tornarem-se aos poucos mais seguras e dinâmicas, fruto da escassez de terras e do consequente aquecimento comercial. O comércio foi vitaminado, justamente pelas peregrinações e Cruzadas, que apesar do seu cunho religioso, trouxeram com o passar do tempo oportunidades comerciais entre o Oriente e o Ocidente. Essa interação possibilitou a reativação do comércio mercante no Mediterrâneo (abandonado devido à ruralização), enriquecendo e favorecendo cidades como Gênova, Veneza e Nápoles. Nesse contexto, a estrutura templária foi essencial para o desenvolvimento ocidental, pois além de fomentar a comercialização através de seu sistema bancário, de suas estradas, de seus portos e frota, investiram e financiaram igualmente em construções de Abadias e Catedrais. E por estarem, em constante contato com a cultura árabe, bizantina e oriental, assimilaram e trouxeram para essas obras, vários elementos construtivos do Oriente Próximo, por meio de intercâmbio de mestres construtores e de próprios Templários que exerciam o ofício de construtores. Foi justamente nesse período histórico, entre 1150 d.C. até 1300 d.C. que foram construídas as grandes Catedrais da Europa como as francesas Chartres, Paris, Saint Dennis, Beauvais e muitas outras. Além da França, pode-se citar também: As Catedrais de Cremona, de Piacenza, de Ferrosa, de Santa Maria do Trastevere em Roma, de Cambridge, de Oxford, de Glasgow, de Worms, de

Hildesheim, de Salamanca e de Coimbra no continente europeu e que são contemporâneas das francesas, já citadas; bem como as de Assis na Itália, Rochester, Worcester, Westminster na Inglaterra; Magdeburgo, Frankfurt e Colônia na Alemanha construída posteriormente.

É interessante, que com o desenvolvimento das técnicas, ganhou-se em grandeza e quanto maior a obra e suntuosa, mais famosas tornavam-se essas construções. Também, faz-se necessário mensurar que muito dessas Catedrais foram edificadas no mesmo lugar de outras edificações rudimentares, e mesmo em locais de culto pagão. Assim além de dar magnitude, apagavam rastros do paganismo e das antigas religiões e crenças ancestrais. Era necessário mostrar a grandeza de Deus, e o principal cartão-postal para isso eram essas grandiosas obras, que aos olhos do povo tornavam-se a expressão máxima da vontade divina na Terra. Na Idade Média, e ainda hoje, manter ativa a fé, e dar ao povo uma razão de existir, além de confortá-los em relação a sua pobreza e miséria (física e espiritual), impedia-os de questionar sua situação. Isso sem falar no apaziguamento do desejo de revolta, saques e roubos, pois ao participarem de cruzadas e dessas construções tinham a promessa da redenção dos pecados. Nada mais que um calmante social, se em Roma era “Pão e Circo" na Europa Medieval o circo foi alterado pela Fé instrumentalizada.

A evolução histórica das Catedrais, foi fruto do desenvolvimento da fé cristã, sem a consolidação do poder da Cúria Romana, provavelmente não teríamos tão cedo igrejas magníficas como a de Notre-Dame, Reims ou Milão. E isso se deu, porque, os primeiros cristãos, por serem perseguidos por Roma, costumavam reunir-se em cavernas ou em lugares que não gerassem suspeitas. Desta forma é impensável até a adoção do cristianismo pelo imperador Teodósio I em 380 d.C. que templos dedicados a um Deus único fossem magníficos ou superiores em grandeza, ao panteão de deuses pagãos. Só após a "chancela oficial" de Roma, é que se começaram erigir

igrejas e locais de culto, esse período arquitetural é conhecido como paleocristão e foi o pontapé inicial, dos primeiros lugares de adoração. O formato basicamente era o de Basílicas com corredores que terminavam numa abside[16] . Desse período a Basílica de Santa Maria em Roma, apesar das mudanças feitas ao longo dos tempos, ainda apresenta muitas de suas características originais. Os templos desse período, eram marcados pela

Figura 27 - - Ilustração de Roma Antiga.

simplicidade da decoração arquitetônica, e perduraram enquanto a cristandade limitava-se às extensões do antigo império ou do que sobrou dele, sofreu clara influência romana. No lado oriental a arquitetura bizantina também marcou sua presença, e influenciando, as igrejas cristãs primordiais daquele lado do mundo possuíam como principal diferença em relação ao estilo romano o maior rebuscamento dos detalhes, por meio de mosaicos e da influência oriental. Porém os dois tipos de construção eram limitados há determinadas regiões geográficas específicas e no entorno da esfera de poder de Roma e Bizâncio. Como vimos, a queda do Império Romano, mergulhou a Europa num período de caos, muito do conhecimento foi perdido ou destruído, e mesmo com a evolução monástica, o retrocesso construtivo pós Roma, era visível e foi influenciado principalmente por essa nova visão de mundo da cristandade, mais pudica, mais recatada, mais simplista e introspectiva.

Era o oposto de Roma Antiga e de suas grandes construções, os romanos por seus arcos, templos, arenas, coliseus e aquedutos, glorificavam seus deuses,

suas vitórias e seus imperadores na grandiosidade de suas obras. Basicamente as igrejas da Alta Idade Média, eram marcadas por colunas robustas, paredes grossas, janelas pequenas e arcos semicirculares, não havia brilho, nem luz e nem a intenção da opulência romana, bizantina ou oriental, a vida monástica não mais combinava com os costumes pagãos. E, isso era fruto principalmente dos regulamentos monasteriais, como a Regra de São Bento, que prezavam uma vida de penitência, oração e voltada ao trabalho (*ora et labora*). Estilo que obteve a ajuda principalmente a partir do século VIII com os Carolíngios[17] e o rei Carlo Magno, ao determinarem que a Regra de São Bento fosse a única autorizada em seus territórios, ganhando força assim não só na França como em outras regiões da Europa. Essa influência religiosa na arquitetura, só começou a perder espaço justamente com o advento das cruzadas, onde um renascimento arquitetônico deu origem ao estilo gótico. A partir do século XII, o florescimento de novos padrões construtivos possibilitou, por meio de novas técnicas de engenharia, a construção de arcos de grande altura, abóbadas de pedra, torres altas e outros elementos já consolidados. O intercâmbio cultural e a ida de mestres construtores a outros locais, como Bizâncio, Jerusalém e sultanatos árabes, para lutar, trabalhar ou peregrinar, permitiu que novas tecnologias fossem implantadas e trazidas para os canteiros de obras da Europa. E nessas viagens foi possibilitado técnicas construtivas com um estilo mais tênue, com janelas maiores, abóbadas mais leves suportadas por arestas de pedra e sobretudo, arcos ogivais. Além de, paredes mais finas, janelas maiores e altos arcos ogivais que só foram possíveis com o desenvolvimento dos arcobantes[18] que davam suporte à estrutura. A essas características marcantes se passou a nomear como gótico.

Para custear essas obras divinas, os bispos contavam com o financiamento Templário e com o apoio dos fiéis, que corroboravam laboralmente, economicamente e religiosamente para o sucesso da empreitada. E nesses relatos como do bispo

Figura 28 - - Catedral de Chartres (Foto Atual).

Geoffroy d'Eu, um dos idealizadores e gestores da construção da Catedral de Amiens, em 1236 d.C. refletem o pensamento daqueles tempos. Diz, o sacerdote, que a sua edificação foi acordada entre o clero e o povo, e que houve a participação de todos, onde muitos ajudaram com as mãos e outros com o entusiasmo. Na idade média, construir catedrais e

Edificações para Deus foi um excelente negócio, pois por mais modesta que fosse a cidade, um empreendimento construtivo deste tipo é como se hoje fosse a construção de um metro, de uma barragem ou de um grande edifício. Além do aspecto social, a fé popular era incentivada pelos clérigos e quanto maior fosse a construção, maior seria o presente a Deus. A Cúria Romana e seus clérigos vendiam ao povo a ideia de que trabalhando para a obra do senhor, estavam trabalhando para eles próprios e para sua salvação. O arcebispo de Rouen, em um de seus escritos relata suas impressões sobre esses mutirões e sobre seus voluntários:

"*Viam-se homens vigorosos, orgulhosos do seu nascimento e da sua riqueza, acostumados a uma vida de ócio, atrelarem-se a uma carroça com correias e transportarem pedra, cal, madeira e muito mais… às vezes, mil pessoas e mais, homens e mulheres, puxavam as carroças, tão pesada era a carga. E tudo num tal silêncio que não se ouvia uma única voz ou murmúrio. Quando paravam ao longo do caminho, apenas se ouvia a confissão dos pecados e uma oração pura e suplicante a Deus, pedindo perdão das faltas cometidas. Os padres exortavam à concórdia, calavam-se os ódios, as inimizades desapareciam, as dívidas eram perdoadas e os espíritos re-entravam na unidade. Se aparecia alguém tão afinado ao mal que não queria perdoar e seguir o conselho dos padres, a sua oferenda era lançada fora do (carro) e ele mesmo expulso com ignomínia da sociedade do povo santo*"

Na realidade, o grande motivador usado pela Igreja assim como nas Cruzadas foi a fé. Se nas guerras e excursões a Terra Santa a fé foi canalizada para libertar Jerusalém das mãos hereges e "infiéis" dos muçulmanos, nas igrejas a fé era focada em ofertar a Deus a magnitude em forma de Catedral para que ali Deus se fizesse presente. Ou seja, aplacavam a fome, a miséria do povo, a ganância e a belicosidade dos nobres, com missões divinas, e do mesmo modo impediam que se voltassem ou questionassem a Igreja. Mas esses trabalhadores, eram o grosso, e que atualmente poderíamos descrever como mão de obra barata e descartável. Eram aqueles da massa analfabeta, empobrecida e miserável que por um prato de comida, por temência a Deus ou mesmo para se sentir menos culpados, se dispunham a fazer o trabalho pesado. Havia é claro uma nova classe de cidadãos medievais, os mestres construtores, detentores de vasta cultura e profundos conhecimentos técnicos que além de dominar o latim e cálculos, se especializaram e se atualizavam a cada viagem ou a cada nova catedral. Costumavam se reunir em corporações de ofício e nessas estruturas, obedeciam a regras rígidas e uma hierarquia de desenvolvimento pessoal e profissional. Até porque, essas edificações não eram obras amadoras ou para simples pedreiros, exigiam um saber próprio e que poucos detinham. Para tanto, além da prática

precisavam conhecer a teoria: matemática, geometria espacial, trigonometria e outros conhecimentos como estereotomia (ciência do corte de pedra) e resistência dos materiais, isso sem falar na leitura. Interessante notar que muitos desses mestres eram escultores e o primor artístico de muitas catedrais foi fruto deste conhecimento.

Os mestres construtores, eram formados na prática e na teoria em canteiros de obras e nas oficinas das corporações, sendo admitidos inicialmente como aprendizes. O ensino iniciava-se no corte e polimento das pedras e outros conhecimentos manuais, e ao longo dos anos, havendo aptidão o aprendiz avançava em seu desenvolvimento, apreendendo as teorias e seu uso no canteiro de obras. A vida num canteiro de obras, exigia dedicação e o cumprimento das regras de cada corporação de ofício, e mesmo sendo considerados trabalhadores e cidadãos com certo privilégio social a vida não era fácil. Se por um lado tinham livre trânsito e reconhecimento dos bispos, reis e das ordens monásticas, as condições trabalhistas e de vida não garantiam uma subsistência digna, pois só recebiam se houvesse obra, e poucos se destacavam a ponto de garantir uma vida confortável. Para se protegerem e para serem amparados na falta de obras, se filiavam e precisavam estar vinculados a uma Corporação de Ofício que além de regulamentar o trabalho, garantia segurança, níveis salariais e amparo para mestres necessitados. Ao longo da profissão, havia estágios de evolução, níveis hierárquicos e um processo de admissão. Geralmente eram admitidos como aprendizes e no decorrer do tempo poderiam ser promovidos para companheiro e o ápice se dava ao serem certificados e exaltados a Mestres Construtores. Assim como os demais homens medievais, a fé também era parte da vida desses artistas, o fator financeiro não era preponderante, apesar de ser praxe receberem um pagamento anual das ordens religiosas e dos contratantes, além da alimentação e pouso enquanto houvesse demanda nos canteiros. Encaravam o trabalho como uma dádiva de Deus, e por edificarem em nome dele, o dinheiro era irrelevante, fruto principalmente da filosofia imposta pela Igreja. Na França os mestres construtores, passaram a ser conhecidos como "Franc-Maçons" ou em tradução

literal, pedreiros-livres, pois na sociedade da época tinham livre trânsito entre os burgos e não eram pessoas vinculadas a uma gleba ou a um membro da nobreza.

Na realidade, o desenvolvimento arquitetônico das Catedrais europeias foi uma conjunção entre Igreja, disponibilidade financeira, fé e o conhecimento. A igreja foi o principal incentivador, sem ela os recursos financeiros tanto dos nobres, como do povo iriam para outros destinos, bem menos "santos". Os Templários e as outras ordens monásticas, além de financiadores e parte integrante da Igreja, desempenharam um papel vital, pois além de disporem dos recursos financeiros, eram o elo com o Oriente. Nessas viagens, Cruzadas e peregrinações, houve um resgate do conhecimento e das técnicas, que permitiu como já falado, na evolução arquitetônica das construções do velho continente.

Além de financiarem as construções, cabe lembrar que com o investimento em estradas, em portos e no comércio, houve um florescimento das cidades, e o processo de ruralização que aconteceu na queda de Roma, tomou caminho inverso, favorecendo a reurbanização. As catedrais, eram importantes para as cidades, pois em muitas delas haviam "relíquias" de Cristo, trazidas do Oriente e que serviam como catalisador de romarias e peregrinações, como que vemos até hoje em Santiago de Compostela. Essas demonstrações de fé, para ver um pedaço da cruz, um pedaço das vestes de Jesus ou mesmo ossos de santos, apóstolos e tudo que mexesse com o imaginário popular, trazia um novo pilar para a sociedade, o comércio.

Figura 29 - - Ilustração de época - Monges Copistas.

Além de atividades comerciais, serviços passaram a serem prestados e para isso precisou-se de mão de obra qualificada e que possuíssem um grau de conhecimento técnico mais avançado. E nesse vácuo, artesãos, ferreiros, carpinteiros e mestres construtores começaram a se fortalecer, em técnicas profissionais, em tecnologia e corporativamente, por guildas e corporações de ofício. A fé também foi explorada para as grandes construções, pois para o povo medieval era temerário queimar no fogo do inferno. Ao pecarem e tornarem-se pecadores e por conseguinte não conseguirem expiar seus pecados, o povo precisava de clemências e indulgências. E a Igreja sabia usar isso a seu favor, pois alimentava o medo, explorando a fé e a ignorância popular. E ao trabalhar numa obra do Senhor, o cidadão medieval expiava e se redimia dos pecados.

Se por um lado, o braçal era executado por servos e nobres, em busca de indulgências e clemências, havia necessidade dos mestres construtores. A grosso modo, se fossemos comparar aos dias atuais, seriam os Arquitetos e Engenheiros. Eram responsáveis pelos projetos, cálculos e fiscalização da obra, e não raro trabalhavam junto aos demais ombro-a-ombro. Contudo, do mesmo modo que as Pirâmides, os Templos e o Coliseu possuíam seus mestres construtores, e dependiam de sua capacidade gerencial, o projeto não fluía sem a mão na massa das pessoas. Na Antiguidade, essa mão de obra era fácil de arregimentar, usavam escravos. Porém na Europa, apesar do regime de servidão, o servo da gleba não era mão de obra escrava. Esse extrato social da organização medieval, usufruía da terra de onde tirava sua subsistência, contrapartida era que entregassem parte da produção para o dono da gleba. Além de um pedaço de terra para arar e cultivar, ganhavam a proteção do seu "senhor". A Igreja ciente desta condição, instiga pela fé a arregimentação dos trabalhadores, e convincentemente suscita um ideal de salvação, remissão de pecados, no mesmo formato das Cruzadas. As Catedrais só foram viáveis porque conseguiram unir todos esses aspectos, para o bem ou para o mal, as cidades da Europa não teriam alcançado o grau de evolução que alcançaram, sem Igreja, sem Templários, sem Cruzadas e sem Corporações de Ofício.

As Guildas, Corporações de Ofício e "Compagnonnages"

Não se pode falar em franco-maçonaria sem entender mesmo que superficialmente a origem das guildas, das corporações de ofício e das "*Compagnonnages*" e sua importância na Antiguidade e na Idade Média. A nomenclatura, se diferencia muito conforme a época, a região e a própria evolução da associação. Apesar das diferenças de termos, a essência dessas instituições sempre foi muito similar, e pode-se dizer que foram o embrião do sindicalismo atual, pois essencialmente regulamentavam os ofícios, propiciavam segurança, ajuda mútua e quem poderia executar ou não as funções. Na realidade o termo mais usual era o de "guildas" as outras definições como "compagnonnage" só vieram a ser usados na língua francesa após o século XVIII, e definiam o tempo que um companheiro deveria permanecer junto a seu mestre. O vocábulo é originário do latim "companionem" ou aquele que partilha o pão com outro. E, evoca no campo social e humano um companheiro de vida, enquanto que no lado associativo o apoio, a proteção, à educação e o desenvolvimento de conhecimentos entre seus membros. Mas, definir onde e quando se iniciou essas associações seria no mínimo temerário, até porque, arquivos e documentos mais precisos não vão além do século XVIII e quem afirmar o contrário criará suposições e ficções literárias. É claro, não se pode negar a existência de organizações de trabalhadores e artesãos, desde os primórdios das civilizações. As construções mais complexas, sempre exigiram, quer por meio de corporações, por outras estruturas organizacionais, um arranjo hierárquico de distribuição de trabalho e funções.

Diz-se que, as guildas e corporações são herança das sociedades secretas antigas e que por esses motivos, igualmente se resguardavam para proteger seus membros e suas técnicas. Há sim no imaginário popular uma mística que procura atrelar as corporações de ofício e suas origens ao Templo de Salomão, a Hiram Abiff e a um esoterismo "mágico". Contudo, tentar vincular personagens bíblicos dos tempos de Salomão aos maçons medievais e estes aos Templários, é o mais puro devaneio imaginário. Porém, ao considerar o lapso temporal entre as épocas e fatos históricos anteriores, essas "teorias" logo se vão por água abaixo. Se há realismo ou se são apenas conjecturas, muito se dá pela ausência documental, mas há elos que estreitam mesmo por caminhos diversos as interações históricas entre pedreiros livres e Templários. E para começar a compreender, deve-se voltar à história, mais propriamente na época do Rei Salomão, o rei ungido por Deus para erguer o Templo que guardava a "Arca da Aliança". Na Bíblia em Reis 5:1-18 temos a seguinte passagem:

"1.E enviou Hiram, rei de Tiro, os seus servos a Salomão (porque ouvira que ungiram a Salomão rei em lugar de seu pai), porquanto Hiram sempre tinha amado a Davi.

2.Então Salomão mandou dizer a Hiram:

3.Bem sabes tu que Davi, meu pai, não pôde edificar uma casa em nome do Senhor seu Deus, por causa da guerra com que o cercaram, até que o Senhor pôs seus inimigos debaixo das plantas dos seus pés.

4. Porém agora o Senhor meu Deus me tem dado descanso de todos os lados; adversário não há, nem algum mau encontro.

5. E eis que eu intento edificar uma casa em nome do Senhor meu Deus, como falou o Senhor a Davi, meu pai, dizendo: Teu filho, que porei em teu lugar no teu trono, ele edificará uma casa ao meu nome.

6. Dá ordem, pois, agora, que do Líbano me cortem cedros, e os meus servos estarão com os teus servos, e eu te darei o salário dos teus servos, conforme a tudo o que disseres; Porque bem sabes tu que entre nós ninguém há que saiba cortar a madeira como os sidônios.

7. E aconteceu que, ouvindo Hiram as palavras de Salomão, muito se alegrou, e disse: Bendito seja hoje o Senhor, que deu a Davi um filho sábio sobre este tão grande povo.

8. E enviou Hiram a Salomão, dizendo: Ouvi o que me mandaste dizer. Eu farei toda a tua vontade acerca das madeiras de cedro e de cipreste.

9. Os meus servos as levarão desde o Líbano até ao mar, e eu as farei conduzir em jangadas pelo mar até ao lugar que me designares, e ali as desamarrarei; e tu as tomarás; tu também farás a minha vontade, dando sustento à minha casa.

10. Assim deu Hiram a Salomão madeira de cedro e madeira de cipreste, conforme a toda a sua vontade.

11. E Salomão deu a Hiram vinte mil coros de trigo, para sustento da sua casa, e vinte coros de azeite batido; isto dava Salomão a Hiram anualmente.

12. Deu, pois, o Senhor a Salomão sabedoria, como lhe tinha falado; e houve paz entre Hiram e Salomão, e ambos fizeram acordo.

13. E o rei Salomão fez subir uma leva de gente dentre todo o Israel, e foi a leva de gente trinta mil homens;

14. E os enviava ao Líbano, cada mês, dez mil por turno; um mês estavam no Líbano, e dois meses cada um em sua casa; e Hiran Adon estava sobre a leva de gente.

15. Tinha também Salomão setenta mil que levavam as cargas, e oitenta mil que talhavam pedras nas montanhas,

16 Afora os chefes dos oficiais de Salomão, que estavam sobre aquela obra, três mil e trezentos, os quais davam as ordens ao povo que fazia aquela obra.

17. E mandou o rei que trouxessem pedras grandes, e pedras valiosas, pedras lavradas, para fundarem a casa.

18. E as lavraram os edificadores de Hiran, e os giblitas; e preparavam a madeira e as pedras para edificar a casa."

Neste texto bíblico, não se pode afirmar, que a construção do templo ficou a cargo das corporações de ofício, mas Hiram Adon (Hiram Abiff), assim como os chefes oficiais de Salomão, até pelo número de trabalhadores envolvidos, pela logística e pela grandiosidade da obra, deveriam ter uma estrutura hierárquica e de controle. Uma administração, e porque não uma associação nos moldes das corporações de ofício, mesmo que estatal e vincula ao próprio rei. Faz sentido, mesmo não havendo documentos que subsidiem essa hipótese, mas é presumível que para o êxito da obra uma hierarquia de comando e organização precisasse existir. Outro fato importante é que entre os judeus, após a construção do templo, um grupo conhecido como Khasideans, ficou responsável por manter e reparar o Templo de Salomão, e era costume desses indivíduos apoiarem-se mutuamente. Além desse apoio mútuo, contavam em várias regiões com

casas de parada, as "*semnées*", para depois de exaustivas viagens descansarem, ou para se reunirem em razão de problemas construtivos e pessoais. Era usual entre eles usar toques, palavras e sinais com o intuito de reconhecimento mútuo, e provavelmente herdaram esse costume dos egípcios e mesmo dos construtores do Templo. Esse grupo mais tarde, veio a tornar-se os essênios, um grupo, no judaísmo antigo de ascetas, apocalípticos e messiânicos. Relatos ainda contam que o seu isolamento no deserto, das demais comunidades judaicas, foi por sofrerem perseguições da Dinastia Hasmonéa[19]. Se é verdade ou não, muito pouco restou após sua dizimação no ano de 68 a.C. e só se tornaram conhecidos após achados arqueológicos na região de Qumran[20] no Mar Morto. Igualmente em outras civilizações, como as Mesopotâmicas, Egípcias e Sumerianas, os construtores e demais artesãos exerceram papel vital, deixando além de relatos nas pedras, utensílios e pergaminhos resquícios arqueológicos de seus feitos, de seus conhecimentos e técnicas construtivas. Na maioria das vezes, esse conhecimento, era transmitido oralmente, de geração em geração ou por meio dos pedagogos e instrutores incumbidos de levar o saber aos cantos conhecidos do mundo. Muitas dessas

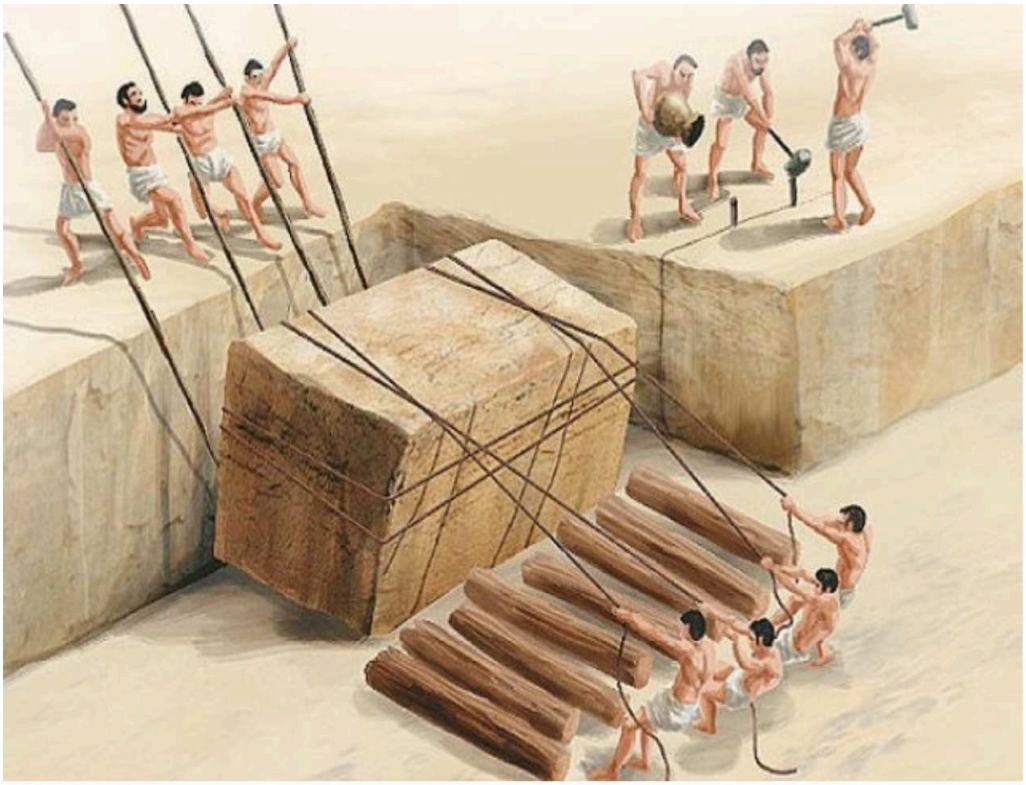


Figura 30 - - Trabalhadores e Mestres Construtores do Egito.

técnicas só não foram perdidas por existir, associações e a transmissão reservada dos segredos, bem como raros manuscritos e papiros.

Já na Grécia, havia os edificadores, responsáveis por erigir templos aos seus Deuses, esses gregos faziam parte da classe sacerdotal (dionisíacos) e costumavam se reunir em associações e assim receberam e preservaram como em outras culturas suas tradições construtivas e os segredos em relação a inimigos e curiosos. Com a ascensão de Roma, as corporações passaram a ser conhecidas como colégios operários (*collegia artificum*, 797 a.C.). e durante o Império Romano, essas corporações além de estarem já fortalecidas, mantinham inclusive privilégios, como a isenção de impostos e a exclusividade na construção de prédios públicos. Mesmo após o declínio romano, já sob dominação dos Lombardos[21], passaram a intitular-se confrarias ou corporações livres e igualmente se auto garantiam benefícios e distinções em relação a outras classes. E com a ascensão do

papado, ganharam o monopólio da construção das igrejas e cartas patentes isentando-os em relação a leis e estatutos locais, decretos reais e qualquer outro que limitasse sua circulação ou os obrigassem a recolher impostos ou taxas, geralmente cobrados dos demais habitantes. Com esse "passaporte" papal, nada mais natural que as corporações se espalhassem, principalmente na Alemanha, França e Inglaterra, e a eles comumente era dado o nome de "maçons". Já outros se dedicaram à construção de pontes e estradas, e em ambas as confrarias houve a admissão de Templários, que não se rogaram em fazer parte e participar das construções, por precisarem desses profissionais e de seu ofício em sua evolução. Muitas das estradas, portos e abadias templárias foram construídas por Maçons Templários ou por mestres-construtores contratados. Talvez isso, embase muitas lendas que relacionam os Cavaleiros da Ordem, após sua extinção, a transformação da maçonaria operativa em especulativa. É relevante notar, que desde os Khasidans, as Corporações Livres e os Templários, havia um elemento comum em todas as instituições, o caráter operativo e o caráter místico

Figura 31- - Cotidiano de um Burgo Medieval.

religioso,

que se confundiam e se separavam à medida que essas organizações evoluíam e se protegiam. Desde a admissão, era necessário passar por testes e provas de lealdade, bem como aceitar normas, dogmas e regulamentos sem poder questionar. Isso sem falar em ritos secretos (palavras, sinais e toques) que permitiam identificar ou não, quem era membro. No decorrer da Idade Média, foi acrescentada a ajuda mútua, essencial, para que as instituições se protegessem contra os déspotas e as autoridades absolutistas de senhores feudais. Além dos pontos citados, um instrumento de proteção não tão claro assim era o conhecimento, ao reter as técnicas, ao controlar seus meios de transmissão, as associações preservavam sua força e se transmutam ao longo do tempo sem correr riscos. E o conhecimento era o instrumento que os destacava não só da plebe, como dos nobres e senhores da guerra, por serem estes em sua grande maioria analfabetos e leigos.

Nos tempos antigos, havia uma distinção e uma discriminação em relação ao trabalho manual, que era visto como indigno pelas classes dominantes. Em sua maioria, os afazeres manuais eram funções executadas por escravos. As sociedades antigas e a medieval em si eram basicamente estáticas e tri funcionais, compostas por "*oratores*" (religiosos), "*bellatores*" (nobres) e "*laboratores*" (camponeses e artesãos), e cabia ao último grupo sustentar as demais classes. Contudo, as associações (maçons e mais algumas) tinham um "status" que lhes garantia uma salvaguarda, por serem essenciais à sociedade. E muito disso era fruto do domínio da técnica, um médico, um pedreiro-livre, um carpinteiro, um ferreiro e um tecelão se formavam num primeiro estágio pela observação. O conhecimento de um ofício, basicamente era olhar e imitar, a didática se dava observando e pela transmissão oral do saber. Porém, em alguns trabalhos, haviam pergaminhos, manuais e tratados com descrições minuciosas, que detalharam os pormenores práticos e até descreviam como executar e fazer a tarefa, uma espécie de receita de bolo profissionalizante.

O ofício e suas atividades em si eram concentrados no início, muito no núcleo familiar, o mestre antes de admitir um estranho, buscava na família o aprendiz. Cabe ressaltar, que era comum na época, que os regulamentos normatizaram o número de aprendizes e companheiros de cada mestre, além de delimitar os exames, testes e provas para exercer o ofício. Inicialmente o iniciado executava funções menores, até desenvolver a técnica e o conhecimento necessário para realizar a tarefa com qualidade. Esse tempo de aprendizado variava muito, mas geralmente era algo em torno entre sete e quatorze anos e variava muito com a complexidade do ofício e da tarefa. Em algumas funções profissionais além do ensino prático era exigido o conhecer de algumas artes liberais, como Gramática, Lógica, Geometría, Álgebra, Trigonometría e Astrônomia. Ofícios como dos pedreiros, exigia ao longo da evolução do aprendiz e companheiro domínios teóricos, principalmente do matemático.

As corporações de ofício, geralmente eram compostas de três níveis hierárquicos: aprendiz, companheiro e mestre. Nos primórdios, nota-se uma rigidez que dificultava o companheiro aceder ao mestrado, e o título era geralmente outorgado aos filhos ou na falta de herdeiros homens aos genros. Evidente falar que gerou revolta e consequente "racha", sendo desta forma criadas as primeiras sociedades que passaram a atuar de forma independente das corporações. Porém, o corporativismo das associações também criou "*lobbies*" e formas de impedir essas fissuras. Esse corporativismo, além de proteger desses rompimentos, impedia que as guildas fossem prejudicadas em seus interesses coletivos. O objetivo, claro, era proteger os mestres e a instituição do enfraquecimento e da quebra dos monopólios, sindicalismo puro em relação à concorrência. E a principal forma de frear as associações independentes eram criando decretos como, os de Rouen (Concílio de Rouen – 1189 d.C.) e o de Avignon em 1326 d.C. que penalizam com excomunhão as guildas "piratas". Ou como, o "livro

dos ofícios" onde o rei Luís IX em 1258 d.C., proibia a possibilidade do companheiro abandonar seu mestre sem o prévio consentimento. Neste último, há também, uma codificação de práticas corporativas em Paris, e nos decretos eclesiásticos a mensuração de excomunhão a quem prestasse juramento, a quem se reunissem regularmente, a quem vestisse roupas especiais e próprias do trabalho e a quem ajudasse mutuamente irmandades clandestinas. Exercer um ofício demandava também, uma carta patente e autorizativa, como a que em 1276 d.C., emitida por Rodolphe I aos pedreiros de Estrasburgo, franqueando-lhes o direito a exercer suas atividades na localidade. Sem essas autorizações, uma espécie de alvará dos dias atuais, o exercício da profissão era bem restrito. Contudo, é inegável que mesmo com proibições e restrições não se evitava ou extingue-se totalmente as oficinas clandestinas. E mesmo na ilegalidade, ainda agiam, em prol dos trabalhadores e em prol de interesses próprios ou escusos.

Outra característica marcante destes profissionais, era deixar sua assinatura, marca ou sinal evocando seus ritos, lendas ou origens. Principalmente, a partir do século XII e habitualmente no século XIII, em Catedrais como Notre-Dame, Reims, Chartres e Poitiers nota-se que essas “assinaturas” passaram a tornar-se comuns. Seus autores, eram conhecedores e iniciados em confrarias e corporações, e talvez por vaidade, diversão ou reconhecimento talhavam na pedra, informações que só poderiam ser compreendidas por quem fazia parte do meio. É possível citar, por exemplo, a Catedral de Chartres, onde duas figuras agachadas frente a frente segurando dados foram talhadas na pedra, significando no sentido figurado os mestres. Já em Villard de Honnecourt, o entalhe é a cena de um javali e um coelho, e interpretados como o iniciado e o aprendiz. Em Valenciennes uma representação das colunas Jakin e Boaz[22] e em Saint Dennis, um Jesus Cristo fazendo sinal de mestre são alegorias esculpidas com conteúdo que só um iniciado interpretaria. Um leigo, ao notar esses

entalhes, acharia engraçado, sem sentido ou mera brincadeira. Não é conclusivo falar ou afirmar que esses sinais eram exclusivos aos mestres, pois também serviam a religião. Cada corporação, cada tipo de trabalhador além de talhar suas marcas, obedeciam a regras e ritos próprios, tanto em nível de iniciação dos seus filiados como da formação profissional e espiritual. E todos esses detalhes influenciavam diretamente ou indiretamente na simbologia adotada em cada construção.

Aliás, estando os membros dessas associações centrados e unidos num objetivo comum, o conhecimento. A preocupação individual, tornava-se também grupal e com isso o respeito pelo trabalho e pelo ofício a ser realizado era compartilhado, por todos, mas devia ser resguardado por todos. As técnicas, os aprendizados e as leis internas garantem a privacidade e discrição do labor. Todo membro de uma guilda, inicialmente deveria zelar pelos seus instrumentos de trabalho, pelos costumes e tradições e por guardar e manter os segredos do seu ofício. Esses aspectos eram aglutinadores, e impediam que os mais fortes explorassem os mais fracos, minimizando divergências e transformando os interesses pessoais em coletivos. Sem isso talvez, as corporações não tivessem sobrevivido a ganância humana, a exploração das castas superiores e ataques de opositores. Essa coesão, foi essencial para que no final da Idade Média, o poder das corporações ter se tornado forte o suficiente para garantir o auxílio mútuo entre os mestres de cada sociedade ou dever. E o intuito era a proteção de seus direitos e de seus deveres e o mais importante, a segurança. Para tanto, o silêncio e o mistério foram essenciais para precaver as corporações e seus mestres da nobreza, da florescente burguesia e de legislações que poderiam prejudicá-los. Se antes as marcas, eram assinaturas que expressavam toda a simbologia, passou-se a adotar também ritos e sinais que salvaguardam os integrantes e lhes davam cobertura

Figura 32 -- Artesãos de uma Guilda.

mesmo em momentos tenebrosos.

Templários, os Maçons Operativos e os Maçons Aceitos.

Com a extinção da Ordem dos Cavaleiros do Templo, muitos destes, principalmente os que residiam na França, foram perseguidos, capturados e mortos. Apesar de alguns países, por interesses próprios, protegerem os Templários, muitos optaram por se integrar a outras ordens monásticas como a dos Hospitalários e a dos Cavaleiros Teutônicos, as corporações de ofício e em sua grande maioria preferiram o anonimato. A principal razão era o medo que persistia, o receio de vingança de antigos inimigos e a vulnerabilidade na qual estavam expostos. Mesmo nas outras Ordens, apesar do um estreito contato, houve disputas de poder entre elas e os Templários, o que deixava seus ex-membros suscetíveis a "*vendettas*"**[23]** . Por serem ordens monásticas, seria claro, o ambiente mais propício e mais próximo da vida que levavam. Entretanto, muitas mágoas do passado e rixas poderiam impedir o anonimato, colocando-os em risco. Uma nova camuflagem, ou uma nova vida? Há quem diga, que muitos partiram com a frota e seus tesouros para lugares desconhecidos (América), mas são suposições, nada provado. Em busca de novos rumos, muitos optaram por integrar-se a guildas e corporações de ofício, principalmente para quem já exercia profissão, para quem tinha afinidade e contatos que lhes permitisse franquear o acesso. E é claro, com posse de recursos, mesmo naquela época comprava-se proteção. E a maçonaria, foi uma dessas associações, que recebeu inúmeros templários por serem uma das guildas com que a ordem mais adjacência teve. Os maçons operativos e os cavaleiros do templo em vários momentos na história de ambas as instituições, tiveram seus

caminhos cruzados. Não se pode esquecer que os Templários ao longo de sua existência, necessitam construir estradas, castelos e fortificações, não só na Europa como na própria Terra Santa. E, financiaram a construção de Abadias, Igrejas e Catedrais para a Cúria Romana e para si mesmos. E é aí que entram os maçons, para essas obras arquitetônicas, havia necessidade de pedreiros livres. Porém, na própria Ordem, integrantes já exerciam esses ofícios, um facilitador em relação a questões de ajuda mútua e para apresentação de novos membros. Por dever profissional, pela regra e pelo juramento Templário, os membros estavam presos a compromissos de companheirismo e proteção. Se o juramento Templário já era um alento, as corporações e guildas também tinham seus mecanismos de proteção e seus votos de companheirismo. Deste modo, um Franco Maçom e Templário, vinculado uma Corporação de Ofício, possuía duplo dever de acolhimento. Essa interação entre Templários/ Construtores e Franco-Maçons foi essencial, para garantir para muitos abrigo e guarida, principalmente após a extinção da Ordem do Templo e durante as perseguições a ex-monges. Esse foi o caminho escolhido por muitos ex-soldados guerreiros, mas é perceptível que foi uma dentre as várias opções encontradas pelos sobreviventes das perseguições. Como visto, mesmo antes da extinção da Ordem do Templo, Maçons e Templários tinham objetivos em comum. Só cabe ressaltar, que não era nada místico e esotérico como muitos maçons tentam transvestir a origem da Maçonaria, era muito mais operacional do que místico, mesmo assim esse contato foi essencial para a evolução das Catedrais, e para futuramente as corporações se tornaram refúgios para fugitivos da Ordem do Templo. Se por um lado a essência guerreira dos Templários, nos leva a imaginar uma ordem de soldados e guerreiros, no dia a dia e em tempos de paz, como atualmente o é com o exército, toda uma estrutura administrativa mantinha os soldados nos campos de batalha ou na

mobilização pré-guerra. Isso sem contabilizar que, uma batalha, uma guerra e um esforço militar em qualquer tempo necessitam de logística, de abrigos, de fortificações, *bunkers* e apoio operacional. Não só os construtores fizeram parte, mas também ferreiros, contadores, médicos, cervejeiros, carpinteiros e até mulheres da vida exerciam seus ofícios ao longo de cada campanha. No decurso de seu desenvolvimento institucional, os Templários se tornaram uma organização complexa, o que necessitou agregar, ou em suas fileiras ou em seu entorno uma gama de pessoas, dos mais variados níveis de conhecimento e origens.

A guerra e o convívio no Oriente Médio trouxeram tanto para nobres e Cavaleiros de Cristo novas oportunidades, negócios e conhecimentos. Mas, esse aprendizado estendeu-se a outros ofícios que igualmente foram a Terra Santa, quer pelas Cruzadas, quer pelas peregrinações, quer por outras motivações e semelhantemente assimilaram novos rudimentos e técnicas. Os árabes e povos orientais, na época, eram tecnologicamente superiores aos europeus pós Império Romano. A diferença iniciava-se na própria concepção de cidades e centros comerciais, urbes como Bizâncio, Trípoli, Antioquia e Jerusalém, além de cosmopolitas se destacam por majestosas construções e avanços que não se viam em muitas regiões da Europa. Não só em termos construtivos, mas em outros campos da ciência essa "estadia" permitiu que a Ordem do Templo e outros personagens do período evoluíssem e agregassem novas rotinas e saberes no velho continente. O intercâmbio do saber e o florescimento de novas relações comerciais, foram instrumentos essenciais nessa nova fase da Europa.

Muitos maçons tentam a todo custo vincular erroneamente as origens da Maçonaria Especulativa aos Templários, a realidade nua e crua, é uma, ambas coexistiram, mas nenhuma influenciou a outra a ponto ter relevância na ascensão ou na queda. A Terra Santa foi um delimitador para ambos, que

mesmo via caminhos tortuosos, nunca deixaram de cruzar. É um ufanismo, a tentativa de dar uma aura mágica ao nascimento da Maçonaria, mas ao se criar lendas e fábulas, pouco se contribui para transmitir uma imagem real da ordem maçônica, desvinculada de devaneios. A história, são fatos, um achado arqueológico mesmo que composto por resquícios de cacos, pergaminhos e esqueletos nos conta muito sobre o passado, e é sem sombra de dúvidas um grande quebra cabeças. A razoabilidade, deve vir acompanhada de evidências concretas ou plausíveis de concretização, e as lendas e estórias são névoas que como o "*fog*" londrino, ocultam a visão e escondem a realidade. Do mesmo modo, que muitos tentam atrelar os maçons antigos ao Templo de Salomão ou mesmo ao Egito Antigo e a construção das Pirâmides, a história real e documental não prova essa vinculação, e com a Ordem do Templo os vínculos históricos são a realidade dos fatos expostos.

A maçonaria moderna, na realidade, em nada tem a ver com as antigas guildas e com a maçonaria operativa, se não o nome. As associações e corporações de ofício dos Pedreiros Livres, historicamente remontam a costumes e aprendizados místicos, herdados oralmente e pela prática observatória ao longo de gerações. A transmissão desse conhecimento, foi assimilado e difundido em seus primórdios, por ritos e costumes de cada entidade/organização de trabalhadores. E a evolução humana, trouxe conjuntamente novas tecnologias, bem como mudanças sociais e políticas próprias de cada era. A "aura esotérica" em muitas dessas épocas nada mais era que uma carapuça, escudo e armadura para sobreviver. E mesmo com todo seu misticismo e segredos, não se pode dizer que a Maçonaria Operacional e a Especulativa beberam da mesma fonte, é grosseiramente tentar comparar a Revolução Industrial, com as plantas fabris atuais e sua Revolução Tecnológica. A essência entre as duas

maçonarias é diferente, o esoterismo da atual maçonaria especulativa, se fosse colocado para um pedreiro livre rudimentar, um proto maçom seria visto como bruxaria e pecado. Há na evolução maçônica duas alvenarias, uma operacional/material e outra mística/espiritual, e desde os primórdios andaram juntas, interagindo mais ora para um lado, ora para outro. E, até em alguns momentos sendo conflitantes, pelo pragmatismo que de tempos em tempos se fazia necessário para garantir a sobrevivência. Mas, mesmo havendo essa intersecção entre as duas alvenarias, a Maçonaria Moderna, enterrou o lado laboral.

Diante disto, é temerário falar que a origem maçônica, deu-se no Egito, no Templo de Salomão e/ou com os Templários. É igualmente perigoso, alegar que o companheirismo, os graus e algumas simbologias foram criados ou originados no pensamento maçônico especulativo. É preciso a partir de determinado ponto, distinguir e separar o real do imaginário, o ufanismo dos fatos históricos. A Maçonaria Especulativa, não veio do Egito ou da Ordem do Templo, até por nunca ter existido ascendência de uma em relação a outra. Se houve superioridade foi econômica, na época em que os Templários, como financistas, fomentavam negócios, empréstimos e grandes construções, só, nada mais. Mas, a supremacia financeira foi extensível às outras ordens monásticas, países e mercadores. Apesar da hegemonia financeira, nesse período, não foi garantida a supremacia total, principalmente após o enfraquecimento militar da Ordem. A derrocada bélica, trouxe derrotas políticas que abriram as portas para que Filipe IV, usurpasse pela traição os bens Templários. O rei francês não foi o único a desejar o enfraquecimento da ordem, nobres e Papas em outros momentos também desejaram, por temeram o

Figura 33 -- Maçons operacionais, exercendo seu ofício num

fortalecimento da Ordem do Templo em detrimento às suas instituições. Só não conseguiram êxito, por haver ainda força política, força militar e força econômica.

Se por um lado, o poder financeiro dos Templários, foi essencial para nobres, reis, Papas e até para países inteiros a derrocada foi igualmente vantajosa. Após a decadência templária, o fator proteção foi muito mais por interesse financeiro, de divisão de espólio, do que por interesses humanitários ou espirituais. E infelizmente as guildas, corporações e franco maçons entraram na mesma toada. Seria como aquele parente milionário que morre sem herdeiros e todo mundo quer um pedaço da fortuna. Ou seja, na oportunidade dê alguma chance de lucrar com a extinção dos Templários, todos que podiam se candidatar a disputar seus “tesouros”, seu poder econômico e militar. Se a Escócia e Robert de Bruce, acolheram-nos para uma fortificação militar e uso de seu conhecimento na área, a Suíça

vislumbrou a capacidade financista daqueles que foram para o país. E D. Diniz, sob um novo manto monástico os acolheu com olhos na frota e nas riquezas. E assim escalou igualmente, para outras ordens de cavaleiros, guildas e associações, todas indiretamente tinham um interesse oculto. E com maçons operativos não foi diferente, mesmo que alegam que o acolhimento se deu por benefícios econômicos e profissionais. Havia sim, interesse em outros fatores, mesmo que fossem a raspa do tacho, os contatos, os mercados abertos, o intercâmbio e a venda de proteção eram moedas de troca entre maçons operativos e ex-cavaleiros. Errado? Não, como hoje questão de sobrevivência para todos, pois numa sociedade onde reinava a desigualdade, dinheiro, posses e poder faziam a diferença, e o homem medieval nunca foi diferente do homem de outras épocas.

THE
CONSTITUTIONS
OF THE
FREE-MASONS.
CONTAINING THE
Hiſtory, Charges, Regulations, &c.
of that moſt Ancient and Right
Worſhipful *FRATERNITY.*
For the Uſe of the LODGES.

LONDON:
Printed by WILLIAM HUNTER, for JOHN SENEX at the *Globe*, and JOHN HOOKE at the *Flower-de-luce* over-againſt *St. Dunſtan's Church*, in *Fleet-ſtreet.*
In the Year of Maſonry —— 5723
Anno Domini —— —— 1723

268. a. 31

Figura 34 -- Imagem da Constituição de Anderson.

Ao ter em suas fileiras, ex-guerreiros do Templo, os maçons vislumbravam um leque de novas oportunidades econômicas e comerciais. Até porque, as portas abertas, garantem não só tesouros e acesso ao crédito, mas os contatos comerciais e suas rotas, o que viabilizou ingresso em novos

mercados. Na realidade todas as guildas e corporações desejavam isso, e ter nas mãos esse acesso garantia a continuidade e fortalecimento da guilda enquanto organização. Se resta alguma dúvida, creio que se encerra por aqui a relação dos Templários com Franco Maçons, em poucas palavras foi meramente comercial e profissional, uma troca de salvaguarda.

Mas afinal, quem eram os pedreiros livres e como chegaram a se tornar os Maçons atuais? Se exposto, a extinção templária não foi o embrião da nova Maçonaria, cabe então mergulhar na ordem em si, e entender os motivos que transmutaram pedreiros operacionais em pedreiros especulativos.

Como já visto a maçonaria primordial, se não pelo nome, tem muito pouco em comum com a maçonaria especulativa fruto da união das Lojas do "Ganso e a Grelha", da "A Coroa", da "A Macieira" e da "A Taça e a Uva" em 1717 d.C. na taverna do "Ganso e a Grelha". Essa junção, criou os fundamentos da atual maçonaria, por meio da Grande Loja Inglesa, mas até chegar a esse ponto um bom e longo caminho foi percorrido. E esse percurso inicia-se no outro lado do Canal da Mancha, nas Ilhas Britânicas. Para entender a nova maçonaria, é vital dar especial atenção a Inglaterra e a Escócia, por serem os países que concretizaram a transição entre operativos e especulativos. Se até então, os maçons operativos tinham, como essência, a alvenaria material, mesmo que transitando de tempos em tempos no misticismo, eram acima de tudo construtores físicos. A nova roupagem, veio por meio dos preceitos morais, esotéricos e filosóficos, que transformou construtores operacionais em construtores espirituais. E, também, foi a partir deste ponto que o caráter centralizador, de lojas físicas substituiu o nomadismo e a descentralização de maçons operativos.

É sabido que por muitos séculos, os maçons operativos, estavam vinculados aos canteiros de obras e a vida nômade das construções, até por

ser inerente ao seu ofício, que exigia essa flexibilidade e itinerância. Talvez de todas as guildas e corporações, fossem os mais "livres", apesar de necessitarem de maior circulação territorial, para exercerem seu ofício. O que de certa forma foi uma vantagem e uma desvantagem. A vantagem foi que a liberdade de vagar, sem estar atrelado a um burgo, ou senhor feudal propiciou uma interação com outros profissionais, muito maior do que outras profissões da época. A troca de experiências, e a itinerância proporcionou acesso a novos conceitos, tecnologias e métodos construtivos não só entre os europeus, mas também com árabes, bizantinos e judeus. Porém o nomadismo cobrou seu preço, a partir do ponto que a sociedade europeia se solidificou nas cidades e que começou a escassear as grandes obras. Além dessa mudança, a crise econômica pós cruzadas e a peste negra afetou de sobremaneira os maçons operativos. Porém, antes de adentrar nesse campo, cabe entender a origem e a extensão do termo maçom, apesar de restar poucas dúvidas. Etimologicamente o termo provém do francês medieval, maçom ou "maçom" e de forma abrangente designa um trabalhador da construção. No francês moderno, significa pedreiro, mas essa acepção no período medieval era usada para todo e qualquer trabalhador que trabalhava com pedra. E extensivamente a todo aquele que exercia seu ofício em construções de grande vulto, mesmo sendo um carpinteiro, um escultor ou um cortador de pedra. Como em outras guildas e corporações, a hierarquia obedecia 3 graus, aprendiz, companheiro e mestre, e a função do mestre estaria muito próxima de um arquiteto/ engenheiro dos tempos modernos. Porém, diferente do profissional atual o mestre maçom, não ficava restrito ao projeto e fiscalização da obra, igualmente como os outros membros do canteiro era um “braçal”. Se necessário fosse colocavam a mão na massa e participavam dos trabalhos braçais, para a concretização dos empreendimentos sem distinção em

relação a sua posição. Geralmente, ao longo do processo construtivo, residiam no próprio canteiro de obras, até o findar do mesmo. E para acomodarem-se, construíam barracões, em madeira (precários e insalubres) que chamavam de lojas, do germânico antigo "*laubja*", e que se tratava de um sinônimo de *hut* (cabana). Essas instalações eram usadas para descanso, refeições e reuniões no qual discutiam os problemas inerentes à obra. O que posteriormente, foi assimilado pelos especulativos para nomear e definir o local de suas reuniões. Essas terminologias, originárias da maçonaria operativa, foram herdadas e de certa forma "confiscadas" pelos atuais maçons, que metaforicamente passaram a usá-los alegoricamente em seus ritos e rituais. Não só o termo loja, mas o maço, o cinzel, o trabalhar a pedra bruta e o próprio símbolo maçônico remontam a maçonaria operacional, além do uso de aventais e muitas simbologias emprestadas para explicar os dogmas, lendas e misticismo atuais.

Entretanto, é vital mencionar que a "loja" era um nível adicional na organização dos canteiros. Em nenhuma outra corporação de ofício existia, os maçons eram os únicos a possuir. A razão dessa distinção em relação aos outros ofícios, era tecnicamente profissional, nos canteiros de obras além dos pedreiros, os maçons coexistiam com carpinteiros, produtores de barris, serralheiros e muitos outros ofícios. E alguns comunicados ou segredos exigiam exclusividade, e somente trabalhadores da pedra deveriam ter seu acesso franqueado. E por isso a loja se tornou o local das reuniões e onde os segredos profissionais eram transmitidos a quem de direito. Sendo, o acesso apenas para maçons (sinais, toques e palavras), tempos depois introduziram nessas reuniões guardiães, responsáveis por guarnecer a "*laubja*" de curiosos e intrusos. Esse hábito foi igualmente assimilado pelos especulativos, sob a forma de "guarda do templo". O sigilo era levado tão a sério nessas reuniões que nem registro era feito, era tudo transmitido via

oral. Apesar da carência documental, a fase de transição está situada em um período compreendido entre os séculos XVI e XVIII. E se até então, o aspecto profissional era preponderante foi a partir dos Estatutos de Schaw e com a Companhia Maçônica de Londres, que os maçons especulativos passaram a ganhar relevância no cotidiano das lojas, principalmente após o século XVIII. Porém, é bem perceptível já a partir do século XVII, até pela farta documentação comprobatória, o ingresso cada vez maior de membros leigos à profissão de pedreiro, os maçons “aceitos”. Esse período na história maçônica, é conhecido como Maçonaria de Aceitação e não foi um movimento homogêneo. Enquanto, na Escócia, documentos comprovam já a partir de 1600 d.C. a admissão de membros especulativos, em outras regiões da Europa o processo transcorreu mais tardiamente. Mas, é relevante ressaltar que é plausível ter havido admissões não registradas em fases anteriores. Pois, era costume, até os Estatutos de Schaw o hábito da oralidade, bem como, efetuar registros só no tangente a procedimentos exteriores a “loja”. Claro, cabe lembrar que houve bem antes dos “aceitos” a entrada nas confrarias, de templários, clérigos e membros de outras ordens monásticas, mas em suma eram pessoas envolvidas com construção.

Se por um lado conseguimos explicar, a entrada de membros que não tinha como profissão a lide com a "pedra", como explicar questões como toques, palavras e sinais? O sigilo, e outras ritualísticas como sinais, toques e palavras, sempre permearam as confrarias, guildas e associações de ofício. Costume herdado, pela fé presente em muitas das instituições e inegavelmente, pelo resguardo profissional. Ao estabelecerem mecanismos de reconhecimento mútuo, as guildas e principalmente os maçons, se precaviam da insegurança, dos intrusos e garantem proteção a si e aos integrantes por meio reconhecimento específico. Aliás, o uso de mecanismos de identificação foi essencial para o sucesso ou fracasso não só

das corporações, como das civilizações detentoras de segredos. Ao longo dos períodos históricos, os povos que detiveram o conhecimento, a tecnologia e o desenvolvimento de ferramentas bélicas, além da capacidade de executar construções robustas, subjugaram e dominaram civilizações mais fracas. E se para os grandes impérios, ter boas fortificações, armas e técnicas de combate lhes dava vantagem competitiva, as corporações de ofício igualmente usaram a mesma tática para sobreviver. Manter essas informações em segredo e protegida dos inimigos, tornou-se fator primordial de sobrevivência e uma das formas foi usar ritos, símbolos e técnicas que passassem despercebidas por quem não fazia parte do meio. E o uso de uma ritualística, com palavras, toques e sinais foi o método usado como arma contra intrusos, espiões e contra a perda do saber, do conhecimento. Ou seja, a sobrevivência em ambientes hostis e inseguros, só se mantinha pelo sigilo e guarda do *know-how.*

Mas, o sigilo também foi usado no campo social, principalmente para resguardar as profissões de uma vulgarização em relação a grande oferta de mão de obra. A prática profissional, do maçom, era revestida de um caráter nômade, itinerante e essa distinção em relação a outras guildas, exigia uma distinção maior entre seus componentes. E desta forma, mais por necessidade do que por segredos demoníacos, introduziram no seio dessas corporações algumas formas de reconhecimento mútuo. E o uso de apertos de mão, sinais na pedra talhada ou jogos de palavras instrumentalizaram para dentro dessas associações, a discrição essencial da continuidade existencial das guildas. Por outro lado, e principalmente na Idade Média, onde as obras eram frequentemente edificadas a Deus, o homem, o artesão e o pedreiro livre eram considerados apenas instrumentos divinos na grande obra. Esse aspecto, anula sua individualidade, um mestre construtor por mais genial que fosse ficava desprovido de reconhecimento pessoal e

profissional. A construção não era dele, era do “Divino” e ele era apenas um instrumento de Deus na execução. Majestosas catedrais, abadias e igrejas, na visão cristã, deveriam ser obras do Grande Arquiteto do Universo, e mesmo discretamente ao inserir símbolos (sinais) o maçom dava um "toque pessoal”, inserindo uma alma personalizada naquele trabalho. Há de se lembrar também que, antes da fé católica, imposta, muitos ainda secretamente comungavam suas crenças pagãs e tradições ancestrais. E nisso, a vaidade humana, bem como, a necessidade de não deixar morrer antigos ritos, valores espirituais e convicções corroborou igualmente para a simbologia presente em algumas obras.

Há de se levar em conta também, a propensão medieval para juramentos, símbolos e outros traços ritualísticos. Esses aspectos levam muitos estudiosos a crer, que os segredos fossem exclusivamente fruto de cunho profissional. Essa tese é corroborada, principalmente na inclinação das corporações de ofício em estabelecer normas rígidas de conduta, condições rigorosas de admissão e submissão aos seus dogmas, pelos membros em relação à instituição e a Igreja. Assim também era, com os Templários e outras ordens monásticas, e foi uma característica cultural e social que permeou a alta e média, Idade Média e que perdeu força com a evolução da sociedade, principalmente após o fracasso das Cruzadas. O ápice dessa decadência, se deu justamente com o início do Renascimento, movimento que impactou culturalmente, economicamente e politicamente a Europa, possibilitando a ascensão de uma nova classe, a Burguesia. Houve, é claro no meio desse caminho, outros fatores que contribuíram para a transformação social e que tiveram implicações na maçonaria operativa, como: Peste negra, decadência econômica, recessão e fortalecimento dos burgos (cidades).

E para subsistirem num período de poucas obras construtivas, onde o nomadismo profissional perdia sua essencialidade e no qual segredos profissionais arcaicos, eram suplantados por novas tecnologias e técnicas, mudar era preciso. As ordens monásticas se reinventaram, mais por necessidade de sobrevivência do que por vontade ou questões estruturais, pois do contrário poderiam terminar como os Templários. E inclusive outras foram criadas, para "socorrer" as que foram extintas (leia-se Templários), como a Ordem dos Cavaleiros de Cristo em Portugal, fundada por D. Diniz. Evidente, que essas mudanças poderiam devolver e dar força às organizações, ou não. Os herdeiros dos Templários, por exemplo, nunca mais tiveram a mesma aura, já os maçons ao contrário da Ordem do Templo se fortaleceram.

Os ventos viravam, e diferentemente dos templários, que por razões políticas e econômicas levou-os à extinção, os maçons corriam o risco de obliteração mais pela evolução dos tempos do que por outra razão. Se entre 1050 d.C. a 1300 d.C. centenas e até milhares de construções garantiram a sustentabilidade dos pedreiros, já não se podia falar o mesmo dos novos tempos. A consolidação das cidades, os avanços tecnológicos, a peste negra e a recessão igualmente impactaram na redução das grandes construções. Os operativos foram profundamente atingidos por este novo cenário, com uma demanda baixa de obras, sem aporte financeiro e sem uma estrutura organizacional que fosse capaz de fortalecê-los, o futuro estava em jogo. Aos Templários, ainda havia sobrado o poder econômico, que facilitou sua integração e o aceite em outras ordens, reinos e corporações de ofício. Mas, e os maçons? Eram trabalhadores itinerantes, a sua estrutura era totalmente descentralizada e só existia enquanto houvesse trabalho e obras nos canteiros. Ao começarem a aceitar leigos, estavam na realidade salvando seus interesses e garantindo a proteção e seguridade. Se, outrora, tiveram da

Igreja e das Ordens Monásticas, onde se incluíam os Templários, uma mão amiga, essa proteção já não era tão sólida para impedir a extinção. A crise na Europa e as Cruzadas, afetou as finanças da Igreja e as cidades já não demandam grandes construções como antes, já solidificadas economicamente os burgos por hora buscavam outras fontes de recursos. Sob este novo cenário, ao aceitarem "aceitos", provenientes da nobreza, da burguesia e próximos do poder, vislumbravam pessoas aptas quer por instrução, quer por poder econômico ou por força política, para serem os novos alicerces da confraria. Outorgaram, desta forma, a esses novos associados o direito de dar uma nova personalidade, uma personificação diferente da que possuíam até então. Porém, se por um lado perdiam a essência operacional, por outro, não mais dependeriam estar em constante nomadismo, em busca de obras e construções e da itinerância intrínseca da profissão. Essa nova classe de maçons, daria aos operativos algo que sempre foi e é importante, estabilidade e segurança. Mesmo que para isso, fosse necessário renunciar à identidade e até mesmo ao ofício original, resultando na transmutação do trabalho físico para o esotérico, e a grande obra passaria a ser a construção de catedrais espirituais.

Essa transformação exigiu não só o desenvolvimento e alteração dos conceitos, de físicos para espirituais, como também dos segredos. Ao se dar uma vestimenta esotérica, no que sempre foi físico, os maçons, transformam sua profissão em algo bem mais complexo, uma profissão espiritual, atrelada ao místico e ao esoterismo. Sem essa mudança conceitual, sem a mística envolvente e sem haver um ou mais "segredos", seria complicado desenvolver a curiosidade e o interesse dos leigos em relação a Maçonaria. Talvez, muitos maçons até torçam o nariz, quando lerem isso, mas o homem medieval assim como o atual é movido pelo misticismo, pela busca mágica de tesouros e riquezas, por uma

excentricidade própria em fazer parte de uma agremiação diferente. Nas Cruzadas, de tempos em tempos apareciam monges e padres que visionavam anjos e santos, para despertar a fé e o moral das tropas, eles incentivavam nos soldados e peregrinos desejosos de salvação, de acesso a tesouros e de expiação dos pecados. E para isso, usavam e abusavam de relíquias forjadas, visões inventadas e de uma retórica de fé, que fazia com que, mesmos esfomeados, cansados e sem recursos, os cruzados se lançava como "*kamikazes*"**[24]** contra os infiéis. Por acreditarem, que as chaves do paraíso ser-lhes-ia concedida se morressem matando os islamitas, o mesmo ocorria com os muçulmanos e sua "*jihad*"**[3]**. Dadas as diferenças, os pedreiros livres assim o fizeram com a nova vestimenta da Maçonaria. Demérito? Não, hoje talvez chamemos de marketing, mas foi sim mais uma solução para impedir o enfraquecimento e a extinção da guilda. A mística religiosa, sempre permeou e fez parte dos maçons operativos, o lado braçal e operacional foi o mais importante por séculos, e garantia do sustento. A inversão de polos, do operacional para o espiritual, salvaguardou a maçonaria da extinção.

Na realidade como visto, bem antes de 1717 d.C. já havia sido dado início à transformação do operacional para o espiritual. Os agentes da mudança como já dito foram a peste negra, a recessão, a solidificação dos grandes centros urbanos e a baixa demanda por novas abadias e catedrais. Com o rareamento de canteiros de obras, no século XIV e gradativo aumento populacional do século XV principalmente nas cidades, já não se via mais necessidade de obras grandiosas para fomentar o comércio e o desenvolvimento dos burgos. A partir de então, o nomadismo dos maçons operacionais se tornou um peso, por questões de subsistência, vagar sem rumo e sem perspectivas não garantiria comida na mesa. Se antes a vida itinerante era fruto do surgimento de canteiros de obras em toda a Europa, a

escassez destes fez com que os maçons precisassem assentar acampamento fixo, e as cidades eram onde se fomentavam os grandes negócios e onde a força política foi alocada. E diferente de outras corporações como os ferreiros, sapateiros e mesmo os carpinteiros que tinham mais demanda nos burgos do que na vida itinerante, seria necessário adaptar-se a uma nova realidade. Sem obras, com uma Europa em recessão, e fadados ao aniquilamento, os maçons obviamente teriam que mudar. A mudança veio, por meio da transmutação do seu trabalho, que passou a construir em vez de catedrais físicas, catedrais espirituais. E a entrada e aceitação de leigos, foi o ponto de inflexão da curva.

A Maçonaria dos Aceitos.

E para findar esse relato histórico, não poderia deixar de falar (escrever), mesmo que brevemente, sobre a Maçonaria dos Aceitos, que nessa obra literária terá como referencial histórico e final os Estatutos de Schaw e as primeiras iniciações. Se a maçonaria operativa se desenvolveu e ganhou força na Europa Continental, foi na Grã-Bretanha, que a maçonaria especulativa fez o seu "*up-grade*". Apesar de nos basearmos em relatos históricos e fontes escritas, raros são os documentos relativos ao período compreendido entre os séculos XIV e XVII, o que é claro não impede suposições. Há também de se distinguir esses novos maçons aceitos, dos templários ou religiosos que vieram a se unir nas corporações de maçons operativos, e a principal e mais relevante diferença entre eles, é e foi que tanto monges, clérigos e cavaleiros do templo, eram também mestres construtores e ao mesmo tempo pedreiros vinculados à vida monasterial e suas instituições. Já os "aceitos" nada ou quase nada conheciam do ofício de pedreiro, sendo em sua maioria lordes, fidalgos, burgueses esclarecidos e demais pessoas que de alguma forma pudessem agregar para a nova estrutura organizacional dos maçons.

Muitos historiadores, presumem que apesar dos primeiros registros oficiais de maçons aceitos, datam do final do século XVI, já no século anterior havia, principalmente na Escócia, filiações de leigos à corporação dos maçons. Assim como a Ordem dos Templários iniciou sua decadência bem antes da aniquilação final por Filipe IV. Com os maçons, ocorreu o mesmo de forma oposta, o aceite de leigos iniciou-se bem antes e foi a ferramenta encontrada pelos operativos para fortalecer e dar fôlego à Maçonaria. Um dos primeiros relatos oficiais que se referem a maçonaria

moderna foi em 1598 d.C. quando o Mestre dos Trabalhos do Rei (*King Maister o'Wark*) sir William Schaw escreveu o que conhecemos por 1° Estatuto de Schaw e já em 1599 d.C. emitiu um novo documento nomeado como 2° Estatuto. Esses pergaminhos eram instruções destinadas às lojas, escocesas, e que formalizaram uma organização já existente na prática, mas não no papel. Pelo seu caráter histórico os documentos de Schaw, são denominados como "Pai da Maçonaria Moderna". Na visão do sir William Schaw, e por ele ser o encarregado de um conjunto de lojas espalhadas pela

Figura 35 - - Sir William Schaw.

Escócia, a informalidade e a desorganização destas eram impeditivos para o fortalecimento da instituição Maçonaria. Os estatutos não só permitiram manter atualizados e

controlados os registros, como também permitiam dar uma nova dinâmica para os maçons locais. Schaw ao criar um sistema nacional de lojas, vislumbrou dois aspectos, um em seu benefício, o primeiro pelo ponto de vista da eficiência administrativa e o segundo ponto foi a transição de lojas operacionais em lojas esotéricas. O legado de Schaw, que veio a falecer em 1602 d.C., foi um conjunto de normas e uma organização centralizada que até hoje é usado.

A mais importante das consequências dos Estatutos de Schaw, foi permitir que as lojas obtivessem como instituições um caráter fixo, não necessitando mais de estar onde estavam os canteiros de obras. Como já exposto, a crise econômica levou a um rareamento de grandes construções e com isso a de "canteiros de obras", sem canteiro não se justificava a existência de Lojas. Além do que, a Loja operacional não era o local mais convidativo para os maçons aceitos, até pelas suas características físicas e itinerantes. Com o passar dos anos, muitas confrarias de maçons, já se reuniam esporadicamente em burgos, mais propriamente em tavernas, para deliberar e ocasionalmente iniciarem candidatos. E foi via instruções de Schaw, que se impôs o hábito de reuniões em locais fixos e rotineiramente em dias específicos. Outra mudança, na vida dos operativos, foi a exigência de passarem a manter registros escritos, em detrimento da oralidade. Talvez, esse último fato foi circunstancial e de suma importância para os historiadores, que passaram a partir de então acessar registros e poder mensurar historicamente alguns marcos sobre a Maçonaria. Antes desses documentos, o que se tem são suposições sobre a iniciação de aceitos, e desta forma é impossível afirmar com 100% de certeza se houve ou não iniciações. O alento é que, mesmo sendo teoria e difícil de provar, como num quebra-cabeças, por meio de relatos posteriores, pode-se mesmo com o lapso temporal presumir que já havia o aceite e o hábito de se admitir leigos

na confraria dos maçons. Sir William Schaw, tudo leva a crer foi o primeiro maçom aceito a ser iniciado numa loja já estatutária.

E após essa regularização formal, com uma identidade própria e com a regularidade de reuniões, houve é claro um despertar da sociedade em relação aos maçons. Muitos dizem ter sido Elias Ashmole (1617-1692 d.C) o primeiro maçom especulativo, mas os registros históricos relatam ser além do próprio William Schaw, outros nobres como Lorde Alexander e seu irmão Anthony Alexander (Mestre dos Trabalhos do Rei) os primeiros iniciados. Além destes, Alexandre Strachan de Thornton, foi admitido no dia 03 de julho de 1634 d.C. na loja de Edimburgo, isso 12 anos antes de Elias Ashmole.

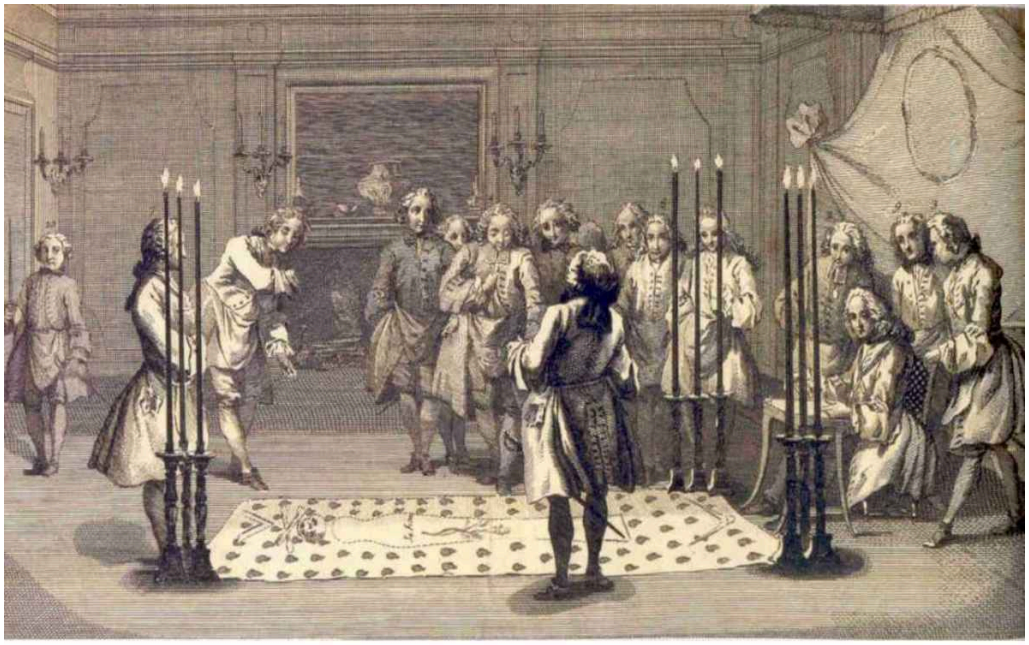


Figura 36 -- Ilustração de uma reunião maçônica de "Aceitos".

A partir de então, um caminho sem volta iniciou-se, e com a iniciação de outros não operativos, os maçons aceitos já não era mais raridade em lojas maçônicas. A exclusividade dos operativos, ficou num passado braçal e cada vez mais a maçonaria assentava em suas estruturas tijolos espirituais em detrimento dos tijolos físicos. Após a primeira admissão, em 1635 d.C Archibald Stewart de Hesselsy e David Ramsay (servo especial do Rei Charles I) logo se tornaram maçons e posteriormente em 1637 d.C Alexander Alerdis juntou-se à loja.

Se a iniciação de maçons aceitos foi de grande importância para a sobrevivência dos operativos, talvez um dos principais marcos desta evolução foi em 1641 d.C. com a admissão de Sir Robert Moray. Por ser o primeiro maçom especulativo iniciado em solo inglês, Moray, um militar, que ao longo do cerco de Newcastle, na Guerra dos Bispos[25], contratou membros da Loja de Edimburgo para construírem pontes e fortificações, obteve seu nome na história da Maçonaria. E nesse estreito contato, foi convidado e admitido na Loja de Edimburgo. Consta que Moray e um outro

militar de nome Alexander Hamilton foram os primeiros ingleses iniciados em loja fixa, essa iniciação permitiu um novo horizonte na maçonaria especulativa, ao cruzar as fronteiras da Escócia e ir para terras inglesas, os especulativos davam seus primeiros passos para ganhar o mundo. O fato foi relevante, justamente por ter sido registrado, dando oficialidade à primeira iniciação em loja fixa fora da Escócia. Como dito, haviam lojas ocasionais (itinerantes) que admitiam leigos em suas fileiras, mesmo não havendo relatos comprobatórios. Porém, não se pode atestar e pressupor que essas lojas inglesas nômades, trabalhavam da mesma forma, nos mesmos ritos e na mesma estrutura organizacional dos escoceses. Até porque, como sabemos, não registravam seus atos e não guardavam registros escritos do que lá se passava, o que contrastava com as Lojas de Schaw.

Anterior a esses registros oficiais, a maçonaria operativa e sua transformação gradativa em especulativa, carece de fontes sólidas de informações. Há, contudo, 04 outros documentos antigos que vale a pena citar e falar um pouco, e que ajudam a entender um pouco a Confraria dos Maçons. O primeiro, é conhecido como “Carta de Bolonha” e data de 1248 d.C. e seu título original é "*Statuta et Ordinamenta Societatis Magistrorum Tapia et Lignamiis"* redigido originalmente em Latim, por um escrivão público, e a pedido do Prefeito de Bolonha, Bonifácio de Cario. O seu conteúdo, expõe uma maçonaria operativa italiana antiga e hierarquizada, o que leva a crer ser herdeira de antigas corporações romanas de construtores. Em si, por ser um relato local, não caracteriza que sua organização fosse similar a outras confrarias maçônicas da Europa, pois os pedreiros livres eram heterogêneos, descentralizados e itinerantes, o que contribui muito para disparidades evolutivas entre os maçons. Num simples comparativo, podemos imaginar a própria humanidade e suas civilizações, umas extremamente avançadas e outras quase que pré-históricas. Ainda em

relação a carta, ela possuía anexos, e entre eles, havia uma “lista de matrículas" de 1272 d.C. com o nome de 371 Mestres Maçons (*Maestri Muratori*) e é relevante mensurar que nessa lista, entre esses associados 02 eram escrivães públicos, 02 eram freis e 06 eram nobres. É temerário afirmar que eram "aceitos", pois era comum nessa época acumular a função de pedreiro livre, com a vida monástica e secular. Um nobre, em tese poderia ser Templário e ao longo sua vida monástica aprender o ofício de pedreiro. Ou um pedreiro, conseguir posteriormente tornar-se monge ou escrivão.

Além da Carta de Bolonha, houve outros documentos como o Poema Regius (1390 d.C.), o Manuscrito de Cooke (1430 d.C.) e o Manuscrito de Estrasburgo (1459 d.C.). Em relação a essas três escrituras, é interessante mesmo que sucintamente falar um pouco. O Poema Regius ou Manuscrito de Halliwell, é um pergaminho que foi escrito em inglês arcaico composto por 64 páginas e 794 versos, e é de autor desconhecido. Contudo, supõe-se que tenha sido copiado de outro documento mais antigo, ele descreve lendas, relatos bíblicos, descrições de normas e ofícios. Em suma, esses textos nos relatam normas, regulamentos e estatutos dos francos maçons e de sua corporação de ofício. Consta ser baseado nas normativas do Rei Athelstan (924-939 d.C.) que conforme o pergaminho, estimulou a criação dessas associações e normas, bem como, através delas a orientação para que os maçons estudassem e definissem as leis, regras e preços de ofício. Em forma de prosa e verso, o Poemas Regius, relata além das regras, o início do ofício dos construtores por Euclides de Alexandria, e sua ligação com a nobreza do antigo Egito. A partir deste ponto o relato reconta a divulgação do ofício em terras diversas até chegar ao rei Inglês.

Já o Manuscrito Cooke, provavelmente pelo seu teor, é embasado nas mesmas raízes históricas e fontes que originaram o Poema Regius. Há nele

algumas repetições, e tendo como única distinção em relação ao Regius, haver material novo, porém, repetido de outras constituições. Dá para se dizer que é uma cópia de vários manuscritos. E por fim o Manuscrito de Estrasburgo, é, sem dúvida, oriundo de costumes e leis de ofício já em prática pelos maçons operativos. Nesse documento, trata-se de questões como a obrigação moral entre irmãos, a integridade estrita e a moralidade, além de, regras e normativas relacionadas ao ofício de maçom. O manuscrito, era lido anualmente nas lojas em caráter sigiloso e baseava-se em regras beneditinas. Diferente dos anteriores, que eram prosas, esses eram regulamentos, que normatizam as relações profissionais e sociais de seus membros. Apesar da existência de documentos como esses, o conteúdo era meramente operativo e alegórico, e mesmo com raras citações de membros não maçons, não se pode concluir que a maçonaria a partir deles já fosse especulativa. A grande barreira até o Estatuto de Schaw, foi e é a ausência de fontes concretas que consigam comprovar que em períodos anteriores ao século XIV já haviam nas corporações membros "estranhos" ao ofício. Porém, nos dão um panorama da evolução dessas sociedades e do gradativo poder e reconhecimento que conquistaram junto a reis e nobres. A Maçonaria Moderna que veio a surgir em 1717 d.C., só foi possível pelo protagonismo das lojas escocesas que, mais de 100 anos antes, regularizaram e deram forma à Maçonaria Moderna. Mesmo, existindo já na Inglaterra, lojas que já aceitavam especulativos, estas careciam um uma estrutura centralizada e ainda trabalhavam sob o manto operativo. Sem os Estatutos de Schaw, e suas posteriores alterações a Maçonaria dita moderna, talvez nem chegasse aos nossos dias, pois além de ser um marco delimitador, foi por ele que uma maçonaria descentralizada, focada no ofício de pedreiro e mesmo que já admitindo leigos, transformou-se numa sociedade organizada, regulamentada e com lugar fixo para as reuniões.

Sem isso, não seria possível fomentar a transmutação do ofício braçal para o espiritual, e como as demais corporações

e guildas o enfraquecimento e a perda de importância seria o futuro. Mas se os operativos tinham como objetivo salvaguardar seus interesses e sua Corporação, o que despertou o desejo dos nobres e poderosos da época em relação a Maçonaria? A resposta em si, é complexa e até talvez seja embasada em suposições, pois como visto o processo evolutivo da corporação dos maçons em uma instituição de aceitos foi lento e gradativo. O fato é que os especulativos, poderiam ter escolhido outras confrarias, ou mesmo ter fundado uma nova Ordem Monástica ou Militar, como ocorreu séculos antes com Hospitalários e Templários, para um novo empoderamento. Entretanto, os tempos já eram outros, a evolução social e uma nova classe dominante, a da burguesia, já se sedimentava e mostrava sua força na sociedade.

Além disso, iniciava-se uma mudança em relação a geração de riqueza com as grandes navegações, com a fundação de companhias marítimas e com a maneira de produzir. Que evoluiu do artesanato para um processo embrionário de manufatura industrial. Se a maçonaria operativa foi brutalmente impactada por essas transformações, o mesmo ocorreu com a nobreza. A Igreja, o absolutismo dos reis e dos nobres perdia força e sofria contestações, principalmente após o século XVIII, mas sabemos que nada nasce de um dia para o outro. É certo que os especulativos ao adentrarem nos "canteiros de obras" alterando regras, tradições e paradigmas milenares, não o fizeram por altruísmo. Se, Sir William Schaw tinha um objetivo preliminar em seus Estatutos, o mesmo não se pode falar o mesmo dos demais "aceitos" que viram na corporação dos maçons meio caminho andado e a entidade ideal para restabelecer seu poder. O ambiente das construções físicas, de colocar a "mão na massa" nunca foi o desejo dos burgueses e nobres, como o era para os pedreiros da prática, até porque as classes dominantes nunca viram com bons olhos o trabalho braçal. Tanto é,

que ao longo da ascensão e evolução dos maçons, houveram significativas distinções entre os Maçons da Prática (Antigos) e os Maçons da Teoria (Modernos), e assim os títulos e a posição social imperou e prevaleceu, sepultando as antigas práticas e o velho ofício.

Contudo, se a nova roupagem deu um novo fôlego para a Maçonaria ainda resta saber o real motivo que levou nobres e burgueses a nutrir interesse nessa organização. Na realidade os "Mestres Construtores" sempre foram bem vistos, na sociedade medieval, tanto pela Igreja como pela própria nobreza. As construções sempre tiveram um "status" de poder e magnitude, e por isso aqueles que dominavam a arte construtiva obtinham benesses dos papas e monarcas, tais como proteção, direito de ir e vir e outras prerrogativas que grande parcela da população não possuía. Além das significativas distinções como já abordado, em relação as outras corporações de ofício e guildas, os maçons e seus costumes provenientes de "old charges" eram o pano de fundo perfeito para formulação e propagação de novas ideias, pensamentos, políticas, costumes e desejos de mudança. E ao adequarem os ritos, alegorias, toques, palavras e sinais do ofício físico, para o simbolismo metafísico, poderia sem sombra de dúvidas proteger de forma segura e conveniente seus membros, "maçons aceitos" de perseguições que outrora ocorreram em outras instituições. A maçonaria por meio dessa nova classe passaria a ser farol de conhecimento e do iluminismo políticos e racional, livre das interferências e amarras religiosas, políticas, culturais e sociais, que permeavam a sociedade da época. E a brecha se deu a partir principalmente da organização administrativa dos Estatutos de Schaw, que permitiu a criação de um "staff" administrativo nos canteiros de obras, vinculando os pedreiros operativos a uma nova estrutura. E o tempo permitiu a concretização, remodelação e evolução da maçonaria e dos maçons de ofício em maçons de teoria, principalmente no

transcorrer dos séculos XVII e XVIII por meio de várias regulamentações e constituições que permitiram as Lojas e Orientes o atual formato e assim praticamente encerrando a

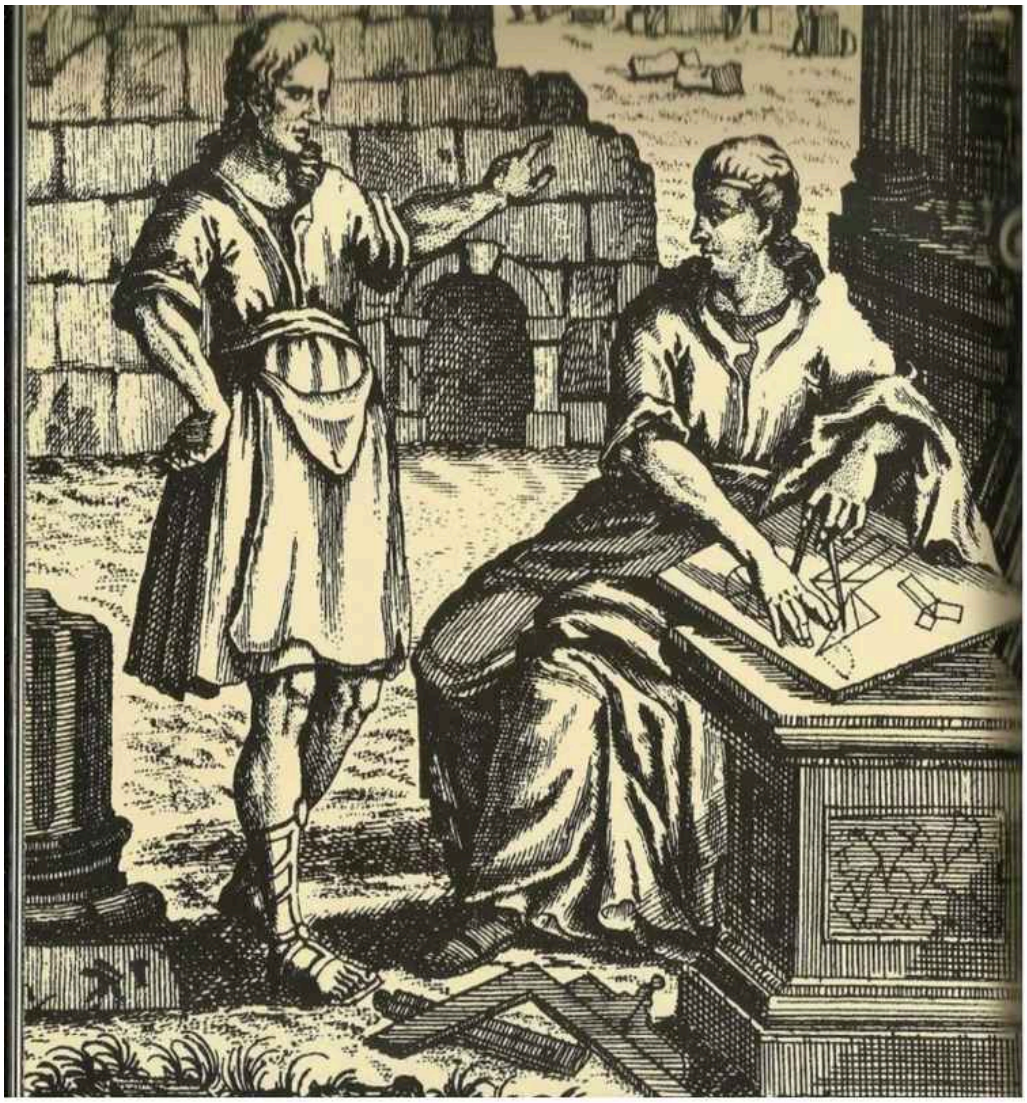


Figura 37 -- Maçons Operativos séc. XVII.

maçonaria operativa.

Ponderações Finais.

Não há como negar que as Cruzadas, os Templários e Maçonaria sempre mexeram com o imaginário popular. Muitas lendas, histórias e superstições foram originadas em torno dos Cruzados, Templários e Maçons. Porém, a falta de documentos comprobatórios, sempre permitiu evocações de lendas mágicas, somadas a poderes esotéricos, bem como as mais diversas origens e mitos para seus membros e instituições. Mas se há algo que é incontestável, é que, os Templários não foram os responsáveis pela Maçonaria Moderna e a atual origem dos maçons especulativos, em nada remonta aos tempos imemoriais, são apenas elucubrações.

Porém como notamos, o que houve foi uma coexistência, entre Maçons e Templários e no qual o evento das Cruzadas foi um dos elos. Se os maçons, como operativos, já existiam desde os tempos antigos na essência do termo, a Ordem do Templo só surgiu por fruto do êxito da 1° Cruzada. Se em algum momento daquele período, os cristãos tivessem sido aniquilados, ou derrotados como na Cruzada dos Pobres, não haveria ordem do Templo. Entretanto, mesmo já existindo a Maçonaria (pedreiros livres), nada mais era do que uma corporação de ofício, que evoluiu no conhecimento das técnicas de construção de pedreiros adquiridas via oral ao longo de civilizações remotas. E que, com a estrutura hierárquica que herdaram da Grécia e de Roma, passaram a ter um “status” de confraria e associação, mais complexo e sofisticado, com direitos, deveres e obrigações. Contudo, assim como os Templários, os operativos obtiveram seu resgate histórico graças às Cruzadas, pois esses construtores antigos com as invasões bárbaras, sofreram o mesmo revés da sociedade medieval,

da alta Idade Média, ou seja acabaram se dispersando diante da ruína do Império Romano.

O movimento das Cruzadas, possibilitou que o Europeu Ocidental após a queda de Roma, e que, como sociedade sofreu retrocessos sociais, fruto de séculos de guerras e disputas territoriais, pudesse aceder a novas tecnologias e conceitos. E evoluir, também, ao longo dos vários períodos da Idade Média, para uma sociedade heterogênea e apta a assimilar novas técnicas, inclusive iniciar o processo de desenvolvimentistas, como ocorreu no Renascimento. Os Bizantinos e os Árabes, eram na época superiores em conhecimento, evolução tecnológica e desenvolvimento social, quando comparados aos bárbaros do norte. Pois mesmo com a derrocada de Roma, herdaram e mantiveram sob seus cuidados muitos legados do império latino. Os construtores do Oriente, inegavelmente estavam a anos-luz dos do Ocidente e isso se tornou perceptível após as interações entre Templários e Maçons com a sabedoria oriental. Historiadores da época, em muito transmitiram oralmente ou por meio de prosas e versos como o Poema Regius e Manuscrito Cooke a viagem do saber entre o Oriente e o Ocidente. O catalisador destes eventos e transformação, foi sem dúvida Roma (Pontificado). Se num primeiro momento a fé foi o combustível da Igreja para fomentar tudo isso, a Cúria Romana, mais do que ninguém soube explorá-la para evitar que a ganância dos nobres e o poder militar dos muçulmanos fossem riscos para seu poderio e expansão. E se havia um lado defensivo da Igreja, para com foco nos seus interesses, foi ela que proporcionou indiretamente a evolução Ocidental. A partir deste ponto, novas rotas comerciais foram criadas e a Europa iniciou um novo processo de reurbanização dos burgos e o contato com os “infiéis” para o mal ou para o bem, fomentou um novo florescimento europeu. Novas técnicas,

conceitos e conhecimentos foram assimilados e incorporados ao cotidiano dos povos europeus.

Aliás a Igreja mais do que as Cruzadas foi o principal elo entre todos. Sem o apoio da Cúria e sua proteção a corporação de ofício dos pedreiros, não teriam as prerrogativas que foram tão essenciais para sobreviverem ao longo de séculos. E por meio dos interesses escusos de muitos Papas, as Cruzadas não prosperaram e igualmente sem as bênçãos papais, os Templários e outras Ordens Monásticas nem existiriam. A mão de Roma, sempre propiciou uma política nefasta e angelical, tinham igualmente o poder de elevar um reino, um rei e uma instituição ao topo, como ao mesmo tempo, de destruir e colocar em desgraça governantes e países. E numa sociedade onde do nobre ao servo, o pecado sem expiação e a excomunhão eram o que de pior poderia acontecer, o poder temporal da Igreja se fazia por perdões, expiações e indulgências. E o uso dessas ferramentas pelos padres, bispos, cardeais e papas, sempre visou sob uma política do medo com o intuito de conseguir o que desejavam. Cruzados, Templários e os Maçons sentiram em diferentes tempos os afagos de Roma e sua mão pesada, e por mais que houvesse a ganância, as traições e uma fé duvidosa, o fiel da balança sempre foi o pontificado, que até os tempos atuais é forte e dogmático. Sem o apoio Papal, nada tinha se concretizado e nem ganho os contornos atuais, a Igreja Católica Romana foi sem sombra de dúvidas, a força motriz da nova civilização Ocidental pós Império Romano. A igreja, foi antes de mais nada, uma repaginação da própria Roma Antiga, que ao reconhecer o cristianismo como religião de Estado, lhe deu estrutura organizacional e por meio dela alçou a fé cristã na religião oficial de Roma e da Europa Medieval.

A sociedade moderna e contemporânea, é fruto e ainda tem muito da herança destes tempos. Muitas brigas históricas e ressentimentos,

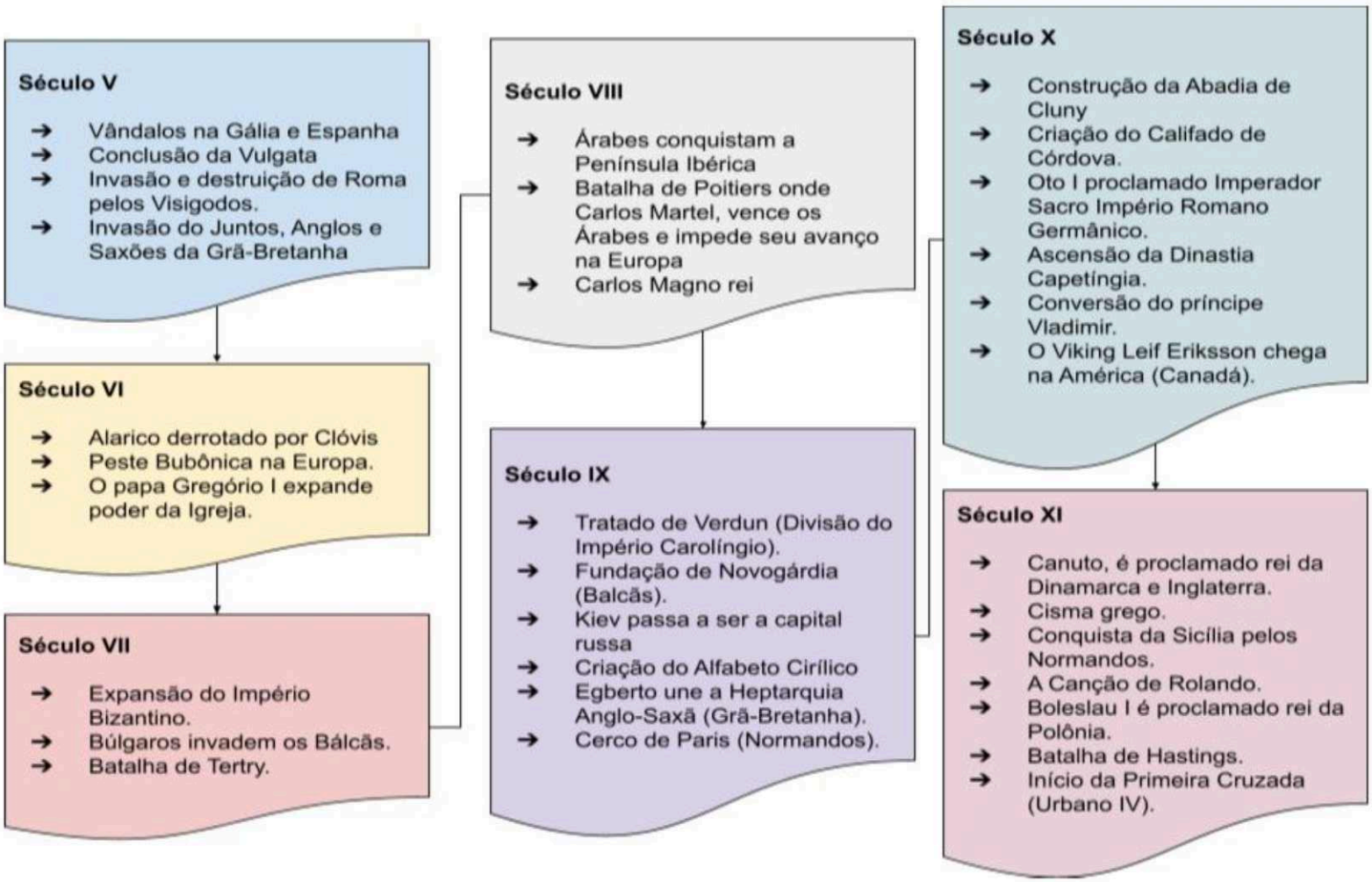
originaram-se das matanças, genocídios e perseguições que tanto cristãos, como muçulmanos e bizantinos praticaram. Nunca houve santos nas cruzadas e em todos os lados os interesses sempre foram colocados à frente do coletivo. Os nobres, sultões e papas, faziam alianças ou para fortalecerem-se ou para enfraquecer rivais, e nesse ponto valia tudo. Muitas situações, por mais absurdas que fossem, refletiam antes de tudo a busca por poder, a ganância e a perpetuação no trono. Se fossemos tratar desses fatores, com certeza um outro livro poderia ser escrito !

Escrever sobre Cruzadas, Templários e Maçons, não é uma tarefa fácil. A falta de base documental, muitas vezes te leva a criar suposições e teorias, com base em vários fragmentos históricos. Nada mais é que um quebra cabeças, onde cada pequena peça, relato é um fato e na junção destes transporta-se para um todo ainda maior. A isenção em relação aos acontecimentos, também é importante, pois permite levar o leitor a imaginar os cenários e os bastidores que muitas vezes poucos livros de história o fazem. Mas, apesar de todas as nuances envolvidas, ao traçar um panorama sobre o período, buscou-se a racionalidade, sem paixões ou misticismos, mais do que relatar a História, procurou-se desenvolver um senso crítico do acontecimentos e também, tentar minimamente transmitir as entrelinhas de cada fase.

FIM

APÊNDICES

Cronologia Histórica


Século V
Vândalos na Gália e Espanha
Conclusão da Vulgata
Invasão e destruição de Roma pelos Visigodos.
Invasão do Juntos, Anglos e Saxões da Grã-Bretanha
Século VI
Alarico derrotado por Clóvis
Peste Bubônica na Europa.
O papa Gregório I expande poder da Igreja.
Século VII
Expansão do Império Bizantino.
Búlgaros invadem os Bálcãs.
Batalha de Tertry.
Século VIII
Árabes conquistam a Península Ibérica
Batalha de Poitiers onde Carlos Martel, vence os Árabes e impede seu avanço na Europa
Carlos Magno rei
Século IX
Tratado de Verdun (Divisão do Império Carolíngio).
Fundação de Novogárdia (Balcãs).
Kiev passa a ser a capital russa
Criação do Alfabeto Cirílico
Egberto une a Heptarquia Anglo-Saxã (Grã-Bretanha).
Cerco de Paris (Normandos).
Século X
Construção da Abadia de Cluny
Criação do Califado de Córdova.
Oto I proclamado Imperador Sacro Império Romano Germânico.
Ascensão da Dinastia Capetíngia.
Conversão do príncipe Vladimir.
O Viking Leif Eriksson chega na América (Canadá).
Século XI
Canuto, é proclamado rei da Dinamarca e Inglaterra.
Cisma grego.
Conquista da Sicília pelos Normandos.
A Canção de Rolando.
Boleslau I é proclamado rei da Polônia.
Batalha de Hastings.
Início da Primeira Cruzada (Urbano IV).

Europa	**Albânia** Dirráquio (Durres / Durazo); **Alemanha** Espira (Speyer), Mongúcia (Mainz), Ratisbona, Worms (Vórmia); **Bélgica** Região Flandres; ***Croácia*** Zara (Zadar); **Escócia** - Edimburgo; **França** - **Cidades** Ardechè, Clermont (Clermont-Ferrand), Chantillon, Toulose, Avignon, Rouen, Montigny les Monts, Metz, Troyes, Forez, Viviers, Molesmes, Tonerre, Auxerre, Anjou, Poitou, Clairvaux, Vezeley, Citeaux, La Rochelle, Perpignon, Vallencianes, Pontigny, Reims, Sens, Troisfontaines, Maine, Beauvissais, Brie-Comte-Robert, Villard Honecort, Carpentras; **Regiões** Picardia, Champagne, Provença, Languedoc, Delfinado, Normandia, Bretanha, Borgonha, Alsácia, Ile de France, Lorena, Aquitânia; **Inglaterra** - Newcastle; **Itália**- Amalfi, Anagni, Bari, Brindisi, Bolonha, Génova, Mondovi, Nápoles, Perúgia, Roma, Terracina, Veneza; **Turquia** - Constantinopla (Istambul);

Ásia e Oriente Médio	**Israel** Acre, Ascalão (Ascalona), Belém, Cesáreia Marítima, Jafa (Tel Aviv), Jerusalém, Ramla (Ramlah), Arçufe (Tel Arçuf / Arsuf / Arzufe), Tecoa (Tuqu). Nazaré; **Iraque** Mossul (Moçul); **Líbano** Arqa, Sídon (Sidom), Beirute, Tiro; **Síria** Alepo, Damasco, Maarat Anumane (Almaara); **Turquia** **Cidades** Antioquia, Castamonu (Kastamonu), Cesáreia Mazaca, Cônia (Icônia), Odessa (Urfa), Éfeso, Hericléia Cibistina (Eregli), Gangra (Çankiri), Marache (Mahramanmaras), Mersivan (Merzifon), Nicéia (Iznik), Sozópolis (Souzou), Turbessel. **Regiões** Antióquia, Frígia;
África	**Egito -** Almaçora, (Mançura), Cairo, Damieta; **Senegal** Dakar (Dacar); **Tunísia** Túnis, Cartago;
América	**México** Yucatán;

Mapas

Mapa da Europa e Oriente Médio - 800 d.C

Mapa da Europa e Oriente Médio - 900 d.C

Mapa da Europa e Oriente Médio - 1000 d.C

Mapa da Europa e Oriente Médio - 1100 d.C

Mapa da Europa e Oriente Médio - 1200 d.C

Mapa da Europa e Oriente Médio - 1300 d.C

Personagens

Cruzadas	*Papas*	*Imperadores e Generais Bizantinos*	*Sultões e Generais*	*Reis e Nobres*	*Cardeais, Bispos e Monges*	*Templários*
I Cruzada	**Urbano II** (Otto de Châtilon) 1042-1099 França **Pascoal II** (Raniéro) 1055-1118 Itália / Bleda	**Aleixo I Comneno** Imperador Dinastia Comneno 1056 - 1118 **Tatizius / Tatício** General Bizantino 1048 - 1110	**Alp Arslan / Alparslano** Sultão Império Seljúcida 1029 - 1072 **Cerboga / Querboga** Atabeque / Governador de Mossul ???? - 1102 **Duqaq / Abu Nácer XameceAlmuluque Ducaque** Emir Seljúcida de Damasco ???? - 1104 **Ifthkar ad-Dawla** Governador Fatímida de Jerusalém ???? - ???? **QuilijeArslan I / Clitziastlã** Sultão de Run 1079 – 1107 **Yaghi Siyan** Emir de Antióquia ???? - 1098	**Arnulfo Malecorne de Rohes /Arnulfo Chocques** 1° Patriarca Latino de Jerusalém ???? - 1118 **Balduíno de Hainaut** Conde de Hainaut e Vallencianes 1056 – 1098 **Boemundo I, da Antióquia / Boemundo de Taranto / Boemundo deAltavila** Príncipe de Taranto 1058 – 1111 **Colomano** Rei da Hungria 1070 - 1116 **Estevão de Blois / Estevão II** Conde de Blois e Chartres 1045 – 1102 **Eustáquio III de Bolonha** Conde de Bolonha 1060 – 1125 **Gauthier SansAvoir / Gualtério Sem-Haveres** Cavaleiro Franco / Senhor de Poissy ???? - 1098 **Godofredo de Bouillon / Bulhões / Bolhões**. Duque da Baixa	**Pedro o Eremita** Monge Cruzado 1053 - 1115 **Ademar de Monteil** Bispo de Le Puy ???? - 1098	

Cruzadas	Papas	Imperadores e Generais Bizantinos	Sultões e Generais	Reis e Nobres	Cardeais, Bispos e Monges	Templários
				Lorena, Senhor de Bulhão, 1° Rei de Jerusalém 1058 – 1100 **Guilherme de Embriaco** Mercador e Mercenário da República de Génova 1040 - ???? **Hugo I de Vermandois** Conde de Vermandois 1057 – 1101 **Raimundo IV de Toulose / Raimundo de Saint-Gilles** Conde de Toulouse, Duque de Narbona, Marquês da Provença e Conde de Trípoli. 1045 - 1105 **Roberto II da Normandia / Roberto Curthose** Duque da Normandia 1050 - 1134 **Roberto II , de Flandres / Roberto de Jerusalém / Roberto o Cruzado** Conde de Flandres 1065 – 1111 **Tancredo deAltavilla / Hauteville /**		

Cruzadas	Papas	Imperadores e Generais Bizantinos	Sultões e Generais	Reis e Nobres	Cardeais, Bispos e Monges	Templários
				Tancredo da Galiléia Príncipe da Galileia e regente do Principado da Antióquia e do Condado de Edessa. 1072 – 1112		
Pós I Cruzada	**Inocêncio II** (Lamberto Scannabecchi) 1060-1130 Itália / Fagnano		**ImadadimAtabegue Zengui** Atabeque da Dinastia Zênguidas 1087 - 1146	**Estevão I , da Borgonha** Conde da Borgonha 1065 - 1102 **Henrique IV da Germânia** Imperador Romano-Germânico, Rei da Itália, Rei dos Romanos. 1050 -1106 **Joscelino II de Edessa** Último governante do Condado de Edessa ???? - 1159	**Bernardo de Claraval / Clareval / Clairvaux** Abade de Clairvaux 1053 - 1090 **Estevão de Harding** Santo Católico, Prior e Abade de Cister 1060 - ????	***Fundadores*** **Hugo de Payens** 1074 - 1136 **André de Montbard** 1103 - 1156 **Godofredo de Saint Omer** ???? - ???? **Payen de Montdidier** ???? - 1130 **Archambaudo de SaintAgnan** ???? - ???? **Godofredo de Bison** ???? - ???? **Hugo Rigaud** ???? - ???? **Roland de Provende** ???? - ???? **Hugo de Champagne** 1074 - 1125 ***Pós Fundação*** **Robert de Craon** ???? - 1147
II Cruzada	**Eugênio III** (Pier Bernardo Pignatelli) 1085 - 1153 Itália / Pisa	**Manuel I Comneno** Imperador Dinastia Comneno 1118 - 1180	**Noradine** Governador de Alepo Dinastia Zênguidas 1118 - 1174	**Balduíno III** Rei de Jerusalém 1130 - 1162 **Conrado III** Imperador do Sacro Império Romano-Germânico 1093 - 1152 **Luís VII** Rei dos Francos 1120-1180		

Cruzadas	Papas	Imperadores e Generais Bizantinos	Sultões e Generais	Reis e Nobres	Cardeais, Bispos e Monges	Templários
III Cruzada	**Gregório VIII** (Alberto di Morra) 1108-1187 Itália / Benevento		**Saladino / Nácer Saladim** Sultão do Egito e da Síria Dinastia Aiubidas 1174- 1193	**Filipe II, Filipe Augusto** Rei da França 1165 - 1223 **Frederico I, Barba Ruiva** Imperador do Sacro Império Romano-Germânico 1122 - 1190 **Guilherme II, da Sicília** Rei da Sicília 1155 - 1189 **Guy de Lusignan** Rei do Chipre 1150 - 1194 **Ricardo I, Coração de Leão** Rei da Inglaterra, Duque da Normandia, Aquitânia e Gasconha, Senhor do Chipre, Conde deAnjou, Maine e Nantes e Suserano da Bretanha 1157 - 1199		
IV Cruzada	**Inocêncio III** (Lottariodei Conti di Segni) 1160-1216 Itália / Anagni	**Isaac II Ângelo** Imperador Dinastia Ângelo 1156 - 1204 **Aleixo III Ângelo** Imperador	**Alfedal ibne Saladino** Emir de Damasco Dinastia Aiubidas 1138 - 1193	**Balduíno IX de Flandres / Balduíno I de Constantinopla** Conde de Flandres, Imperador Latino da Constantinopla 1172 - 1205		

Cruzadas	Papas	Imperadores e Generais Bizantinos	Sultões e Generais	Reis e Nobres	Cardeais, Bispos e Monges	Templários
		Dinastia Ângelo		**Bonifácio II de Monferrato / Montferrat** Marquês de Monferrato Rei da Tessalônica 1202 -1253 **Enrico Dandolo** Doge de Veneza 1107 - 1205		
V Cruzada	**Honório III** (Cencio Savelli) 1150 - 1227 Itália / Roma			**André II da Hungria / André II Árpád Hiérosolymitai** Rei da Hungria 1175 - 1235 **Frederico II** Imperador do Sacro Império Romano / Rei da Itália, Rei da Sicília, Rei de Jerusalém 1194-1250 **João I de Brienne / Balduíno II** Rei de Jerusalém, Imperador Latino de Constantinopla 1148 - 1237	**Palo Galvão / Paio Galvão** Cardeal de Pelúgia 1165 - 1230	
VI Cruzada	**Gregório IX** (Ugolino di Anagni) 1145 - 1241 Itália / Anagni		**Camil / Malique Camil NaceradimAbu Almaali Maomé** Sultão do Egito Dinastia Aiubidas 1180 - 1238	**Frederico II** Imperador do Sacro Império Romano, Rei da Itália, Rei da Sicília, Rei de Jerusalém 1194 - 1250		
VII Cruzada	**Inocêncio IV** (Sinibaldo Fieschi) 1195 - 1254 Itália / Manarola			**Carlos D'Anjou / Carlos I** Conde D'Anjou, Rei da Sicília e Nápoles, Rei da		

Cruzadas	Papas	Imperadores e Generais Bizantinos	Sultões e Generais	Reis e Nobres	Cardeais, Bispos e Monges	Templários
						1244 - 1314

Maçons e Demais Personagens	Maçons	Outros Personagens
	Sir William Schaw Mestre em Obras de James IV 1550 - 1602 **EliasAshmole** Antiquário, Político, Oficial deArmas, 1617 - 1692 **Robert Moray** Estadista, Diplomata, Juiz, Espião, Maçom e Filósofo Natural 1609 - 1673	**Bjarni Herjólfsson** Explorador Viking do Século X 1° Europeu a avistar a América ???? - ???? **Esquin de Floryan** Nobre e Templário Renegado ????-???? **Ethelstan / Etelstano** Rei dos Anglo Saxões 895 - 939 **Rollo, Rolão, Rolfo** Líder Viking I Governante do Ducado da Normandia 860 - 932 **Guilherme de Nogaret** Ministro, Chanceler e Chefe da Guarda Francês 1260 - 1314 **Kublai Khan V** Grão-Cã do Império Mongol 1215 - 1294 **Guilherme de Nogaret** Ministro, Chanceler e Chefe da Guarda Francês 1260 - 1314 **Kublai Khan** V Grão-Cã do Império Mongol 1215 - 1294 **Madoc / Madog ab Owain Gwynedd** Rei Galês ???? - ???? Muitos dos personagens não constam nas tabelas, por não haver referencial histórico em relação a eles.

Relação dos Grão Mestres Templários

	Nome	Período	Brasão
1°	Hugo de Payens	1118-1136	
2°	Roberto de Craon	1136-1147	
3°	Everard des Barres	1147-1149	
4°	Bernardo de Tremelay	1149-1153	
5°	André de Montbard	1153-1156	
6°	Bertrando de Blanchefort	1156-1169	
7°	Filipe de Milly	1169-1171	
8°	Odo de Saint Amand	1171-1179	
9°	Arnaldo de Torroja	1181-1184	
10°	Geraldo de Ridefort	1185-1189	

11°	Roberto de Sablé	1191-1193	
12°	Gilberto Horal	1193-1200	
13°	Felipe de Plessis	1201-1208	
14°	Guilherme de Chartres	1209-1219	
15°	Pedro de Montaigu	1218-1232	
16°	Armando de Préigord	1212-1244	
17°	Ricardo de Bures (Contestado)	1244-1247	
18°	Guilherme de Sonnac	1247-1250	
19°	Reinaldo de Vichiers	1250-1256	
20°	Thomas Berard	1256-(desaparecido)	

21°	Guilherme de Beaujeu	1273-1291	
22°	Teobaldo Galdino	1291-1292	
23°	Jacques de Molay	1292-1314	

NOTAS

1. **Seljúcidas,** seldjúcidas ou seljuks eram um povo nômade turco de religião islâmica sunita que gradualmente adotou a cultura persa e contribuiu para a tradição turco-persa na Ásia medieval Central e Ocidental.(Fonte Wikipédia).

2. **Caio Júlio César** foi um patrício, líder militar e político romano. Desempenhou um papel crítico na transformação da República Romana no Império Romano.(Fonte Wikipédia).

3. **Jiade ou Jihad** é um conceito essencial da religião islâmica e significa "empenho", "esforço" ou "luta" — o significado exacto dependerá do contexto. É habitualmente entendida como "guerra santa" travada contra os inimigos da religião muçulmana.Aquele que segue a jihad é conhecido como mujahid. (Fonte Wikipédia).

4. **O Califado Fatímida** foi um califado formado com a ascensão da dinastia dos Fatímidas, uma dinastia xiita ismaelita, de origem árabe, constituída por catorze califas, que reinou na África do Norte entre 909 e 1048 e no Egito entre 969 e 1171. (Fonte Wikipédia).

5. **Levante** é um termo geográfico impreciso que se refere, historicamente, a uma grande área do Oriente Médio ao sul dos Montes Tauro, limitada a oeste pelo Mediterrâneo e a leste pelo Deserto da Arábia setentrional e pela Mesopotâmia. O Levante não inclui a Península Arábica, o Cáucaso ou a Anatólia (embora às vezes a Cilícia seja incluída). De uma forma geral, a região se resume à Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e ao Chipre.(Fonte Wikipédia).

6. **A Batalha de Hattin,** nos Cornos de Hattin, foi uma grande derrota dos cristãos nas Cruzadas. A batalha ocorreu em 1187 e os muçulmanos reconquistaram Jerusalém.(Fonte Wikipédia).

7. **A Abadia de Cister** é a segunda fundação de São Roberto de Molesme situada na comuna francesa de Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, no departamento de Côte-d'Or da região da Borgonha, à que ele batizou como Novum Monasterium para o diferenciar do de Molesme de onde procedia. (Fonte Wikipédia).

8. **A Guerra dos Cem Anos** foi uma série de conflitos travados de 1337 a 1453 pela Casa Plantageneta, governantes do Reino da Inglaterra, contra a Casa de Valois, governantes do Reino da França, sobre a sucessão do trono francês. Cada lado atraiu muitos aliados para a guerra. (Fonte Wikipédia).

9. **Baphomet,** Bafomete ou ainda Bafomé é uma criatura simbólica que apareceu como um ídolo pagão em transcrição do julgamento da inquisição dos Cavaleiros Templários no início do século XIV. O nome apareceu pela primeira vez na consciência popular inglesa, no século XIX. (Fonte Wikipédia).

10. **Sarracenos** era uma das formas usadas pelos cristãos da Idade Média para designar genericamente os árabes ou os muçulmanos. Em português o termo é usualmente aplicado especificamente aos árabes que dominaram a Península Ibérica. (Fonte Wikipédia).

11. Os indígenas nativo americanos, **ameríndio**s ou ainda índios nativo americanos são os habitantes da América antes da chegada dos europeus, e os seus descendentes atuais. A hipótese mais aceita para a sua origem é que os primeiros habitantes da América tenham vindo da Ásia, atravessando a pé o Estreito de Bering (Beríngia), no final da idade do gelo, há 12 mil anos. (Fonte Wikipédia).

12. **Mamelucos**, também chamados de mamelucos, eram soldados de uma milícia egípcia constituída por escravos turcos. (Fonte Wikipédia).

13. O **Plano Marshall,** um aprofundamento da Doutrina Truman, foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução dos países aliados da Europa nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial.A iniciativa recebeu o nome do Secretário de Estado dos Estados Unidos, George Marshall. (FonteWikipédia).

14. A dinastia **Capetíngia**, também chamada dinastia rebelada, foi uma dinastia real que governou a França durante mais de trezentos anos. O nome vem da alcunha do fundador, Hugo, duque dos francos.(Fonte Wikipédia).

15. A **Batalha de Bannockburn** (23 - 24 de junho de 1314) foi travada entre forças da Inglaterra e da Escócia, resultando em vitória significativa para esta última, no âmbito das Guerras de Independência Escocesa.

O exército inglês, de cerca de 25.000 homens, comandado por Eduardo II da Inglaterra, foi interceptado no vau de Bannockburn (riacho Bannockburn, afluente do rio Forth) por um contingente escocês de cerca de 9.000 soldados, sob o comando de Robert Bruce.Aos primeiros embates do dia 23, relativamente modestos, seguiu-se um grande confronto no dia seguinte. O resultado pode ser atribuído à desastrada disposição das forças inglesas, entre dois riachos e em solo pantanoso. Eduardo II retirou-se do campo e fugiu de volta à Inglaterra.

A vitória escocesa foi completa e, embora o reconhecimento inglês da independência da Escócia ainda tardasse mais de 10 anos (1328), ajudou Roberto I a restabelecer um Estado soberano escocês (Fonte Wikipédia).

16. O termo arquitetônico **abside**, do latim absis ou absides e originariamente do grego apsis ou apsidos, que significa arco ou abóbada, é a ala de um edifício que se projeta para fora de forma semicilíndrica ou poliédrica e em que o remate superior é geralmente uma semi cúpula ou abóbada. (Fonte Wikipédia).

17. O **Império Carolíngio** foi um grande império dominado pelos francófonos na Europa Ocidental e Central durante o início da Idade Média. Era governado pela dinastia Carolíngia, que governava como reis dos Francos desde 751 e como reis dos Lombardos na Itália a partir de 774. (Fonte Wikipédia).

18. **Arcobotante** é uma construção em forma de meio arco, erguida na parte exterior dos edifícios na arquitetura gótica para apoiar as paredes e repartir o peso das paredes e colunas. Só assim

se conseguiu aumentar as alturas das edificações, dando forma (beleza) e função (estrutura) com a técnica da época. O arcobotante liga-se ao botaréu (contraforte), e estes, ligados, auxiliam-se na sustentação do peso da abóbada. (Fonte Wikipédia).

19. **Asmoneus**, (romaniz Hashmonaim) também ditos hasmoneanos ou asmonianos,[2] eram os membros da dinastia governante durante o Reino Asmoneu de Israel (140 - 37 a.C.),[3] um Estado judaico religioso independente situado na Terra de Israel. A dinastia dos asmoneus foi fundada sob a liderança de Simão Macabeu, duas décadas depois de seu irmão, Judas Macabeu ("Martelo") derrotar o exército selêucida durante a Revolta Macabéia, em 165 a.C ... O Reino Asmoneu sobreviveu por 103 anos antes de se render à dinastia herodiana, em 37 a.C ... Ainda assim, Herodes, o Grande sentiu-se obrigado a se casar com uma princesa da casa dos asmoneus, Mariamne, para legitimar seu reinado, e participou de uma conspiração para assassinar o último membro homem da família dos asmoneus, que foi afogado em seu palácio, na cidade de Jericó.(Fonte Wikipédia).

20. **Qumran**, Khirbet Qumran, "ruína da mancha cinzenta", é um sítio arqueológico localizado na Cisjordânia, a uma milha da margem Lombardos ou longobardos eram um povo germânico originário da Europa Setentrional que colonizou o vale do Danúbio e, a partir dali, invadiu a Itália bizantina, em 568, sob a liderança de Alboino. Localizava-se a noroeste do Mar Morto, a 12 km de Jericó e a cerca de 22 quilômetros a leste de Jerusalém.(Fonte Wikipédia) .

21. **Lombardos** ou longobardos eram um povo germânico originário da Europa Setentrional que colonizou o vale do Danúbio e, a partir dali, invadiu a Itália bizantina, em 568, sob a liderança de Alboíno.(Fonte Wikipédia).

22. **Boaz e Jaquim são** duas colunas de cobre que ficavam à frente do Templo de Salomão, o primeiro Templo em Jerusalém. Outras versões da Bíblia referem-se a elas como latão ou bronze. O Período se refere à idade do Bronze. Os nomes Boaz e Jaquim remetem a dois personagens do Velho Testamento.(Fonte Wikipédia).

23. **Vendeta** (substantivo de origem italiana Vendetta) é uma sequência de ações e contra-ações motivadas por vingança que são levadas a cabo ao longo de um extenso período de tempo por grupos que buscam justiça; ela foi uma parte importante de muitas sociedades pré-industriais, especialmente na região mediterrânea, e ainda hoje persistem em algumas áreas.(Fonte Wikipédia).

24. **Kamikaze** ou, em português, kamikaze eram os pilotos de aviões japoneses carregados de explosivos cuja missão era realizar ataques suicidas contra navios dos Aliados nos momentos finais da campanha do Pacífico na Segunda Guerra Mundial.(Fonte Wikipédia).

25. **Guerras dos Bispos**, foram conflitos, tanto a nível político como militar, que ocorreram entre 1639 e 1641 por questões de poder na Igreja na Escócia e na Irlanda, e os direitos sobre ela da coroa da Inglaterra.(Fonte Wikipédia).